



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

LENON VICTOR XAVIER BRASIL

TAPANÃ: memórias e crônicas da urbanização belenense nos anos 1980 e 1990

Belém/Pa
2020

LENON VICTOR XAVIER BRASIL

TAPANÃ: memórias e crônicas da urbanização belenense nos anos 1980 e 1990

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Pere Petit Peñarrocha

Linha de Pesquisa: Cidade, Floresta e Sertão: Cultura, Trabalho e Poder.

Belém/Pa
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

B823t Brasil, Lenon Victor Xavier.
TAPANÃ : memórias e crônicas da urbanização belenense nos anos
1980 e 1990 / Lenon Victor Xavier Brasil. — 2020.
152 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Pere Petit Peñarrocha Dissertação
(Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em História, Belém, 2020.

1. Tapanã. 2. Ocupação. 3. Memória. 4. Belém. I. Título.

CDD 981.15

LENON VICTOR XAVIER BRASIL

TAPANÃ: memórias e crônicas da urbanização belenense nos anos 1980 e 1990

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Pere Petit Peñarrocha

Data da Avaliação: 18/12/2020

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Pere Petit Peñarrocha – Orientador

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – PPHIST – UFPA

Prof^a. Dr^a. Leila Mourão Miranda – Examinadora Interna

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – PPHIST – UFPA

Prof^a. Dr^a. Maria Elvira Rocha de Sá – Examinadora Externa

Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – PPGSS – UFPA

Belém/Pa
2020

Àqueles que buscam respostas nos ímpetos de lua cheia, onde a mística até tarda, mas nunca falta. À memória dos reais construtores da cidade – a classe trabalhadora.

AGRADECIMENTOS

O primeiro ano do mestrado foi o mais doído. Eu havia me planejado para ajudar, com a bolsa de mestrado, na reforma da minha casa, que é casa dos meus pais, no Promorar. Quando fui aprovado, após os habituais festejos, passei a contar inocentemente com o ovo no... quer dizer com o incerto, sabes como é... Tinha esperança de que em breve teria o auxílio, comecei a instigar pai e mãe para que derrubássemos o único quarto da casa para levantar sobre esse outros três, um no térreo e dois num primeiro andar. Derrubamos, a construção veio, iniciou em fevereiro foi até abril ou maio, por aí. As contas perduraram o resto do ano.

Acontece que a bolsa de mestrado, no primeiro ano, foi uma miragem, podia sair a qualquer momento, mas não veio e ludibriou minhas expectativas. Se falo sobre isso é para agradecer enormemente aos meus pais que se dispuseram a gastar as economias de tantos anos para melhorar nossa casa, e da melhora saiu um quarto que possibilitou minha concentração e devaneio para desenvolver as páginas que seguem. Com sentimento de dívida eterna pelo cuidado e carinho, agradeço-vos todo o sacrifício despendido em prol de momentos como este. Minha família sempre foi um esteio, um ponto de tranquilidade para desenvolver minhas aptidões, são vários os exemplos de irmãos, primos, primas, tios, tias que aconselham e que demonstram o gosto de poder me ver estudar. Tomara que todo esse conhecimento se transforme em semente, isso é o que mais desejo, ajudar a trazer ao mundo o grito de esperança.

Agradeço imensamente aos moradores do Tapanã que contribuíram para que eu pudesse sistematizar as miudezas do cotidiano e os grandes feitos de uma vida. Em especial agradeço à família Muniz (Marlúcia, Edson, Marvin, Marina e Marília), pelas inúmeras acolhidas e pela extrema paciência em me acompanhar nas caminhadas e visitas, e também me respondendo sobre especificidades do bairro (nomes, datas, momentos). Com a família Muniz pude tomar conhecimento de boa parte das informações necessárias a pesquisa. Espero que sintam como eu, essa pesquisa também é de vocês, tenho todo o gosto de compartilha-la.

A partir deles conheci Dona Nazaré e Antônia Salgado, que gosto me causa saber que no Tapanã as referências femininas foram encorajadas, sobressaíram-se em meio as adversidades e constituem o reflexo das lutas do bairro. Agradeço muito pelas trocas de saberes e pelo interesse em compartilhar (e confidenciar) suas memórias com esta pesquisa. Igualmente agradeço a João Radical que me recebeu tão cordialmente em sua casa, e tão animado estava em poder contar sobre as cenas do passado. Fico imensamente lisonjeado. Tomara que eu tenha podido representar a bonita história que vocês e suas famílias vêm escrevendo.

Também agradeço aos amigos de sonho e de luta. Aos irmãos que a vida colocou nas trilhas do meu caminho, sempre me ajudam a reiterar a importância da delicadeza e da ternura.

A mística que envolve seus abraços acalentou o desassossego inerente a sociedade moderna capitalista. Nas inúmeras conversas com os amigos pude exorcizar, tanto quanto se pode, as inseguranças e ansiedades. Destaco as amigas Jane, Raquel e Gisiane, e em especial agradeço a Beatriz Luz que me ajudou tantas vezes na revisão e mesmo na produção de sentidos e metodologias que em certo momento estavam tão embaralhadas, muito obrigado pequena sagitariana. Junto aos amigos estão os companheiros e companheiras do Movimento Sem Terra ao qual tenho aprendido e me formado como um ser humano disposto a desagregar o rumo da opressão. Ficarei sempre tranquilo enquanto estiver seguindo as vozes que anseiam pela morada prometida.

Também agradeço a Universidade Federal do Pará, ao Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (PPHIST), pela oportunidade em poder aprofundar meus estudos e pesquisas sobre a Amazônia paraense. Agradeço também ao apoio do orientador Pere Petit Peñarrocha, e junto com ele todos e todas as docentes que puderam compartilhar seus anos de estudo e leitura comigo, aqueles dias em sala foram de imensa valia, carregarei comigo para o resto da vida. Dessa feita, lembrando aqueles dias, agradeço também aos meus amigos e amigas de turma do mestrado e doutorado, amigos de Manaus, Santarém, Bragança, Belém, Maranhão, cobrindo os recantos na busca de dar tom e cor ao nosso passado, grato pela disposição em dividir comigo sua experiência com a técnica historiográfica, logo eu que cheguei de enxerido nessa cadeira, tenho muito respeito pelo lindo ofício do e da historiadora.

Não sei se essas palavras conseguem alcançar a imensa satisfação de poder ter contato com tanta gente especial que me ajudou a produzir esse material. Muito Obrigado.

Lenon Xavier, Promorar, aos 25 de novembro de 2020.

Agora nós vamos pra luta
A terra que é nossa ocupar
A terra é pra quem trabalha
A história não falha
Nós vamos ganhar.

(Hino da Reforma Agrária, Benedicto Monteiro)

RESUMO

Esta pesquisa relata um pouco da História do Tapanã através de memórias dos moradores que ocuparam suas terras. O processo de territorialização no Tapanã intensifica por conta, em grande medida, das ações de ocupação de famílias sem moradia, e que vão se articulando em torno de movimentos sociais como o Conselho Comunitário do Tapanã, Movimento das Famílias Sem Terra, Movimento de Posseiro, Grita Tapanã, Comunidades Eclesiais de Base, Comissão dos Bairros de Belém, entre outros. Um processo de urbanização metropolitana que remonta às décadas de 1980 e 1990. Uma ocupação cria um quadro de socialização de experiências, ao mesmo tempo que o caráter precário que costumam ter provocam uma convivência prenhe de conflitos que marcam profundamente a construção do espaço urbano belenense. Instigo a interpretação de memórias que entrelaçam uma variedade permanente de produção de estratégias na territorialização do Tapanã, compreendendo para isso o processo de participação ativa, consciente e planejada nas ações de ocupação de terra. Frequente por quase 8 anos o Tapanã, principalmente a rua das orquídeas, 116 (moradia fruto do processo de ocupação). Procurei vivenciar e interagir com os caminhos que levam o historiador ao objeto de pesquisa, por isso visitei diversas vezes o Tapanã, assim como procurei estabelecer um contato frequente com os memorialistas, que são eles: Família Muniz (Marlúcia Muniz, Edson Muniz, Marina Muniz, Marília Muniz e Marvin Muniz), Maria de Nazaré, Antônia Salgado e João Gonçalves – referências na articulação da luta pela terra no Tapanã. Incluo no trabalho uma narrativa em que procuro aliançar combinações da escrita com a oralidade, dei ao terceiro capítulo a alcunha que resume minhas pretensões de como contar esta História, Uma Crônica Tapanauense.

Palavras-Chave: Tapanã; Ocupação; Memória; Belém.

ABSTRACT

This research reports a little of the History of Tapanã through memories of the residents who occupied their lands. The territorialization process in Tapanã intensifies due, to a large extent, to the occupation actions of homeless families, which are articulated around social movements such as the Conselho Comunitário do Tapanã, Movimento das Famílias Sem Terra, Movimento de Posseiro, Grita Tapanã, Comunidades Eclesiais de Base, Comissão dos Bairros de Belém, among others. A process of metropolitan urbanization that dates back to the 1980s and 1990s. An occupation creates a framework for the socialization of experiences, at the same time that the precarious character they usually have provokes a coexistence full of conflicts that deeply mark the construction of the urban space in Belém. I encourage the interpretation of memories that intertwine a permanent variety of production strategies in the territorialization of Tapanã, comprising the process of active, conscious and planned participation in land occupation actions. I have frequented Tapanã for almost 8 years, mainly Rua das Orquideas. 116 (housing resulting from the occupation process). I tried to experience and interact with the paths that lead the historian to the research object, that's why I visited Tapanã several times, as well as I tried to establish frequent contact with the memorialists, which are: Muniz Family (Marlúcia Muniz, Edson Muniz, Marina Muniz, Marília Muniz and Marvin Muniz), Maria de Nazaré, Antônia Salgado and João Gonçalves - references in the articulation of the struggle for land in Tapanã. I include in the work a narrative in which I try to ally combinations of writing with orality, I gave the third chapter the nickname that summarizes my pretensions of how to tell this History, Uma Crônica Tapanauense.

Keywords: Tapanã; Ocupação; Memória; Belém.

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Cidade de Belém no início do século XX	40
Mapa 02 – Área de Expansão Metropolitana de Belém	64

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Bairro da Matinha na década de 1960, onde se localizava a passagem 3 de maio citada na entrevista de Sheila	51
Figura 02 – Residencial Laércio Barbalho	87
Figura 03 – Feirão da Construção e Construnorte, dois comércios de material de construção na beira da Rodovia do Tapanã	87
Figura 04 – Rua das Begônias, Tapanã	89
Figura 05 – Residencial Viver Primavera (empreendimento financiando pelo programa federal Minha Casa Minha Vida)	89
Figura 06 – Antigo galpão de indústria, ao lado se vê barracos de uma ocupação acoplados a estrutura	90
Figura 07 – As constantes ocupações	90
Figura 08 – Condomínio de alta padrão Jardim das Palmeiras	91
Figura 09 – Lugares de Memória: uma das ruas da ocupação Nahuel Moreno, representação da década de 90 para João Radical	105
Figura 10 – Dia de assembleia na Associação Comunitária Maria de Nazaré na primeira metade da década de 90	112
Figura 11 – A Associação também era espaço de cultura e lazer das crianças	112
Figura 12 – Associação Comunitária Maria de Nazaré na atualidade	113
Figura 13 – Representação de Centro Comunitário dos organismos de luta por moradia	113
Figura 14 – Lugares de Memória: Unidade Municipal de Saúde do Tapanã, conquista lembrada por Antônia Salgado como uma das mais importantes do bairro	118
Figura 15 – A construção do UMS Tapanã contou com participação popular ativa	118
Figura 16 – Antônia Salgado falando sobre a Rádio Popular do Tapanã	119
Figura 17 – Pedro Paulo, radialista da Rádio Popular do Tapanã	119
Figura 18 – O movimento do “Grito” se espalhou pelos bairros de periferia de Belém e chegou até o Tapanã – “Grita Tapanã”	119
Figura 19 – As moradias onde o trabalho político dos centros comunitários se estendia	120
Figura 20 – Dona Nazaré ao redor das suas plantações de rosas	137
Figura 21 – Dona Nazaré, referência de liderança no Tapanã	137
Figura 22 – Urubu, pássaro presente no cotidiano das periferias belenenses	140
Figura 23 – The Fireside Angel, Max Ernst	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Industrias às margens da Rodovia Arthur Bernardes incentivadas por recursos da SUDAM	65
---	----

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 – O TEMPO DA MEMÓRIA.....	22
1.1 – A sociedade industrial	22
1.2 – História, memória e literatura	24
1.3 – Memórias da periferia.....	28
CAPÍTULO 2 – DOMÍNIOS, EXPANSÃO E ESCONDERIJOS	34
2.1 – Rota de defesa: a ocupação militar do Tapanã.....	34
2.2 – Rota de Fuga.....	36
2.3 - Rota para a vitória I: a civilização	38
2.4 - Rota para a vitória II: a grande guerra e os soldados da borracha	42
2.5 – Segunda légua patrimonial.....	47
2.5.1 – A vida nas baixadas	47
2.5.2 – Vida Vivida	52
2.5.3 – A ilusão mercantil.....	56
2.5.4 – Industrialização e expansão metropolitana.....	60
CAPÍTULO 3 – UMA CRÔNICA TAPANAUENSE	69
3.1 – Alta madrugada.....	69
3.2 – Os Munizes.....	71
3.3 – Transitando I: os caminhos	74
3.4 – Oito.....	78
3.5 – Viagem no tempo... ..	88
3.6 – Transitando II – O Chiado	91
3.7 – Novo Benguí ou Cumpadre	93
3.8 – Cabano e Radical.....	99
3.9 – Centro Comunitário ou A memória política do trabalho	107
3.10 – O igarapé.....	121
3.11 – O centro do mundo	123
3.12 – Mães e pais.....	128
3.13 – O bilhete e a regularização.....	134
3.14 – Transitando III – O Urubu	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	147

INTRODUÇÃO

O objetivo central desta jornada na memória amazônida explicarei contando-lhe um pequeno fragmento da vida profissional. Desde a infância tive alguns desejos em torna-me professor (e de matemática), talvez a apregoação das dificuldades da profissão tenham me desvirtuado um pouco do vislumbre de lecionar. Por isso, quando em 2008 me inscrevi no PSS da Universidade Federal do Pará, procurei alguma ciência que estivesse em íntima correspondência com os números. Ciências Econômicas atraiu minhas atenções, fui calouro desta cadeira em 2009.

Não demorou muito fui atraído pelos clássicos da Economia Política e pela História Econômica da Amazônia, ambos expunham a luta de classes e nossa condição colonial de exploração. Pareceu-me que o mundo estava de cabeça para baixo. O que eu sabia da Amazônia, minha vida inteira, como um sonho, refletia somente sobre a imagem de grande floresta. Tinha pouca noção que até o jeito de comer e dormir mergulhavam fundo no labirinto verde. Não sei como explicar melhor o sentimento de indignação ao perceber que nossa História foi sistematicamente apagada. Quais rios do passado devo mergulhar quando a mão branca pesa sobre a tinta?

Saí da universidade fatigado pela ideia empresarial de profissão, e, envolto nos desafios do desemprego, retornei à ideia inicial: continuo a carreira acadêmica e posso ser professor, tal qual as preces da infância. Alimentei o desejo, desde então, de um mestrado em História (e matemática? perguntará). Em 2017, fiquei sabendo de um edital para educador, um curso de Educação Popular em Saúde (EdpopSUS). Dentre tantas experiências fundamentais, essa marca profunda importância na decisão do objeto de estudo, história dos bairros de Belém.

O EdpopSUS era voltado para lideranças comunitárias e principalmente para ACS's e ACE's (Agentes Comunitários de Saúde e Agentes Comunitários de Endemias). Dez encontros em que discutimos as bases da saúde pública aliada aos princípios da Educação Popular. Círculos de Cultura que procuravam compreender, através da problematização e da participação democrática no debate, as dificuldades para a universalizar o Sistema Único de Saúde (SUS).

Em um desses encontros, estudando território, os(as) educandos(as)¹ foram provocados(as) a entrevistar alguns moradores mais antigos do seu bairro, deviam sistematizar peculiaridades e processos de conquista de políticas públicas para o território. No encontro seguinte, retorno das entrevistas, grande vislumbre. Os educandos vibravam a cada intervenção.

¹ A generalização do gênero será feita, neste trabalho, ora no sentido masculino ora no feminino.

Levaram pessoas da comunidade para compartilhar memórias. Nos emocionamos com a intensidade de saberes advindos de homens e mulheres “comuns”, *cheios de História*.

Instigados(as) por essa fantasmagoria, refletimos sobre a importância de estudar nas escolas, desde as primeiras idades, a história dos bairros de Belém. Perguntei a elas e eles: “o que vocês acham, seria importante?”. A resposta de todos e todas, unânime e imediata, causa até estranheza: “é claro que sim!”

E por que tal não acontece? Qual angústia sombreia as experiências? Conhecemos tão pouco nossa história!? Assum preto, estaríamos realmente cegos?

...

Essa reflexão me levou ao intenso processo de urbanização belenense, onde os diferentes usos do solo fervilham em ocupações/invasões por indústrias, posseiros, grileiros, movimentos sociais, etc. Uma gama de conflitos. Considerei um estudo sobre o Tapanã por se fazer encaixar em variadas condições. Morei e convivi no Tapanã por vários anos, primeira condição da que objetivamente me fazia obrigar, já que não gostaria de estudar algum fenômeno distante, onde o trabalho de campo não se operasse olhos nos olhos. Segunda condição, o Tapanã até finais dos anos 1970 era um grande sítio rural sob propriedade de alguns poucos donos, fez-se urbano nos anos 1980 e em ritmo assombroso a partir dos 1990, cumprindo função de abrigar o processo de industrialização e a explosão demográfica na área metropolitana da capital paraense. Por fim, contaria fragmentos da história do bairro, como no exercício provocado aos Agentes Comunitários, a partir das memórias dos moradores do Tapanã. O que me levou ao objetivo principal, reconstituir um panorama da formação do bairro Tapanã na década de 1980 e 1990 a partir das memórias de moradoras(es) de referência nos movimentos sociais de ocupação de terra.

O Tapanã é mais um bairro periférico de Belém onde as políticas públicas são insuficientes para a promoção do bem estar dos seus moradores, a urbanização pulsante e descontrolada agrava esse quadro; os poucos recursos que chegam já não dão conta das exigências socioeconômicas.

O processo de urbanização do bairro está ligado, em grande medida, às ações de ocupação na segunda léngua patrimonial belenense pela população de baixa renda, período em que se consolida muitas ocupações no bairro do Tapanã (entre elas: ocupação do Jardim Tapanã, Novo Benguí (Parque União), Parque Modelo, Renascer, Cabanos, Nahuel Moreno, Raimundo Jinkings, São Gaspar, Campos Elísios, Jardim das Palmeiras, área do Ranário, área da SEDUC, área da BEM, Novo Milênio – entre tantas outras). De área rural nos anos 1980, lugar onde não

tinha “nada, nada, nada”, no dizer da moradora do bairro Maria de Nazaré, o Tapanã se tornou em 2010 o quarto maior bairro de Belém em termos populacionais.

A partir da família Muniz (Edson Muniz, Marlúcia Muniz, Marina Muniz, Marília Muniz e Marvin Muniz) pude tomar contato com outras(os) ocupantes do Tapanã, participantes do Movimento de Luta por Moradia Popular nas décadas de 1980, 1990 e 2000. Entre os e as moradoras que pude colher relatos (além da própria família Muniz) estão a líder comunitária dona Maria de Nazaré, mulher de referência sempre lembrada pelos moradores ao relatar lutas por moradia no Tapanã. Antônia Salgado, líder comunitária que teve sua vida política despontada ainda no bairro do Benguí, onde organizou instrumentos coletivos de lutou por moradia antes de ir ocupar terra no Tapanã. E João Radical, alcunhado com esse sobrenome pelos movimentos que fez parte, também contribuiu com processos de formação e ocupação de terras naquele bairro.

No entanto, visitei outros moradores e moradoras nas minhas idas e vindas pelo bairro, pude tomar contato com memórias (não gravadas) que me ajudaram a compor alguns dos quadros que represento neste trabalho de pesquisa. Infelizmente, com a vinda da pandemia de COVID-19, precisei reconfigurar muito a quantidade de visitas presenciais, o que prejudicou a coleta de memórias.

As(os) entrevistadas(os) consultadas(os) foram aquelas(es) que vivenciaram os conflitos de luta pelo território, relatos de pessoas que conviveram com as baixadas, com a vida rural, e depois ocuparam terras na segunda léngua patrimonial, no entorno da Rodovia Augusto Montenegro e da Rodovia Arthur Bernardes, no bairro do Tapanã. Estes moradores, para ocupar terras, teceram relações com famílias diversas, migrantes rurais e de outros bairros sem estrutura de políticas públicas adequadas, ao mesmo tempo se organizavam em movimentos sociais pelo direito à cidade, como é o caso do Conselho Comunitário do Tapanã, Movimento das Famílias Sem Terra, Movimento de Posseiro, Grita Tapanã, Comunidades Eclesiais de Base e a Comissão dos Bairros de Belém.

Procuro recuperar imagens do cotidiano dos trabalhadores de Belém, o que implica, naturalmente, em diversas estratégias de composição do território. Levantar alguns movimentos históricos envolvendo a territorialização do Tapanã. Recuperar memórias e outras fontes que possam ajudar a compor ferramentas de entendimento da urbanização no Tapanã. Exercitar uma narrativa historiográfica sobre a história dos bairros para problematizar as condições da urbanização e narrativas que povoam um bairro periférico. Imergir no terreno da história local de vizinhos e vizinhas que trabalharam na construção do bairro e fazer algumas correlações com o sistema produtivo acelerado, global e financeirizado do capitalismo.

Como seria se, desde criança, fôssemos acostumados a ouvir nas escolas relatos da nossa comunidade, como de dona Maria de Nazaré Nascimento Favacho (primeira mulher a construir a Associação de Moradores do Tapanã) e suas experiências para trabalhar na terra e obter moradia no bairro? Se soubéssemos que ela precisou se esconder no mato fugindo da ordem do estado; de outra feita passou quase dois dias encolhida em um camburão, decidida a pelear; ou como da vez que foi transportada em um saco preto, feito lixo. Ela conta satisfeita e risonha “mano eu era muito da atrevida, eu era conhecida do Hélio Gueiros como a Mulher Mão de Ferro, sabe. Eu fui... eu não sei... como eu te disse, eu não sei o dom, a coragem, a vontade...” Modifica de qual forma nossa leitura de mundo e as noções de coletividade? Não sei se pude responder adequadamente, mas penso que na força desta pergunta reside a ideia que me leva ao estudo de formação do bairro a partir de referências históricas do bairro Tapanã.

Minha hipótese não se pretende inovadora, até porque tenho como principal intuito registrar um pouco das memórias que envolvem a urbanização do Tapanã nas décadas de 1980 e 1990. Contudo, sou instigado pelo caráter de “agência” consciente e organizada nas decisões de ocupar a terra por parte de movimentos sociais e/ou posseiros. Os grupos que decidem ocupar terras são estimulados pelo planejamento, decisão coletiva e o exercício da vontade mediada, obviamente, pelo modo de produção capitalista. Se as ocupações se tornam precárias ou desorganizadas é porque os recursos sociais públicos não alcançam seu devido destino. O caráter consciente das ocupações quebra a ideia espontaneísta que está envolta nas discussões de algumas literaturas sobre o movimento de ocupação de terra por famílias sem terra e sem teto.

Procurei depreender um método de entrevista, para estímulo da memória, a partir de encontros e visitas na perspectiva de criar uma atmosfera confortável entre a pesquisa e os moradores. Uma pergunta norteadora instiga as memórias, mas os moradores ficam livres para relatar o momento da ocupação que mais sentem à vontade de falar. Algumas vezes, pedi para que iniciássemos nossa conversa a partir de algum objeto na sua casa que relembra as lembranças de antes. Ou então, começava perguntando sobre como era a rua, detalhes da estrutura da casa, onde ficavam o banheiro, a cozinha, os utensílios domésticos, até o estímulo das lembranças das ruas, dos contatos com os outros moradores, da repressão estatal, das possibilidades de articulação, dos comércios, enfim, a depender do rumo das conversas se enveredava pelo cotidiano do território e suas memórias de composição.

Enfim, procurei utilizar a força de diversas linguagens como mote de análise do resgate dessas memórias, na busca de entender e visualizar como influenciam na retomada de memória de formação do bairro. Além de me basear, naturalmente, em bibliografia especializada em

História Oral, Memórias, Literatura e crítica literária, Geografia do espaço belenense, Economia Política, História Econômica e Filosofia da Práxis.

...

É perceptível o esforço de diversos profissionais das ciências as mais variadas para reconstrução e escrita da História do Pará, por isso considero essa pesquisa uma continuidade dos estudos de tantos e tantas que se angustiaram com a falta de respostas sobre o nosso passado.

Não pretendi escrever A História do Tapanã, me acercando dos pormenores elementares que pudessem fazer parte do lugar. Faltou com certeza a história de Fulano e Beltrana, figuras tão importantes para preencher lacunas da história familiar, da história local, da história da indústria em Belém, da história de subversão, fuga e resistência. Lugares, tempos e movimentos, sem os quais, aqueles e aquelas que viveram ou ouviram falar do bairro devem pensar, não devia jamais passar sem. Eu concordo.

Aqueles que por ventura necessitarem acessar conteúdos relativos ao Tapanã, poderão encontrar nesta pesquisa alguns elementos que ajudam a compreender o processo de territorialização naquela região. Desejei mergulhar pelos rios de uma história que não se conta comumente, ainda que ela apresente fragilidades e descontinuidades que estavam além deste processo de pesquisa e que envolve algumas faltas de estrutura e mesmo um tempo exíguo.

Mas saibam, mesmo que este pesquisador, que ora vos fala, quisesse imensamente abarcar o máximo de entendimento sobre a história deste bairro, sempre faltaria. Falta, sobretudo, a construção popular ativa, problematizadora, amorosa, dialógica, obstinada a construir compartilhadamente² as narrativas, recantos, poemas, amores e tragédias desta cidade.

Tenho certeza de que a narração das memórias, é um processo vastíssimo, acontece independentemente dos conteúdos escolares, e mesmo da percepção da ciência. A história de um bairro, mesmo se fosse o menor da cidade, é tarefa social da coletividade. De um povo que acompanha, no desenrolar das feitura diárias, um imenso mural com a diversidade das vozes que ecoam das suas ruas. Povo que se percebe parte do mundo, e não refém dele. Portanto, este trabalho só poderia oferecer parte de um processo intenso, complexo e rico, que compõe a construção e ocupação de uma cidade e suas ramificações.

...

O elemento textual que se assemelha a um conto literário está presente e muito forte neste texto, e esse provavelmente seja um dos principais estímulos: uma escrita em que procurei (pelo menos assim penso) retratar a realidade com algum teor de crônica, partindo da

² Assim como, certa vez, confabulou o cientista da educação popular Paulo Freire

pressuposição benjaminiana em que o cronista é um contador de histórias que se relaciona com fontes orais, compostas e recompostas a depender das gravuras (imagens) de memórias. Para tal fui estimulado e pesquisei grandes mestres. Destes posso salientar, Dalcídio Jurandir e seu emocionante Alfredo de *Chove nos Campos de Cachoeira, Três Casas e um Rio e Belém do Grão Pará*. Sua influência me levou a Miguel, afilhado-do-diabo, de Benedicto Monteiro e sua Tetralogia da Amazônia – na sequência poderás, caso tenhas intimidade com o autor, ver rastros da sua narrativa em *Verde Vagomundo* e em *O Minossauro*. Também me encantou sobremaneira Honoré de Balzac, continuam vivos na minha lembrança a doce *Eugenia Grandet*, os infortúnios do *Pai Goriot*, a fantasia filosófica de *A pele de Onagro* e os desencantos do poeta em *Ilusões Perdidas*. Procurei, depois de ler Walter Benjamin e Ecléa Bosi, os belíssimos contos de Nikolai Leskov, dos quais gostaria de mencionar *A Voz da Natureza* e *Alexandrita*.

No esteio da angustiante experiência de moradores da periferia pude ter contato com a escrevivência de Conceição Evaristo em *Becos da Memória* e *Ponciá Vicêncio*, com o impactante *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus e com os instigantes contos de Geovani Martins em *O Sol na Cabeça*. Gostaria de ter tido contato com outras literaturas que me provocassem um olhar sobre o histórico do Tapanã, devemos estar instigados de produzir material sobre nosso bairro, sobre nossa cidade. O mais provável é que eu não tenha encontrado, muitas pessoas relatam o dia a dia de formas variadas, talvez o que eu procurasse fosse a forma mais oficial de literatura, aquelas publicadas e editadas, de toda forma pude traçar um panorama (e mesmo um desejo de escrita) através da obra do paraense Walmiki Mendonça em *Tapanã, Hospedaria do Diabo*, fiquei feliz de ter descoberto uma literatura sobre o lugar, ao mesmo tempo que me assustei pelo título, ainda não conhecia a história da Hospedaria.

Enfim, tantas e tantos outros permearam o meu imaginário, adocicavam e feriam-me a boca e os dedos. O contato com a literatura me levou diversas vezes a possíveis ambientações do vivido. Relatos baseados nas inúmeras conversas gravadas ou não. Por vezes anotava conversas informais ou simplesmente guardava na memória e, chegando em casa, transcrevia o que lembrava. Tenho considerado os efeitos deste estilo de escrita com carinho, mas também me acerco das preocupações de que os relatos contados não sejam confundidos com desfiguração dos fatos³. Desejo o contrário, reafirmar a importância da diversidade estética e do caráter literário para a escrita da história.

Leitora e/ou leitor, devo lhes dizer, que minha tentativa é também de experimentação para com a linguagem, e mesmo de experimentação da minha própria técnica escrita.

³ Em tempos de comunicação de massa ao estilo *fake news*, todo cuidado é pouco.

Experimentação para recompor a história de um lugar em que as experiências e testemunhos são diversas vezes desvalorizadas. Devo alertar que o meu intuito de aprendiz, no igual equívoco de me permitir passear entre disciplinas do saber e da arte, me fez arredio às fórmulas pré-concebidas. Contudo, não tenho dúvidas, me faltou experiência para escrever como gostaria.

No primeiro capítulo trouxe um panorama acerca das discussões sobre memória que venho pesquisando e que se entrelaçam com meus estudos em Economia Política. São reflexões sobre a produção e refino da memória aliançados ao caráter financeirizado e veloz do modo de produção capitalista, um espaço para discutir e problematizar as memórias dos espaços e sujeitos que compõem a periferia de uma capital na Amazônia.

No segundo capítulo traço um panorama sobre o movimento histórico de povoamento nas terras do Tapanã, o que também poderíamos chamar de processo de colonização daquelas terras. Consequentemente, convido a refletir sobre os diferentes usos desta faixa de terra em outros tempos. Pretendo com isso estabelecer parênteses para falar, brevemente, sobre a Fazenda Tapanã, a Hospedaria do Tapanã e o processo de expansão e industrialização da malha metropolitana belenense.

Já o último capítulo procuro contar a história recente do bairro, o que marca profundamente a discussão sobre a ocupação de terra. Para isso vamos mergulhar no cotidiano das memórias da família Muniz, Maria de Nazaré, Antônia Salgado e João Radical. Quando estava destrinchando as possibilidades de estudo e apresentação das memórias tinha em mente desenhar um quadro das experiências de um pesquisador no seu local de estudo, contaria mais ou menos as experiências com que fui me envolvendo para compreender a história do bairro Tapanã. A montagem deste capítulo que intitulo “Uma crônica Tapanauense” foi francamente estimulada pela construção dos capítulos de Verde Vagomundo. Igualmente devo referendar que a opção por trechos curtos e pausados são emprestados da influência de Walter Benjamin e Leskov.

CAPÍTULO 1 – O TEMPO DA MEMÓRIA

1.1 – A sociedade industrial

O ato de memoriar, recuperar cenas do passado, exige tempo. Sob hegemonia do capital o processo de produção de mercadorias encontrou o ritmo alucinante, o tempo industrial. Engels (2008), na célebre *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, demonstra como a revolução Industrial com o desenvolvimento da máquina, a propulsão hidráulica e a divisão do trabalho industrial, promoveu uma transformação das bases estruturais da sociedade, incluindo mudanças radicais na sua relação com o tempo. O que antes demoraria 50 anos para alcançar, em termos de desenvolvimento do trabalho, começava a ser realizado em 10 ou 5 anos. A ferocidade do processo produtivo encurta o tempo exigido para adquirir experiências.

Todo néctar do tempo, tudo que o trabalho intelectual e manual pode realizar, passa a ser mediado por uma estranha necessidade de produzir mais e mais. Nesse ritmo, as memórias vão aos poucos cedendo espaço às necessidades mais imediatas do presente, ou como diria Ecléa Bosi (2012), a sociedade perde sua capacidade de compartilhar memórias, sistematicamente esquece ou nega as experiências do passado.

No trabalho primoroso de Walter Benjamin (2012a), *O Narrador*, acompanhamos a discussão sobre o declínio do poder da narrativa, das contações de história, da sociedade de ouvintes para a necessidade imediatista da informação, momento de sobreposição do trabalho artesanal pelo industrial. A narrativa considera diversos caminhos, longa jornada. No tempo veloz e transoceânico, as memórias se tornaram espelho da informação, produtos da razão da máquina (ultra-full-master), e “o homem moderno não cultiva o que ele pode simplificar e abreviar” (BOSI, 2012, p. 88). No momento em que pensamos que o repouso principia, é hora de trabalho novo de novo. Já não importa o processo, mas os rápidos resultados.

Pontos de apoio da memória exigem tempo de reflexão que o trabalho mecanizado interrompe, causa de tal forma um sintoma hipnotizante que impede o refino do passado, semelhante caso pode ser percebido pelo excesso de uso do celular. O momento do imperialismo, da fase monopolista do capital, iniciada com a crise dos fins do século XIX, e consolidada com as duas grandes guerras do século XX, pariu a sociedade que “não tem tempo”. Falta tempo para tudo, até para o tédio, e nele polimos as experiências. O tédio é sinônimo de tempo para avaliar e planejar o trabalho, “o tédio é o pássaro onírico que choca os ovos da experiência” (BENJAMIN, 2012a, p. 221).

Com a sociedade dos ouvintes das narrativas em declínio, o corpo passa a movimentar-se menos, o exercício de recuperar a memória vai se modificando na mesma esteira, apartado

das funções sociais anteriores, liga-se a produção de lucro extraordinário e concentração dos meios produtivos.

Bosi (2012) descreve a comunidade a que se destina as velhas e velhos na sociedade industrial – desvalorização da capacidade de trabalho. Para isso lembra a relação dialética entre a memória-hábito, ligada ao trabalho social e à exigência reprodutiva (colher, plantar, comer, dirigir, caminhar), e a memória-ressurreição que recupera as poesias da imagem-lembrança, residência artística da evocação. A percepção da memória-hábito e da memória-ressurreição estão ligadas a saúde do corpo e da mente. Durante várias passagens a autora nos instiga a refletir sobre o trato inferiorizado dado às memórias de um sujeito que dedicou sua vida ao trabalho na era capitalista. Símbolo de sabedoria do passado para a narrativa, passam a ser tratados e tratadas como frágeis e descartáveis na sociedade industrial.

Os e as mais velhas representam o contato com a memória mais antiga, se se descarta sua convivência, como vamos usufruir do trabalho passado? Se considerarmos que os velhos ingerem uma quantidade imensa de combustíveis fósseis para a produção de um dado estilo de vida, de agrotóxicos para se alimentar cotidianamente e mantêm uma relação com seu lembrar que remete aos movimentos subjugados do trabalho; quais as lembranças que ficarão e significarão? Para alcançar o tempo da dignidade e do respeito na velhice, “seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem” (BOSI, 2012, p. 81).

A sociedade da informação, que convive com o monopólio midiático e se pauta pelas agendas do imediato, tem muita dificuldade em retornar a infância dos pais e avós e absorver experiências daquele convívio. Rejeita, no geral, a sociabilidade com os e as mais velhas e de alguma forma deixa de ouvir a vida. Dessa forma as lembranças podem ser desvirtuadas pelos canais produtivos, institucionais e organizacionais que introduzem suas próprias leituras do passado, destacando o que lhes interessa e dissimulando o que incomoda.

As memórias são descartadas no ritmo da obsolescência planejada da sociedade de consumo. A obsolescência dos recursos técnicos, o descarte intenso de mercadorias, conferem ao relembrar rupturas constantes que podem provocar esquecimento. Afastado do produto do seu trabalho, desconectam-se criatura e criador. A memória sofre uma ruptura, aparentemente afastada do convívio com o sujeito, separam-se imagens e paisagens do mundo erguido pelas mãos. O esquecimento, trabalho morto invisível, se torna um cheiro encruado, imperceptível aos desatentos.

O desenho da realidade, que reincide na produção de memórias, perpassa pela paisagem, pela moradia do núcleo grupal e pelos lugares de uso coletivo. Evoca-se lembranças conectando-as ao colégio onde se estudava, ao trabalho em determinada empresa onde se

conheceu tais técnicas e tais pessoas, à árvore onde brincava na infância, ao latido *daquela* cachorro quando chegava em casa. Conectando pequenas peças do cotidiano, podemos preservar e elaborar o passado. As experiências costumam se ancorar nesses pontos físicos e sensoriais, declinando os lastros com o passado contidos nos muros e costumes, a memória coletiva pode perder referências. Podemos considerar que esse processo de perdas de referências visuais é muito intenso no processo de urbanização acelerado.

Perdendo as referências da narrativa e das memórias antigas, o ato de rememorar passa a ser um processo de cuidado com o passado. Pretende-se do escutador ou escutadora a atenção devida ao trato das lembranças, visto que se tratam de cenas da vida íntima que muitas vezes são silenciadas pelas perdas no costume de polir e refinar as experiências. Pede um lugar familiar, acolhedor e seguro. É, portanto, um ato de saúde pública, entendida nos seus âmbitos mais gerais, não só como processo doença e cura, mas como ambiente social propício a reprodução favorável das nossas estruturas físicas, psíquicas e culturais. Rememorar é um trabalho de educação popular em saúde.

Considerando que o tempo de lembrar é trabalho, e este, no seu conteúdo ontológico e estrutural, está dominado por um sistema produtivo onde a produção de valores de troca assume a finalidade maior de expropriar e aprisionar a riqueza do trabalho alheio, então, recuperar e refinar as memórias pressupõe um ato de ruptura, de recuperar os meios de sobrevivência para si. É cuidar do sentido da vida que foi subtraído.

1.2 – História, memória e literatura

Eis que a bomba atômica nos leva para o tempo da catástrofe, as configurações sonhadas no século das luzes ficam cicatrizadas sobrevivendo nos escombros – a memória da modernidade. Convívio intenso entre formas supostamente desenvolvidas e arcaicas. Fissuras do tempo que distendem ainda mais as raízes do trabalho passado e dos narradores antigos (SELIGMANN-SILVA, 2003a). Eclode o sujeito moderno e global, acorrentado às condições do mercado imperialista⁴ enquanto sonha, dormindo em um grosseiro quarto 3x4, com o brilho da tela *hightech*. “A língua é sobrevivente da catástrofe e é a única que porta tanto o ocorrido como a possibilidade de trazê-lo para o nosso agora” (SELIGMANN-SILVA, 2003a, p. 398).

A linguagem do testemunho, o relato da experiência, cria uma força de comunicação capaz de contribuir para compreender os limites e conjurações imagéticas da memória coletiva. Necessitamos por vezes da arte e da estética para compor um quadro que preencha ou aguace os

⁴ Em termos lenineanos contidos em *Imperialismo, fase superior do capitalismo* (1989).

limites das vivências que por vezes são cruéis. Igual como quando se tenta encontrar uma palavra para descrever a degradação em massa (desmedidas ações que necessitam da libertação do trauma), não nos contentamos com o disparate de conceder à uma única palavra, o incrível absurdo do convívio com a miséria do progresso⁵. E nos vêm o poeta e convoca o alimento de continuidade nos escombros, e nomeia o sem-nome de “bicho de quatrocentos anos” de “cujo fel espesso não resiste a quarenta horas de total ternura” (MELLO, 2009, p. 170).

A literatura explora, através de práticas discursivas, possibilidades de analisar imbricamentos entre memória e história. Isso porque a literatura abrange possibilidades do convívio humano, como ler, trabalhar, organizar, contar, amar, recordar (Braga, 2000). Permite um olhar intertextual e também interdisciplinar. A escrita da memória aliada a utilização da literatura, e mesmo compondo através de um texto literário, pode ajudar a análise da projeção que mulheres e homens fazem da História e do conteúdo dinâmico, local e multifacetado que as rodeia.

Somos estimuladas a agir, além da consequência causal de acontecimentos e ações, por uma força específica que deseja uma história diferente (uma realidade que *não foi*, ainda que tenha se desejado muito que *o fosse*), esse desejo é função das condições estruturantes de um sistema vastíssimo de relações determinadas e doadas pelo passado (MARX, 2008). Não reagimos somente pelo que aconteceu ou acontecerá, mas também pelo que poderia ter sido ou pelo que poderá ser. Penso que seja nesses termos que Seligmann-Silva (2003a) tenha apresentado o trabalho de escrita da memória, quando reflete, a partir de Walter Benjamin, o passado como elemento reintroduzido a partir de múltiplas camadas causais que se perpetuam até o momento do relato, dessa forma a literatura de testemunho participa ativamente na construção da história, uma “‘historiografia baseada na memória’ *testemunha* tanto os sonhos não realizados e as promessas não cumpridas como também as insatisfações do presente” (SELIGMANN-SILVA, 2003a, p. 389). O estilo a que se concebe o uso da palavra, para dar corpo e voz às experiências de homens e mulheres nas suas ilíadas e sobrevivências⁶, pode ser encarada como a “redenção” da catástrofe. Na contradição dialética da memória, no conhecimento popular empírico, ancestral e oprimido, unem-se o belo e o grotesco – a redenção e a catástrofe.

⁵ Poderíamos também chamar de “a miséria do progresso” para as grandes guerras mundiais, para a escravidão ou para a aniquilação da memória dos povos originários da América.

⁶ Lembro aqui os dois significados da palavra testemunho com que trabalha Seligmann-Silva (2003b), em latim testemunho varia entre as formas *testis* que representa a experiência comunicada a outro, “o depoimento de um terceiro em processo” (p. 373), e também a forma *superstes* que pressupõe o sobrevivente da experiência.

Para Braga (2000) o ato de lembrar e trazer ao mundo as experiências vivas do ontem, distingue-se pela sistematização do relato (oral, escrito, capturado, gravado), “somos levados a pensar em como, pela narração de nossas lembranças, vamos nos tornando sujeitos e nos inscrevendo na história” (p. 88). Em vários impérios, a escrita das memórias já foi utilizada como elemento de conquista, para manter a supremacia sobre outros povos. Recontar a conquista permite desenvolver um paralelismo entre opressor e oprimido, vencedores e derrotados. A distinção em poder acessar o conteúdo de memória de sujeitos, que não inscrevem suas derrotas, conquistas e amores na história oficial, está em poder contar, difundir e estimular o acesso a outras versões. Democratiza o conteúdo social da História. Afinal se as cidades têm sempre uma grande história, qual é a do teu bairro e dos teus vizinhos?

Certa vez Portelli concedeu uma entrevista quando veio para o VI Encontro de História Oral do Nordeste, realizado na Bahia no ano de 2007. Ele relatou um trabalho que fez com pesquisas de recuperação da memória em comunidades nos Estados Unidos, e aprofunda um pouco lembrando do Kentucky, onde os moradores teriam enormes problemas de autoestima com sua própria memória. O professor de Literatura e especialista em História Oral se sentia intrigado, me parece, porque, apesar dos reveses, a população gostaria de um relato da sua história a partir de bases heroicas e glorificantes, ele decide incluir os momentos da bonita história, mas não exclui os problemas reais enfrentados pela comunidade, dos quais ele salienta: abusos sexuais, violências e o próprio desemprego (contadas como foram ditas pelos próprios moradores). Portelli conta que foi alertado pelo historiador local sobre as leituras que poderiam ser feitas desta história “real”, “somente se assegure que as pessoas entendam que você não as coloca para agredi-las, mas que as coloca num contexto que é um contexto de solidariedade” (PORTELLI, 2011).

O contexto real do cotidiano é atravessado por mediações culturais, econômicas e políticas. O ser humano é dotado⁷ de imenso poder de solidariedade, mas, por outras vezes, estimulado pelo mais vil sistema de opressão. Sujeitos construtores do território e que estão imbuídos de todas as suas majestosas e miseráveis influências. Os seres humanos são compelidos a fazer sua história da forma como aprendem do meio social em que estão inseridos, transportam para sua sociabilidade as crenças de que supõem fazer parte, para que estabeleçam nexos com a realidade ou com os grupos sociais. Assim reage quando recupera suas memórias, partindo de premissas contraditórias (abusos, violências e desemprego). Retornemos a

⁷ Dotado de telencéfalo altamente desenvolvido e polegar opositor como gosta de lembrar diversas passagens do documentário “Ilha das Flores”, dirigido por Jorge Furtado e lançado em 1989.

pergunta, qual a história do teu bairro? Quais as memórias que chicoteiam teu espírito ao pensar na tua resiliência para o trabalho e em toda a violência da paisagem ao redor?

Penso que é sobre isso que Portelli dialoga. A necessidade de encarar o mundo como tal, a realidade em si, do tráfico, milícias, assassinatos. Mas a história e a memória vão além, e esse saber distinto da população local reverbera pulsante, não se trata somente deste conto policialesco. Ou melhor, esse romance possui muitos capítulos. Alguns podem dar muito orgulho para uma comunidade que vive desejosa em lembrar dos atos de beleza e conquista. Penso que para o caso dos bairros da Amazônia, daqueles com nome e tronco indígena onde as pesquisas no google mostram imagens fartas de violência, esquecido no próprio país que repousa, a contação da memória pode ser um processo curativo do trauma do não pertencimento.

O primoroso trabalho de Janaína Amado – O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral (1995a); nos revela algo interessante sobre os testemunhos, produtos da memória. Vindos de um tempo antiquíssimo, podem alongar a generalidade dos acontecimentos, e por vezes reconfigura-los. Certas condições e intenções dos acontecimentos estão sob o julgo dos usos e polimentos da memória. Esses terrenos fugazes do passado, nos retornam de forma variada, por vezes fictícias. A autora demonstrou como um relato “mentiroso” pode se tornar uma instigante fonte historiográfica para entender a memória distorcida no tempo.

Amado (1995a) entrevistou uma testemunha dos acontecimentos da Revolta do Formoso no estado de Goiás, década de 1950. Algum tempo depois, a pesquisadora percebeu que “a maioria das informações prestadas por Fernandes não se confirmava”. Depois de longa pesquisa, conectou as lembranças de Fernandes e a forma relatada por ele com a obra Dom Quixote de Miguel de Cervantes.

Não apenas Fernandes, mas boa parte da população do município de Uruaçu, nascida antes de 1950, conhecia o Quixote; muitos lembraram-se de ter escutado a história, ou parte dela, contada por alguém mais velho. Se alfabetizado, o "contador de histórias", sentado sobre um banco, na calçada ou na praça, lia o livro para uma roda de atentos ouvintes, gente variada: crianças e adultos, homens e mulheres, lavradores, comerciantes, vaqueiros... Se analfabeto, o "contador" narrava o que sua memória guardara e selecionara do que ouvira da história original. Nos dois casos, a platéia participava ativamente, tecendo comentários, divertindo-se, indignando-se, emocionando-se e, o que era freqüente - e, para nosso estudo, particularmente significativo -, relacionando as passagens às próprias histórias de vida. (AMADO, 1995a, p.129)

O conteúdo oral, as histórias e as memórias, registradas de diversos matizes e formas, são incorporadas na nossa leitura de mundo. Incorporam uma sensação de fazer-se no tempo

que estimula o conselho sobre certas decisões do cotidiano (como já vimos com O Narrador de Benjamin). Mulheres e homens de outros tempos que auxiliam nas decisões do hoje, e que chegam a Fernandes (e a população do município de Uruaçu) através das contações do Quixote. A literatura, apesar do seu conteúdo fantástico e por vezes ficcional, posiciona o sujeito no seu tempo, relação ou manifestação do/com o passado em que se procura dar forma e que “não é invenção, mas narração – ou mesmo, construção – do “real” (SELIGMANN-SILVA, 2003b, p. 382).

Nesse bojo as palavras ganham força e significado diverso, ligados ao conteúdo social de que faz parte. Benedicto Monteiro, em *Verde Vago Mundo* (1991), emprestando suas reflexões e memórias a Miguel, narra uma Amazônia a partir do caboco que conhece muito bem a floresta e que enxerga imensas “distâncias” entre a infinidade do verde, da água e do amanhecer, esse *locus* perfaz seu cotidiano e seu trabalho. Emprestando o termo “distância” para Major Antônio, oficial superior do exército que combateu na Segunda Guerra Mundial e que retorna a cidade Alenquer depois de muito anos, as “distâncias” se diluem em sentido e ganham velocidade moderna, Major Antônio sente que a cidade de Alenquer está a anos de distância da realidade mundial, da História das grandes guerras, da industrialização e dos acontecimentos nacionais. Enquanto isso, o caboco Miguel anda às voltas das suas mil e uma fábulas que percorrem mil e uma distâncias entre igapós, furos e igarapés.

A palavra distância focaliza a necessidade de incluir a Amazônia no debate mundial com as peculiaridades e crônicas específicas do tempo das suas margens e paradas, quando toca o mundo entra em choque cultural, mas não elimina de pronto a carga histórica trazida das vozes de antigamente, das imensas distâncias do tempo escondido da Amazônia. Essa reflexão deve nortear uma outra pergunta. Qual a importância de sistematizar as memórias e crônicas dos moradores das distantes periferias de Belém?

1.3 – Memórias da periferia

Neste ponto de reflexão, gostaria de aliançar a percepção do lugar dos velhos e velhas na sociedade, analisadas por Bosi (2012), e tecer diálogos sobre as semelhanças do lugar do sujeito periférico, principalmente no que tange a sua irrealização – não pode vir a ser, lugar irrealizável. Considere, para a leitura deste tópico, a força social e coletiva da memória, complexa e dinâmica, sua perda ou transfiguração podem acarretar “perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou

involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva” (LE GOFF, 1990, p. 421).

Belém vivencia diversos tempos. As informações que prevalecem sobrecarregam as imagens da memória, suas poesias acabam condicionadas pela urgência do encontro com o lugar sonhado. Mas a morada insisti em ressoar risco e trauma. O menino olhado desde a infância como pivete pode absorver a narrativa como real, como destino, e aos poucos acredita que o seu lugar está distante das luzes. É julgado por não ter tido força individual para superar.

Ocorre semelhante caso no sentido coletivo, a periferia disputa uma imagem de memórias perpetuadas sobre ela. Mantendo-se a memória da periferia como lugar de violência e desdor, mais difícil se consolida a memória ligada a valorização do produto do trabalho, dessa forma descarta-se o esforço coletivo, veda-se o conhecimento das estruturas. O produtor do trabalho passa a ser lembrado muito mais pelo grotesco.

A periferia vai-se tornando um meio lugar, uma ponte cruzando fronteiras, a qualquer momento poderá se relacionar com as mais venturosas realizações da engenharia e arquitetura moderna. E quanto mais espera, mais longe fica as distâncias entre cidade vivida e cidade sonhada. A paisagem, as relações de trabalho e a imagem que se constrói sobre a periferia, ocasiona uma espécie de memória da exclusão, esta provoca sua própria imagem do passado e agarra-se a um instinto de continuar vivendo na realização inconclusa de desejos e promessas de outros tempos. Tempos de infância onde tudo podia se ajeitar pelas histórias da mãe ou do pai, os primeiros heróis da memória.

Uma memória ligada ao esquecimento da identidade. Como se não lembrássemos de onde vieram essas terras. Como se as histórias que povoam a construção do vivido não fossem suficientes para amansar os desejos de eternidade. No seu lugar, a memória da exclusão, deixa rastros de violência que competem com a noção de nascer, viver e morrer neste território. É comum os moradores de periferia desejarem, ardentemente, uma mudança. A periferia é uma hospedaria de passagem, um entremeio para a verdadeira morada. E talvez até a noção de boa morada já tenha sido subtraída por essa forma de preencher os campos da memória. Toda ação e construção da sociedade, inclusive das ideias que se fazem da “terra prometida”, do repouso merecido, são conteúdos de pertença social que estabelecem modelos de comportamento e estilos de linguagem. Vejamos dois casos.

Conceição Evaristo (2017) escreve um chocante relato de uma mulher negra, Ponciá Vicêncio, que vive na infância o sonho de mudar-se para a cidade, só assim realizaria todas as suas expectativas no mundo. Vem fugindo de uma condição predatória da vida. Viu mãe, pai, avô, avó, irmão, trabalharem muito e receberem, em quantidade, apenas açoitado e loucura. Tanto

que seu pai quase não falava, seu irmão também não, seu avô tinha um braço amputado, e de sua avó não tinha memórias que atestavam o seu destino. Passados alguns anos, depois de ter conseguido chegar à cidade, Ponciá vai morar em uma favela, onde passa a contemplar, muda, suas memórias recuperadas da infância. Passava dias e mais dias na incredulidade. Algo dentro de si não admitia a realidade latente, por isso divagava, e quase nem sentia a fome e o peso da mão que deixava marcas de convulsão na memória.

Já em *Sense 8*, série norte-americana lançada em 2015, Capheus personagem queniano morador de um bairro muito pobre, recebe a visita de uma outra *sensate*⁸ em sua casa, a indiana Kala. Ela olha atentamente a casa e a mobília. Chama atenção uma televisão de 42 polegadas envolta na mais absurda miséria. Sentados no sofá ela o pergunta: “A primeira vez que entrei em uma casa dessas em Mumbai não havia camas, mas uma televisão tão grande como esta. Como pode ser mais importante uma televisão que uma cama?”. Ele sorridente e confiante responde: “É simples, a cama ti mantém no subúrbio, a tela plana ti tira dele”. Identidade subtraída ou vontade de esquecer? Cabe melhor nos sonhos de Capheus (nas ilusões perdidas) acreditar que luta contra a violência ao estilo dos filmes de Jean Claude Van Damme, do que melhorar as condições básicas de vida. Acessamos conteúdos tecnológicos, mas não conseguimos resolver questões básicas da reprodutibilidade social do nosso território (OLIVEIRA, 2006).

Esse fenômeno provoca a distensão da qual Le Goff trata como perturbações graves da identidade coletiva, consequência do trabalho industrial que contrasta enormemente com as ilusões vendidas. É muito comum que um sujeito adulto periférico esteja muito endividado e/ou com problemas de sociabilidade graves, por conta da não-realização das promessas do tempo capitalista. Ainda assim, consome os sonhos produzidos no mundo transoceânico, conectado que está ao universo virtual através do celular e da televisão. O medo de não ser e não ter é instaurado como tatuagem gritando na frente, e quem vem da periferia, a qualquer instante, pode ser acusado pelos olhares piedosos ou maliciosos que indagam certa infelicidade e ressentimento. Quando não, o mérito da conquista é baseado no sofrimento, assim pode, por breves instantes (entre uma foto e outra do feed de notícias), prestigiar o êxito fluído, parcial e as vezes até desconfortante.

Estes atores e atrizes do urbano constroem sua rede de sociabilidade aliançados e aliançadas na figura de moderno e civilizado que impregna os ecos das casas ao redor. Os usos da terra na periferia permitem uma nova construção de cultura. A disputa da paisagem no espaço

⁸ São os oito personagens principais da série, estão conectados de forma misteriosa, em momentos específicos podem até visitar um ao outro através do que veem e sentem. Dessa forma Kala na Índia visita Capheus no Quênia.

lembra os discursos e significados variados de sertão, com que trabalha a professora Janaína Amado em *Região, Sertão, Nação* (1995b), centro e periferia abrem uma alteridade em que se negam e se complementam. Interdependentes, a hegemonia econômica e cultural do centro, procura lhes mostrar qual sua face mais ordenada.

A periferia é um lugar de memória que cria mitos, medos, esperanças e amores. No Tapanã, por exemplo, podes perguntar a um morador o que lhe faz pertencer, e de repente lhe conta sobre a multiplicidade de fenômenos do lugar. Seus louvores ressoantes. Dos afazeres diários desde às 4 ou 5h da manhã. Das visagens no Cemitério do Tapanã; da sonoridade das festas, bares e da movimentação diária nas feiras; dos vizinhos e parentes que se aglutinam nas portas da casa em churrascos e aniversários ao som do melody, do batidão e dos arrochas do momento. Da galera do Pote – “uma galera do Tapanã que gosta de curtir as aparelhagens no estado do Pará, 100% curtição”⁹. Do seu Vicente – um dos maiores comerciantes da feira local. Da movimentação em torno dos grupos de dança regionais Orgulho da terra e Sensação junina. De um dos lugares que já fora espaço de lazer, o igarapé da Piçarreira. Ou então, lembrará das marcas intensas de urbanização e do desamparo de políticas públicas. Distante do centro, ergue-se às margens das potencialidades que o capitalismo produz.

...

Deve ser recontada em grupo, a história de um bairro. Seu trabalho de investigação, instiga o acesso às vozes perdidas, murmúrios sucumbidos pelo bravejo do herói oficial. Envolve pesquisa de cunho científico e instrumentais acumulados pela produção social, econômica, política e tecnológica. Uma sociedade que compreende a força da participação social como modelo político, deve necessariamente cuidar da memória coletiva do território.

Veja, por exemplo, a confusão causada no filme *Narradores de Javé*¹⁰ quando o escritor da cidade precisou sistematizar a história do lugar para que a pequena cidade não fosse arrastada pela modernização capitalista (simbolizada pela construção de uma hidroelétrica sem nenhuma preocupação com os atingidos). Diversos e esparsos eram os relatos de fundação do local, os moradores se basearam em grandes guerreiros, disputa com bruxas, armas em punho, duelos de honra. A narrativa ficou na memória, os mortos nos lugares biográficos e coletivos, mas a urgência da sistematização historiográfica (necessidade imediata para barrar o progresso que enriquece poucos) determinou os fins da disputa, o pequeno vilarejo foi tomado pelas águas.

⁹ Texto retirado da página no facebook da mencionada Galera do Pote. Permita-me um adendo, podes estar confuso sobre o significado dessa Galera, e o que haveria de relevância em incluí-la. Em Belém algumas fãs clubes se reúnem nos bairros para seguir, acompanhar e frequentar espaços típicos onde rolam os bregas marcantes e tecno melodys, geralmente o que acompanha carretilhas, aparelhagens e sons automotivos.

¹⁰ Lançado em 2004, direção de Eliane Caffé.

Qual tempo para aprender sobre nossas memórias e a importância dos nossos espaços coletivos?
Qual poeta não habitou os campos comunitários da memória nas periferias?

Destruidas a parte de um bairro onde se prendiam lembranças da infância do seu morador, algo de si some junto com as paredes ruínas, os jardins cimentados. Mas a tristeza do indivíduo não muda o curso das coisas: só o grupo pode resistir e recompor traços de sua vida passada. Só a inteligência e o trabalho de um grupo (uma sociedade de amigos e de bairro, por exemplo) podem reconquistar as coisas preciosas que se perderam, enquanto estas são reconquistáveis. Quando não há essa resistência coletiva os indivíduos se dispersam e são lançados longe, as raízes partidas (BOSI, 2012, p. 452).

Meu sonho, por muito tempo, foi morar em apartamento. Dizia sempre, até meados dos 15 anos, enquanto admirava os arranha céus da Doca de Souza Franco: “vou trabalhar e estudar o que for preciso pra morar num desses”. O paraíso. O quinhão de civilidade. Minha representação ideal de juventude era, naquele trânsito da adolescência, a série norte-americana Friends. O modelo ideal estava longe, no *outro* Norte, residia no império e trabalhava muito pouco. E o tempo, as determinações da vida, pareciam abertas para comportar todos os desejos.

Será que estava deslocado? Eu não fazia as conexões de que Friends pudesse estimular minhas práticas e consciência. Só sabia sentir. Só sabia que queria morar daquele jeito, naquele prédio, tomar café com donuts e passear no central park. Depois de um dia cansado de trabalho teria merecido descanso, resposta de uma tão determinada vontade de *ser alguém*, ter estudado e se distinguido na enorme massa.

A adolescência e a juventude na periferia de uma sociedade industrial trazem o despertar da essência contraditória do trabalho e da responsabilidade, dizem que seus ecos devem ser revestidos de bravura e disciplina para alcançar um lugar. Em algum momento estremece, pensando, “e se eu não chegar a tempo”? Como se, de repente, no despertar de um sonho, um anjo entristecido houvesse fechado algumas portas, ainda na tontura, percebe que estava sendo transportado para uma enorme fila, da qual todos e todas corriam a chamar concorrência. Centenas de milhares, tão bons quanto. Com a face rígida, o anjo confia o lamento e se despede, na sua partida deixa transparecer o que havia atrás das asas, enormes linhas e desencontros da História e da Luta de Classes.

Hoje em dia, me parece que não nos alimentamos devidamente de História. Bosi (2012) e Martins (1992) buscaram nas suas pesquisas a correlação dos imbricamentos de História e Memória para o entendimento responsável pela maturação psíquica do indivíduo e do coletivo no mundo. Me parece que tocavam a orbe de uma necessidade mnemônica que nutre o convívio territorial do subúrbio e das comunidades de destino, mas que não se realizam por si só.

E, hoje, quem quer lembrar? Quem carece de memória histórica – o desenraizado, o migrante, o sem história. Aquele cuja vida foi privada do sentido da duração do tempo, da permanência além da morte. Aquele que vive a falta de História, como carência e privação. Quem? Os velhos e os jovens. Aqueles, porque não têm a quem deixar a memória dos fragmentos, por isso mesmo, sem sentido. Estes, porque não têm o que herdar. Ambos condenados. Um, ao trabalho que, no fim da vida, mostra-se sem sentido (os frutos do trabalho estão fora de suas mãos e de sua vida; estão em outro lugar). A memória que fica não é a da obra: é a dos produtos, diria Lefebvre, das ferramentas, das ruas e trajetos de circulação. O outro, condenado ao vazio da falta de emprego, de lugar, de perspectiva – sobrando e prematuramente excluído. (MARTINS, 1992, p. 17)

O mesmo autor indica em outra passagem as peculiaridades complexas de se fazer história de um território não circunscrito na trajetória da História Oficial.

História local é hoje produto do esquecimento progressivo, ao invés de ser produto de uma lembrança consolidada de uma reconstrução acumulada e documentada de informações e interpretações (Ibidem, p. 28 e 29).

Se estudarmos História e Memória do bairro, portanto, mudaremos o decurso dos rios? Formataremos um território livre da dominação e da injúria? Os rumos do conhecimento livre não possuem setas brilhantes indicando vilas encantadas. De toda forma a leitura de mundo de um bairro, a noção de sua própria história, permite que o indivíduo se localize no tempo e espaço. Talvez, munido disso, possa compreender os frutos do seu trabalho e a destinação social de uma produção sistematicamente roubada.

CAPÍTULO 2 – DOMÍNIOS, EXPANSÃO E ESCONDERIJOS

2.1 – Rota de defesa: a ocupação militar do Tapanã

Para iniciar este capítulo compartilho algumas coletas de fontes e informações sobre o Tapanã ao longo do tempo. Primeiramente vejamos o Compêndio das Eras do português Antônio Ladislau Monteiro Baena (1969). O autor relata as preocupações da coroa referente ao último decênio do século XVIII, autoridades foram conclamadas a dar respostas aos murmúrios e reverberações da Revolução Francesa, por isso o Gabinete Real convocou “os Cidadãos mais abastados de bens para contribuírem com escravos para o trabalho material da defesa da Cidade” (BAENA, 1969, p. 228). Entre tantas edificações militares relatadas, ergueu-se, na orla da baía do Guajará, uma bateria em frente a Olaria do Tapaná, numa ilhota hoje desaparecida conhecida à época como ilheta dos Piriquitos (tratava-se do Fortim da Ilha dos Periquitos construída a partir de 1763, uma espécie de plataforma anexa à Forte de Nossa Senhora das Mercês da barra de Belém localizada em uma ilha em frente a Fazenda Val-de-Caens). A priori a necessidade sumária era de proteger o império português na Amazônia de possíveis invasões de potências inimigas. Esse é o relato mais antigo que pude colher, fazia referência ao, ainda denominado, Sítio Tapaná, e feito isso por questões relativas à luta de classes. Lembre-se que a apropriação e uso do solo ganha destaque na guerra entre impérios.

O lugar onde hoje conhecemos como Tapanã ainda vivia uma era de tempo quase em estaque, de tarefas repetitivas, de conhecimentos tradicionais e narrativas que amarravam as relações de caráter histórico ao fruto da terra. Pelas condicionantes históricas, podemos imaginar que o lugar foi palco de intensas disputas. Algumas leituras nos fazem crer uma conjunção de atores. Alguns barões donos de uma vasta criadagem de escravos, senhor de algumas benfeitorias que serviam diretamente para comércio e transporte a partir da vila do Pinheiro, hoje Icoaraci. Outras pequenas comunidades indígenas, pequeno povoado que, provavelmente, passou a chamar a região de Tapanã.

A referência ao lugar aparece novamente em outra obra aclamada de Baena, o Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará (2004), obra de fôlego publicada em 1839. Neste volume, Baena fornece dados econômicos e geográficos fundamentais para conhecer a diversidade da província, o escritor e militar relata diversas características das margens da Baía do Guajará. Depois de falar sobre as benfeitorias do sítio Val de Cães¹¹, relata uns poucos moradores no

¹¹ Uma curiosidade. A grafia do nome varia constantemente no tempo, na outra obra se chamava Val-de-cans, nesta obra Val de cães, excluindo o hífen. Como morador do bairro posso atestar que a confusão perdura até hoje,

entorno do igarapé Paracuri, para então nos demonstrar os movimentos incipientes na área do Tapanã, o maior destaque do sítio do Tapaná ainda se tratava da pequena Olaria, mas neste ponto Baena nos relembra que o sítio estava banhado nos seus limites por três igarapés, primeiro o próprio Paracuri, ponto onde o Tapanã fazia divisa com a então vila dos Pinheiros. Um segundo chamado igarapé da fome (e que hoje é conhecido como Mata-Fome) e próximo de um terceiro chamado Domingos, motivo da morada de um índio com mesmo nome (vestígios na região de comunidades indígenas ainda na primeira metade do século XIX), e não longe deste último:

uma paragem na margem direita, onde rebenta borbulhando com suave murmúrio um grande jorro de água cristalina, da qual nos tempos passados se enchiam barris, e se transportavam diurnamente para o uso dos capitães generais na canoa da Fortaleza da Barra, que quase entesta com a boca do dito Igarapé. (BAENA, 2004, p. 215)

O controle econômico, cultural e espiritual das terras do Tapanã se intensifica em períodos chave da história do Pará. No mesmo período em que Baena fez o levantamento das terras da província, explodia nos charcos, pântanos, igarapés, rios e matas a Revolta dos Cabanos. Ainda que não seja o principal objetivo de Lima (2008), este nos relata o intenso fluxo migratório dos cabanos no entorno de polos centrais, ocupando áreas de mata no interior mais próximo:

Os conflitos da *Cabanagem*, pode-se dizer, perpassam movimentos de *nacionalização* e de *tribalização*; entre a calha dos grandes rios e as áreas de cabeceiras. É possível que se afirme que os grupos que tomaram as diversas vilas pelo interior, tal como a capital, eram misturados. (LIMA, 2008, p. 84)

Não surpreende que operações militares, incluindo o levantamento econômico e geográfico de Baena, tenham sido efetuadas como estratégia de defesa e controle (colonização) durante o período em que os cabanos se refugiavam nas matas, rios e cabeceiras próximas ao polo central de Belém. Afinal a própria fundação de Belém teve, entre outros objetivos, garantir a proteção dessa faixa de terra, uma vez que Portugal disputava ampliação dos seus territórios, portanto do seu império, com outras potências. Relato essas questões para lembrar o quanto o poder da terra e o domínio sobre ela suscitam as mais variadas formas de combate, incluindo a noção de propriedade, o simbolismo ancestral e a necessidade material – controle econômico, cultural e espiritual.

diversos moradores garantem que o correto seria Val-de-cães, e outros chamam de Val-de-cans. Veja, por exemplo, que a Base Naval é *de* Val-de-cães, enquanto o Aeroporto Internacional de Belém é *de* Val-de-cans.

As antigas leis de terra eram demarcadas pelo sistema de sesmarias, concessão de uso de terras devolutas do Império. Mourão (1987) observa que enormes porções de terra precisavam ser ocupadas com dinâmica produtiva para consolidar a colonização do espaço amazônica, inclusive expulsando outras potências, servindo de defesa do território. O sistema garantiu o predomínio dos recursos naturais ao provimento da Coroa portuguesa. Por longo tempo o sistema por aforamento estabelecia uso através de pagamento tributário ao estado, o possuidor do domínio útil, em geral brancos, podiam nela dar destinação social produtiva e defensiva:

Devido à inexistência, na época, de uma legislação municipal precisa, não havia parâmetro de qualquer espécie – salvo o “jus domini”, ou, em certas circunstâncias, o direito de propriedade – definido juridicamente sobre as dimensões mínimas e/ou máximas dos lotes para efeito de aforamento. Isto possibilitou que extensas áreas das baixadas de Belém fossem requeridas e concedidas para atividade pastoril. Através desse procedimento, razoáveis porções do solo urbano de Belém foram apropriadas e nelas surgiram as Umbelina Quadros, Chermont, Santos Moreira, Pinheiro Filho, entre outras. Algumas dessas, ou partes, foram sendo repassadas ou vendidas a parentes ou a outros familiares. Essas famílias ou seus herdeiros, hoje se constituem nos maiores proprietários privados das baixadas. (MOURÃO, 1987, p. 30)

Depois deste período de intenso processo de colonização e controle das terras sucede a mudança com a denominação dada ao Sítio, e ele passa a ser chamado Fazenda Tapanã. Em 1855 foi noticiado no jornal Treze de Maio¹² uma fuga em direção a “Fasenda Tapanã”. A mudança de designação, e a proximidade com as datas da revolta cabana, nos levam a um novo patamar de territorialização. Vejamos como podemos proceder para entender alguns aspectos da territorialização nesta área.

2.2 – Rota de Fuga

No dia 4 de agosto de 1855 virou notícia de fuga:

fugio no dia 21 do corrente o moleque Benedicto, idade 24 annos, escravo de Antonio Rodrigues dos Santos Almeida; consta que fôra encontrado na estrada da Barra, e que se dirigio a fasenda Tapanã; isto no dia 22: levou camisa de riscado, e calça preta; estatura regular, magro, cara feia, e beijudo; quem o capturar, e entregar a seu Senr. nesta Cidade será gratificado generosamente¹³.

¹² Coincide com o período da Cabanagem a fundação deste jornal chamado Treze de Maio, título que faz alusão a tomada da cidade pelos *legalistas*, forças opositoras aos cabanos, responsáveis inclusive pela alcunha de cabanos, inicialmente pejorativa, foi sendo incorporada ao quadro geral daquele movimento. O fundador foi Honório José dos Santos (BARATA, 1973, p. 236).

¹³ Jornal Treze de Maio, 4 de agosto de 1855, Pará: Avisos Diversos, p. 8.

O que devia ser do jovem Benedicto não exige tanta força de imaginação, ao pensar escravidão já temos um quadro bem estimulado de trabalhos forçados das mais variadas ordens. Contudo, o fato de ter sido visto na estrada da barra, ao caminho da fazenda Tapanã, não me parece questão fortuita, fuga desembestada e sem rumo. Muito pelo contrário, o Tapanã se compunha (também) de uma rota de fuga muito bem estabelecida entre os índios e negros escravos. É possível deduzir através da leitura de Martins (1996)¹⁴ e da rota buscada por Benedicto, que os negros ouviam as possibilidades de esconderijo do lugar, e mesmo que não soubessem do caminho certo, tinham a noção de como atravessar as áreas alagadas para se fazer chegar no Tapanã.

Essa rota de iminente expansão permite notar que camponeses, indígenas e negros estabeleciam uma histórica linha de informações, semelhante ao que Martins (1996) chama de rede de compadrio. Internamente, dentro dos círculos que faz parte, uma gama intensa de comunicação permite identificar rotas para onde se buscava refúgio. Esconderijo que se reveste como tal depois que são expulsos das suas terras tanto pelo ato violento mais direto, como também pela quebra dos costumes, as constantes expulsões ampliam uma certa conexão familiar. Este ponto, onde hoje é o bairro, referendado pelo seu íntimo contato com outras ilhas, também servia de intermédio, fuga e preparo para travessia à outras terras, como Ilha das Onças, Arquipélago do Marajó, Ilha de Cotijuba, e mesmo um canal de encontro à vila do Pinheiro.

À medida que as forças produtivas e relações mercantis avançam sobre o território, essas áreas de expansão passam a ser apropriadas pelas variantes tecnológicas que englobam o ritmo da Frente Pioneira. Podemos pensar na abertura de estradas e no aprimoramento dos transportes, fazendo diminuir as distâncias entre o lugar onde o capital emana seu poder e as elementares condições de reprodutibilidade no seu entorno.

A notícia do preto Benedicto fez-me lembrar do Antonio amarelinho, descrito por Dalcídio Jurandir em Belém do Grão-Pará. O menino servia a uma família em Belém que a bem da verdade não era dona de muitas posses. Mas mesmo decadentes, após o declínio da borracha, podiam se dar ao luxo de “mandar buscar” um menino ou menina do interior que serviria de matuto pé no chão, trabalharia de um tudo e não teria direito nem a rede.

O Antonio de Dalcídio, malcriado e rebelde, não queria saber de muitas ordens, e apesar da sua estatura muito magrela sempre afrontava os donos da casa e fazia malfeitos como o de

¹⁴ O autor debate sobre a Frente de Expansão e a Frente Pioneira. Sendo a Frente Expansão caracterizada pelo avanço de comunidades tribais e camponesas onde as frentes de mercado estão se conformando, uma fronteira demográfica onde se estabelece redes de compadrio e ajuda mútua. A Frente Pioneira trata do avanço da sociedade capitalista, uma fronteira econômica de modernização a partir dos comandos da produção de caráter mercantil.

quebrar louças ou esconder peças da mobília, muito por acaso. Também esteve em fuga quando pediu que a família Alcântara o “roubasse”. Na noite em que foi capturado pelos Alcântara não tinha senão a roupa do corpo e um pequeno embrulho, era Santo Antônio. No breu da noite belenense abandona a pequena imagem no cesto de um homem que passava, fez tão rápido que não podia ser descoberto. Ato simbólico das mudanças. O pequeno caboco come-terra confirma que havia deixado todo passado dentro do santo, desejava vida nova.

Penso que os dois mundos se cruzam em memórias reavivadas, “há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas” (BOSI, 2012, p. 75). Benedicto e Antonio dialogam nessa insistência da dialética que aproxima os tempos. Uma constante fuga das ilhas até Belém e desta até as ilhas, indo e vindo. Indo e vindo...

2.3 - Rota para a vitória I: a civilização

No século XX a eletricidade percorreu os mais extremos lugares do planeta, acendendo a racionalidade do século no jogo de mercado globalizado. Fez-se luz nos rincões da Amazônia. Uma transposição poderosa de cultura, ideológica. Antigamente, para chegar nos pontos mais densos da mata Amazônica, só por via fluvial. Depois caminhando dias e mais dias a fio por dentro da mata. As relações dominantes do capitalismo, adentram os canais comunicativos e a estrutura estatal. É o momento que recebemos grande informação do ocidente inglês, na produção artística e no modo de vida. A fantástica fábrica de heróis retroalimenta a memória social. Quantos amores e noites já foram embalados pelos hits das potências capitalistas? Esse raciocínio demonstra o processo avassalador de entrada de capitais e a consequente monopolização das relações produtivas no Pará.

Tais implicações do mercantilismo mundial estabelecem, no segundo reinado brasileiro, a propriedade privada mercantil. Com a lei de terras nº 601 de 18 de setembro de 1850, modificou-se as estruturas produtivas do campo e da cidade. Um dos desdobramentos posteriores no Pará foi a lei de terra nº 1108 de 6 de abril de 1909, procurava regularizar a destinação social do solo em posse do estado a partir do processo de compra e venda (MONTEIRO, 2005). Aos poucos o sistema de uso e apropriação adquire formas monopolísticas e financeiras, uma fase imperialista de aquisição privada dos meios produtivos. Mas não simplesmente uma apropriação e controle de papel e de lei. Transpondo nomes, uma apropriação tornada mercadoria, posta à venda, substancializasse em números. A terra passa a

ser um mercado propício. Tendo em vista o grande território paraense, a fiscalização e cobertura da imensa floresta tropical era inviável, portanto, diversos grupos adentravam na mata e passavam a produzir sem que necessariamente esperassem uma ordem do estado. O que é importante destacar é que a apropriação do solo estava tomando ares de propriedade privada de caráter mercantil, o que explodiria meio século depois, na segunda metade do século XX.

E o que teria acontecido com um dos lugares de veraneio da elite belenense, a Fazenda Tapanã? Certeza que sofreu essa influência avassaladora da entrada de capitais. No início do século XX já tinha sua área bem demarcada. Registros de Muniz (1904), indicam uma grande extensão de terra pertencente ao senhor José Magalhães, em torno de 2.513.696 br² (braças ao quadrado), o que equivale a 5.530.113 m² ou 553 ha, 7% do município de Belém. Não posso lhes provar com fontes mais específicas, mas tudo leva a crer que o dono dessas terras é o general Joaquim José de Magalhães, avô do ex-governador do Pará, Magalhães Barata.

O avô Magalhães, como bem se sabe, foi figura muito apreciada e homenageada no estado do Pará, condecorado com inúmeras medalhas de bravura e mérito, disciplinador exemplar, muito provavelmente conseguiu negociar a área da fazenda, um dos lugares favoritos, a esta época, para descanso e recreio das famílias que podiam participar da “grande e extraordinária passeata” a bordo de vapores como o Arára, para viagem ao Tapanã e Pinheiro, como demonstra um anúncio do jornal *A Constituição: órgão do partido conservador*¹⁵.

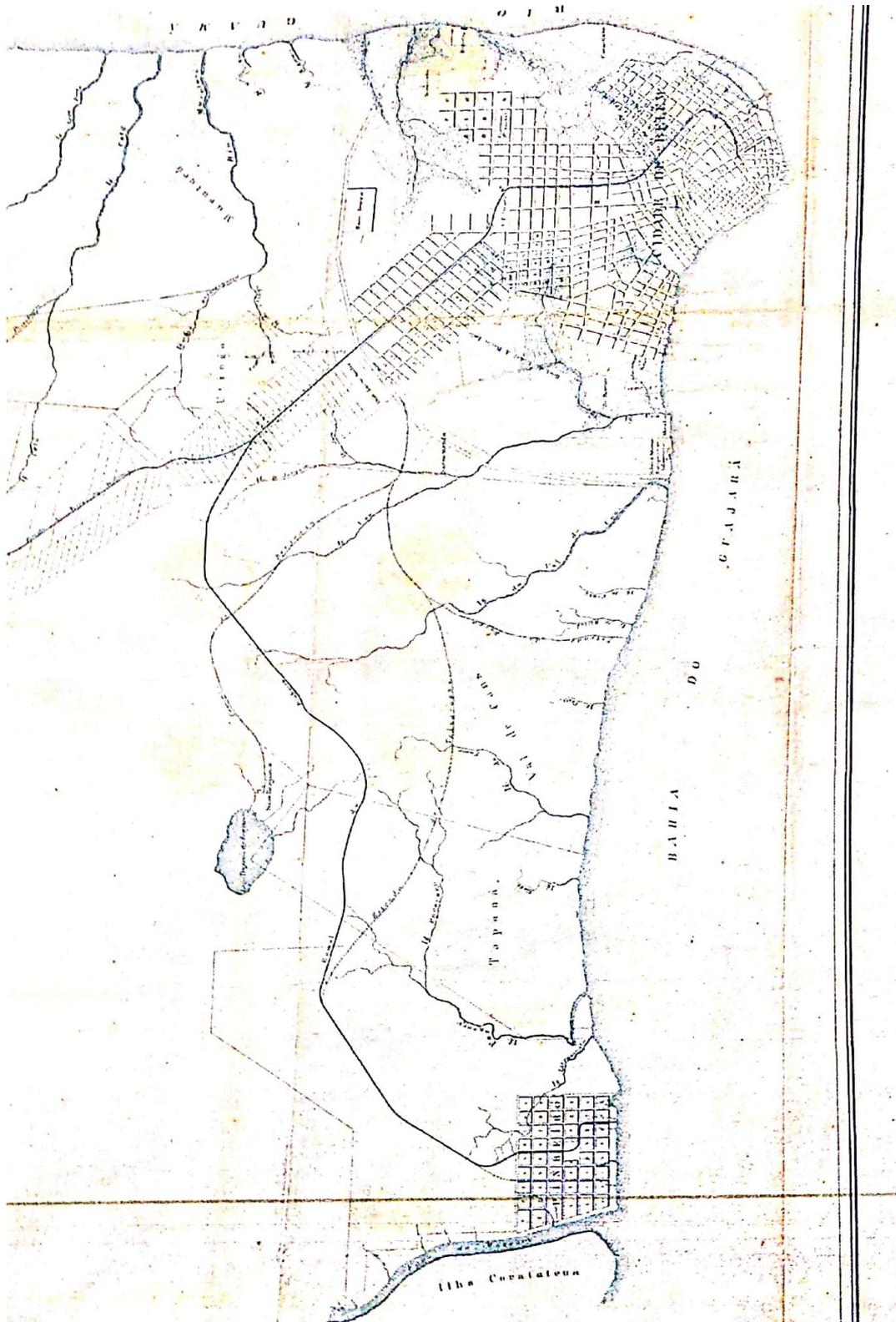
No mapa 1, podemos perceber que a grande extensão de terras em Val-de-Cães e no Tapanã, pouco abrangidas pela urbanização belenense, possuía como principal meio de acesso as áreas fluviais pelo Igarapé da Fome e pelo Igarapé Paracury. A estrada do Tapanã, hoje Rodovia Arthur Bernardes, ainda não estava aberta. Por terra, as únicas vias demonstram ser um caminho aberto pela antiga estrada de ferro Belém Brasília, o Ramal do Pinheiro, e a estrada do Telegrapho.

Ainda no início do século XX temos o registro de uma produção de destaque nas terras do Tapanã. O jornal *Pacotilha do Maranhão*, datado de 1915¹⁶, relata a aquisição pela “Companhia Alsaciana de Plantações no Brazil” de um amplo terreno no Tapanã para a produção de 360 hectares de banana, a matéria ainda inclui uma opinião do feitor da plantação, S. H. Abrahams, acerca da qualidade dos terrenos, “são simplesmente estupendos”, disse ele.

¹⁵ *A Constituição: órgão do partido conservador*, do dia 6 de setembro de 1877, Pará: *Annuncios*, p. 3.

¹⁶ *Pacotilha*, 9 de agosto de 1915, Maranhão: *A cultura da bana*, p. 1.

Mapa 01 – Cidade de Belém no início do século XX.



Fonte: MUNIZ, 1904.

Alsácia é uma região europeia onde acumula-se as culturas francesas, alemãs e sueca. O próprio nome do feitor nos dá um certo direcionamento de sua origem. Isto significa que a Companhia Alsaciana já disputava um bom pedaço de terra às margens da Baía do Guajará. Em 11 de fevereiro 1918, período em que se desenrolava a Primeira Guerra Mundial, o jornal *A Rua: Semanario Ilustrado*¹⁷, do Rio de Janeiro, noticiava algumas peculiaridades sobre o gerente da Companhia Alsaciana, Ernest Somitag. Ele morava em Monte Alegre, mas quando ia a Santarém se hospedava na casa de seu amigo, o juiz de direito interino Alarico Barata. Eram comumente vistos com o promotor público Bernardo Borges Leal bebendo no botequim “Caraboo”. Estas proximidades levantaram indagações e suspeitas, “uma denuncia, que nos merece credito, diz que esses três bons amigos ‘vivem affrontando os sentimentos nacionaes, e banqueteam-se amiudadas vezes’”. O caráter de denúncia foi motivado pela declaração de guerra contra a Alemanha feita pelo Brasil.

A Companhia Alsaciana, era senão, uma entrada alemã em terras brasileiras, e isso já suscitava desconfianças políticas que envolviam o caráter mundial de disputa entre grandes potências. Demonstra a injeção de financiamento estrangeiro nas terras do Tapanã, o que modifica a estrutura e uso do solo, exigindo maior controle das terras, a depender dos interesses econômicos e políticos em jogo.

Mais um caso interessante acerca desta plantação de banana. Um Relatório de 1923¹⁸ do Ministério da Agricultura, Industria e Commercio, apresentado pelo ministro da pasta, Miguel Calmon du Pin e Almeida, ao presidente, retrata a diversidade de culturas produzidas no estado do Pará. O relatório distingue a importância da banana e enumera algumas variedades desta cultura, entre elas a “banana Tapanã”¹⁹. Me parece que o lugar se confundiu, na memória nacional, com o nome da plantação de bananas na região. Relato este caso porque traz luz ao debate acerca do nome do bairro.

Logo quando algumas terras são ocupadas onde não havia *nada*, imediatamente se aproximam pequenos comércios e algumas indústrias que auxiliam no processo de realização da vida cotidiana. Geralmente esse comércio está intermediado, por relações capitalistas, que em pouco tempo especularão e transformarão a relação com a terra em relação mercantil. Uma área de expansão, o subúrbio, um espaço de fronteira onde os mecanismos hegemônicos de

¹⁷ *A Rua: Semanario Ilustrado*, 11 de fevereiro de 1918, Rio de Janeiro: O Brasil abaixo da Alemanha, p. 1.

¹⁸ BRASIL-RMAIC. *Relatório do ministro da Agricultura Indústria e Comércio enviado ao presidente da República*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1923. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁹ *Ibidem*, p. 88

reprodução do capital não estão consolidados, ainda que convivam e devam as convenções sociais e instituições (MARTINS, 1992).

O Tapanã aos poucos vai se unindo a estrutura de produção nacional e global. Foi instalada, em 1931, a Cooperativa de Produção da Indústria Pecuária do Pará Ltda (SOCIPE), trata-se de uma sociedade de tipo misto, abrangia zonas produção, consumo e crédito, especializada em comercialização e abate de bovinos. Organizada por fazendeiros do Marajó, reunia diversos pecuaristas com íntima relação com o interventor Magalhães Barata. Mourão (2013) relata toda a disputa econômica e de poder envolvendo a criação deste estabelecimento. O caso gerou conflito com outros marchantes, opositores da concessão federal de caráter privado e monopolista para a comercialização de carne, a concessão estava isenta de tributação por 30 anos. Os protestos chegaram até a presidência da república que, de toda forma, manteve a concessão a SOCIPE. Nos seus primeiros anos estabelecida nas margens da Baía do Guajará, a SOCIPE foi envolvida em casos fraudulentos, uma investigação para apurar denúncias levou o dirigente ao suicídio (MOURÃO, 2013). Com o passar dos anos foi se consolidando e existe ainda hoje como espaço de referência no Tapanã.

Perceba que a concessão para o estabelecimento foi efetuada depois da revolução de 30, o que mais uma vez nos leva a depurar as reações de domínio da área a partir dos tumultuosos conflitos políticos em torno do poder e domínio de territórios. Podemos visualizar como a posição da empresa diz muito sobre a perspectiva estratégica, econômica e até de controle territorial da SOCIPE, esta cooperativa (para usar referências do presente) fica bem em frente à entrada da Rodovia do Tapanã.

Foi pensada para ser um polo de valorização do lugar. E lembre-se de que a área da Fazenda Tapanã tem uma ligação forte com a tradição militar de defesa e controle, tanto que contém significativas ligações com o alto escalão das forças militares que comandaram o estado, entre elas a família de Magalhães Barata. Essa experiência é muito interessante, mais um dos marcos que apontam a conexão deste bairro com uma nova perspectiva de redimensionamento do espaço, e que vai aos poucos o conectando a novas distâncias.

2.4 - Rota para a vitória II: a grande guerra e os soldados da borracha

A partir da segunda guerra mundial as relações sociais ao redor do mundo viveram uma mudança intensa. O mercado mundial queimou valor em uma velocidade feroz, produziu técnica e ciência como se o dia de amanhã fosse um sonho frágil de existência, abismado com o poder atômico. Assim transpôs as barreiras dos contatos e logo já estava enraizado,

fantasticamente, em uma dimensão gigantesca do globo. Urbanizando-se em ritmo frenético. Volumosos foram os capitais que precisavam ser reinvestidos, maior ainda sua necessidade de consumo para mercadorias que explodiam em mercados, galpões e caminhões de variados tamanhos. Inventando novidades, utilidades e descartes (HOBSBAWM, 1995).

A dinâmica financeira ganha grande importância no cenário estrutural. Juros extraordinários de uma política monetária duvidosa asfixiavam qualquer tentativa de empresa nacional. Para tentar ‘igualar-se’ aos países capitalistas, todos os países latinos foram coibidos a contrair empréstimos altíssimos para criação da infraestrutura que serviria, fundamentalmente, aos interesses da acumulação e centralização de capital. Este marco histórico delimita a vigência de um novo período de exploração da Amazônia, monopolista, agora sob um viés neocolonial, onde o celeiro de recursos naturais amazônico passa “de região fornecedora de meios de consumo para a metrópole colonial, para região fornecedora de meios de produção, sob a forma de matéria prima, para a acumulação industrial” (LEAL, 2010). As relações de produção que visam o jogo monetário, transformam nossa perspectiva de futuro. A arte está subordinada ao fazer dinheiro, e o corpo, ponto crucial da estrutura humana, foi vendido e/ou alugado em enormes fileiras. A consecutiva ligação do Pará com o resto do mundo. Vejamos, em termos práticos, como se deu a aproximação do bairro do Tapanã a esse contexto internacional.

...

A hospedaria do Tapanã, o abrigo de nordestinos em condições espúrias, condicionou a antiga fazenda a um outro tempo, conectou o Tapanã, definitivamente, às tendências e necessidades de acumulação do capital na sua fase de monopólio imperialista, participando indiretamente da produção destinada a maior guerra da história da humanidade. Tive oportunidade de ler algumas coisas a respeito da Hospedaria do Tapanã. A princípio discorreria sobre ela em um ou dois parágrafos como forma de mencionar sobre um passado mais distante. Aparentemente não havia conexões com o objeto principal que trata de memórias das ocupações ao longo da década de 1980 e 1990. Mas no decorrer das conversas e pesquisas sobre a história do Tapanã a menção à Hospedaria possuía um lugar de destaque, um ponto de memória coletiva e muito presente no bairro. Primeiro porque o próprio nome do bairro se confunde com o da Hospedaria, há quem alegue que o nome Tapanã é proveniente deste lugar.

Por exemplo, numa reportagem de 22 de maio de 2019, na página da internet do O Liberal²⁰, vemos desenvolvida uma narrativa que deixa a entender que o nome do bairro é

²⁰ O Liberal, 22 de maio de 2019, Pará: Tapanã: a rota da borracha em Belém e a ‘Hospedaria do Inferno’.

proveniente deste caso emblemático, “antes conhecido como ‘Pouso do Tapanã’, o bairro que hoje tem o mesmo nome começou a ser ocupado no ciclo da borracha”. E mesmo os amigos e conhecidos que pude conversar no Tapanã, várias vezes relataram a existência da Hospedaria como sendo a gênese do nome do bairro. Contudo, no tópico anterior, pudemos perceber que o lugar se conecta ao nome Tapanã pelo menos desde o século XVIII.

A Hospedaria do Tapanã foi construída em 1942 pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para Amazônia (SEMTA). Sua principal função era servir de intermédio para abrigar os nordestinos que seriam enviados para a mata Amazônica em busca de látex, matéria-prima da borracha. O Brasil havia se comprometido, nos Acordos de Washington, em fornecer borracha aos Aliados, e através do programa “Batalha da Borracha” criou a estrutura e logística necessária para transportar famílias nordestinas para os seringais no interior da Amazônia. O processo contou com intensa participação do governo federal e é considerado o segundo boom de produção da borracha na Amazônia²¹.

Os que ingressaram na “Batalha” começaram a ser chamados de Soldados da Borracha, uma estratégia militar de propaganda, dessa forma os trabalhadores podiam sentir que faziam parte de algo maior do que suas próprias vontades. Vinham atrás de terra e trabalho que lhes permitisse fugir minimamente da miséria e da seca. Não que esperassem que a batalha fosse fácil, mas fazia parte do processo de convencimento a ilusão de que nos pontos de acolhimento os Soldados da Borracha teriam garantia de água de qualidade, três refeições diárias e a honra de poder lutar pela pátria. Mal sabiam que a partir do momento que aceitavam a distinta missão haviam “perdido todos os seus direitos humanos” (MENDONÇA 1983, p. 23).

Mendonça (1983) instigado pela história da Hospedaria escreveu um romance a respeito do caso chamado “Tapanã, a Hospedaria do Diabo”, alinha que envolvia as péssimas condições de vida do lugar. O escritor envolve personagens ficcionais com eventos e pessoas reais, e conta as desventuras da família de José Julião e Chiquinha que vieram a Belém junto dos filhos. José Julião vendeu tudo que tinha, estava encantado pela narrativa de terras fartas e vida digna. Quando chegou na Amazônia, depois de enfrentar o caos da viagem onde havia perdido alguns de seus filhos, encontrou uma realidade bruta onde passava a ser chamado pelo número 1318 ou por apelidos. “E lá se ia o caminhão cheio de arigó no rumo da beira rio onde ficava a hospedaria do Tapanã, numa localização privilegiada pela paisagem e pelo apelido” (Ibidem, p. 60).

²¹ Diversos trabalhos podem nos dar um amplo entendimento sobre essa experiência produtiva, utilizei como base de referência o trabalho de Miranda (2013), neste trabalho primoroso é possível encontrar diversas fontes importantes para se aprofundar no tema.

Devia parecer que aqueles que chegavam tinham sobrevivido a viagem de sete mares. Ter chegado em Belém era o prêmio dos vitoriosos. Os mais fortes entre os soldados da borracha, os mais resilientes, seguiam na lida, enfrentando todos os desafios, como heróis e heroínas, lançados em uma trilha sinuosa, longe do seu habitat natural, longe da sua terra materna. Neste local famílias inteiras se aglomeravam despejadas. Essa com certeza é uma palavra que pode nos conceder uma imagem dos nordestinos que vinham para a Hospedaria do Tapanã. Despejados como o refugio do humano.

Os médicos que chegaram nas primeiras conduções que levou o pessoal do Serviço Federal de Saúde, ficaram alarmados com o que viam. Jamais poderiam imaginar que em pleno Século XX, encontrariam condições tão desumanas (Ibidem, p. 101).

A partir de Mendonça (1983) podemos ter uma noção do gosto podre do ambiente. Estirados no chão, comiam pouco e mal. Dormiam pouco e mal. Apesar do grande tamanho do lugar, a falta de estrutura era geral, o piso não havia sido terminado, chão úmido, telhas cobertas de palhas podres, vômitos e fezes espalhadas pelos cantos, redes molhadas misturadas com lama e desespero, feijão com gorgulho e um charque que havia sido dispensado pela saúde pública, assome-se a isso os casos de gastroenterite, malária e tifo que se multiplicavam no local. Contudo a promessa era viva.

Buscavam respostas alentadoras, possibilidades de mudança, fugir daquele pesadelo enquanto esperavam a transferência para os campos de extração da borracha. Aliás esperavam o quê? Certamente o campo de batalha. Alguns fugidos começaram a trabalhar nos comércios de estrada, ou então em polos mais urbanizados como em Icoaraci. Ali podiam fazer trabalhos de diária e sonhar – alugariam a princípio uma pequena casa, trabalhariam dia e noite, mas, sem sombra de dúvida, conseguiriam organizar sobras que dariam logo em frutos novos: A Casa Própria. Os nordestinos passaram a ocupar algumas regiões próximas da Hospedaria, nas fronteiras com Icoaraci, Benguí, Val-de-cães e nas ilhas próximas a baía do Guajará, exemplo deste caso é fornecido por Mourão (2017), a professora indica que os imigrantes nordestinos buscavam emprego na fábrica “Usina Vitória” na Ilha das Onças.

O caso dos nordestinos virou notícia nacional ainda durante a década de 1940. Diversos periódicos nacionais contavam o caso primeiro como exemplo de bravura, depois encharcavam as páginas de “drama humano” (forma como mencionou a situação dos nordestinos o periódico

Diário de Natal em 1949²²). A situação continuou gerando espanto, denuncia e indignação ainda na década de 1950.

No ano de 1953 correu no Brasil os relatos de que imigrantes estavam fazendo levantes e protestos contra a degradação das instalações no lugar: “informa-se que os imigrantes da Hospedaria do Tapanã estavam articulando fazer um levante, em virtude do mau tratamento”²³. Dois dias antes, 1 de julho de 1953, O Diário de Notícias do Rio de Janeiro²⁴ publicou matéria relatando a reunião do Comitê de Assistência aos Imigrantes onde decidiram apelar para os poderes federais recurso para ampliar e melhorar as condições da Hospedaria, tendo em vista que em 1950 a área, antes pertencente a Xarqueada do Tapanã (propriedade da SOCIPE com área de aproximadamente 200.000 m²) havia sido declarada de utilidade pública destinada a Hospedaria dos Imigrantes²⁵.

O artigo da professora Lara de Castro (2020) informa, baseada no jornal cearense *Gazeta de Notícias*, que entre 1942 e 1953 mais de 63.000 nordestinos haviam passado por ali. Em 1959 o jornal carioca *Diário da Noite*²⁶ trouxe o relato de experiência dos repórteres Pery Augusto e Wilson Guerra quando visitaram Belém e passaram pela Hospedaria. A reportagem trata o caso em tom de denúncia e conclui que é “um crime o que está se fazendo com os nordestinos”. Augusto e Guerra continuam relatando dados da própria hospedaria que davam conta de informar que no ano de 1958 aproximadamente 9.000 nordestinos passaram pela hospedaria, e só nos primeiros meses daquele 1959 mais 1760 nordestinos. o que corrobora a existência desse local até meados dos anos 1960. Sucede que os nordestinos, voltando do “inferno verde” (como chamavam os lugares onde trabalhavam com o látex), procuravam novo refúgio nas hospedarias para tentar voltar aos seus locais de origem. Indo e vindo. O Tapanã continuava servindo de palco para constantes fugas. Muitos acabaram perambulando e mendigando pela cidade.

...

O Tapanã começava a ganhar contornos de bairro, sucedendo a territorialização dos condenados números de mão-de-obra que insistem viver e sonhar. Foi fazenda, foi hospedaria, foi passeio turístico. Abrigou grandes fugas, grandes caminhadas, procissões à madrugada,

²² Diário de Natal, 18 de setembro de 1949, Rio Grande do Norte: Drama Humano...

²³ Diário de Pernambuco, 3 de julho de 1953, Pernambuco: Os Imigrantes Articulavam um Levante.

²⁴ Diário de Notícias, 1 de julho de 1953, Rio de Janeiro: Nordestinos Ameaçados pela Fome em Belém, p. 2.

²⁵ Diário Oficial da União - Seção 1 - 2/6/1950, Página 8402, disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-28152-a-26-maio-1950-327157-republicacao-60662-pe.html>

²⁶ Diário da Noite, 16 de fevereiro de 1959, Rio de Janeiro: Nordestinos seguem para Amazônia como gado destinado aos curros.

“corres e paradas”. Acolheu o íntimo e o político. Sonhos de morada prometida e vultos de especulação imobiliária. De repente fazia parte de acordos políticos e integração nacional, foi perto de quando abrigou o Grupamento de Fuzileiros Navais de Belém de 1956 a 1959, dividindo com os nordestinos a Hospedaria do Diabo. E ainda servia para abrigar os senhores barões da terra como é o caso da família dos Magalhães Barata na Vivenda de Tapanã. Foi onde se encontravam aqueles que pretendiam decidir os rumos da Augusta Pátria Mãe Gentil.

2.5 – Segunda légua patrimonial

O Tapanã em menos de 40 anos, desde a década de 1970, tornou-se o quarto bairro mais populoso de Belém, segundo o censo demográfico do IBGE em 2010. Adentremos nas razões que fizeram do Tapanã esse concorrente belenense de bairro mais populoso da Metrópole da Amazônia. Para melhor depurar nossas reflexões, trago um breve panorama da realidade nas baixadas da primeira légua patrimonial. E analiso alguns dados da industrialização e urbanização na Marambaia, Benguí, Val-de-cães e Icoaraci, margens e conexões da Rodovia Augusto Montenegro e da Rodovia Arthur Bernardes, as duas paralelas principais que rodeiam o Tapanã. Nosso caminho está de acordo com o prumo tomado pelos intuits do capital internacional na Amazônia, sua parte estruturante. Também analisaremos os movimentos internos, as peculiaridades da vida cultural e material em Belém. Passando pelas vistas da memória do cotidiano de alguns desses moradores, suas condições de moradia e renda.

2.5.1 – A vida nas baixadas

Grande massa de trabalhadores rurais foram expulsos da terra para o desenvolvimento. Esse processo se intensifica na década de 1960. A abertura de novas e grandes estradas se transformou na prioridade maior do governo federal, com um discurso de integrar para não entregar – “terras sem homens para homens sem terras”. Encharcando a opinião pública de ameaça comunista contra a Segurança Nacional rapidamente diversas vias de acesso para Amazônia foram abertas, permitindo a consolidação da sua ligação com o fenômeno da globalização financeira, mercantil e cultural. Ao mesmo tempo, vamos modificando a organização social baseada no extrativismo florestal, onde o principal transporte eram as conexões com as baías, furos e rios. Momento de novas utilidades. Máquinas que desafiavam a capacidade produtiva de antes, a fazer multiplicar em muitas vezes seu poderio. Produtos que demoravam três meses para alcançar seu destino, agora chegam em apenas dez dias como

demonstrou Penteado (1968). Consideremos que a entrada da cultura externa também invadiu o cerne da Amazônia com a mesma potência, vinte, trinta, cinquenta vezes mais rápido.

Seu comércio recebeu um impulso extraordinário; muitas mercadorias despachadas do sul que levavam dois a três meses para chegar à cidade, via marítima, atingem Belém em oito ou dez dias, conforme a distância, via rodoviária, isto é, de porta a porta, eliminando os entraves da zona portuária, diminuindo o preço de custo das operações de carga e descarga, eliminando despesas de armazenagem, horas extras, etc. (PENTEADO, 1968, p. 419)

Monteiro (2005) conta que nossa população, predominantemente das águas, viveu nesse período da década de 1960 uma forte mudança cultural dando costas para os rios e baías, e começou a habitar os entornos das estradas, por onde o desenvolvimento científico passava. Mostra ainda que no período do que ele chama Contra-Revolução de 1964 a União converteu 75% das áreas paraenses para seu usufruto e domínio, sendo de responsabilidade do governo federal militar a utilização da terra e destinação das superfícies do solo. Três quartos do território paraense ficaram sob suas determinações.

É difícil fazer o balanço dos benefícios e dos prejuízos que advieram para o povo paraense com a atuação dos governos militares a partir de 1964. Só o sequestro arbitrário de 75% das terras do Pará, para fazer parte do patrimônio da União, passando a ser administradas exclusivamente pelos órgãos federais, já é uma violência cujas consequências é muito difícil de calcular. Pois grande parte do caos estabelecido hoje na situação agrária do Estado como parte da Federação, é decorrente dessa administração arbitrária. (MONTEIRO, 2005, p. 210)

Para poder competir com grandes indústrias do cenário internacional, a antiga dinâmica da cidade (em ritmo produtivo menos acentuado e se alimentando timidamente do “progresso”) vê-se em situação em que sua população, tradicionalmente fluvial, precisa trabalhar nos serviços, comércios e indústrias ligadas a produção nacional e internacional.

O próprio desenvolvimento técnico foi fazendo sucumbir várias antigas tarefas do cotidiano. Por exemplo, as ervas medicinais e a própria alimentação, passaram a contar com um processo industrializado. Assim a medicina popular foi preterida pela dominação da medicina moderna, bancária, química e farmacológica. Essa estrutura corrompe as divisões sociais do trabalho dentro do rural e dos interiores amazônicos, levando a uma consecutiva expulsão desses trabalhadores para a cidade, capitalizando seu trabalho.

Belém aglomerou grande parcela do contingente do campo e de outras cidades, mas sem condições propícias para acolher os migrantes que aos poucos foram se amontoando em pequenos barracos, ocupando as áreas de baixada. Se instalavam em casas com pouca ou quase

nenhuma estrutura, trabalhavam em serviços que exigiam muito esforço físico e prático, afastados cada vez mais do processo técnico e produtivo da sociedade. “A parcela da população que teve o seu modo de vida desarticulado resiste a tentativas de aparente eliminação social, desenvolvendo formas alternativas de sobrevivência e construção do urbano” (MOURÃO, 1987, p. 39).

Uma gama maior da parcela paraense começa a urbanizar-se. Bem fiel desse retrato são os dados de urbanização de Ananindeua; o IBGE registra, no censo demográfico dos anos 1960, um pouco mais de 85% da região tomada por uma população de caráter rural, nos anos 1990 o mesmo censo já considerava, invertendo, mais de 80% da população local como urbana (TRINDADE JR., 2016)²⁷. O capital, atrai muito mais do que precisa, e acaba por conformar, mais e mais, um exército de reserva, pronto a capitalizar seu espírito. Perdem o sentido do próprio trabalho quando tem tão somente sua força de trabalho a disposição do mercado. Vendem-na por um salário. Capitalizam-se para sobreviver nas baixadas e covões.

A urbanização vai compondo uma estrutura a partir do acúmulo de trabalho. Os sem-dinheiro, aqueles que tem força de trabalho como meio de vida, mas participação desigual na distribuição do produto social, constroem toda uma estrutura em torno de um espaço ocupado por um grupo. Com o passar do tempo, o trabalho coletivo, dia após dia, vai dimensionando o espaço, vai ampliando suas possibilidades de manutenção e acesso. As reivindicações gerais desse quadro populacional passam a exigir dos fundos públicos a consolidação de políticas voltadas para a mínima condição de se adequar. Quando a área valoriza, pronta para o consumo, vem a especulação, tentativa de fazer dinheiro pelo simples fato de tê-lo em grande quantidade, subornando e jogando com as necessidades mais básicas do cotidiano:

(...) há cinquenta anos atrás um português, Santos Moreira, aforou uma enorme área na Pedreira. O povo foi chegando, alugando por preços reduzidos os terrenos, botando o mato em baixo, aterrando o charco, limpando as ruas, brigando pela luz e pela água, enfim, construindo um bairro. (...) Sabendo da enorme valorização da área, o escritório Valente Couto adquire a área por Cr\$ 1.000.000 (um milhão de cruzeiros). São 900 terrenos. Por pouco mais de Cr\$1.000,00 (um mil cruzeiros) o terreno. (...) desde logo aumentou absurdamente os alugueis de 5,00; 8,00; 10,00 para 50,00; 100,00;

²⁷ O mesmo demonstra que na década de 1970 e 1980, a cidade das mangueiras possui 80% da população, mais de 300 mil pessoas, trabalhando como empregadas domésticas, comerciários e prestadores de serviço. Além disso, o mesmo autor demonstra que o trabalho informal era predominante em Belém, mais de 60% da população em 1990. O setor da Construção Civil e o serviço de empregadas e empregados domésticos, foram saltares para a produção social belenense, por isso, resalto, dois personagens na cidade que eu considero crucial para a expansão de seus muros, o pedreiro (operários da construção, ajudantes, diaristas, encarregados, etc) e a doméstica – essa denominação pode ser considerada como a empregada assalariada que vende serviços de ordem doméstica para terceiros, mas gostaria de aliançar a categoria de dona de casa, antigamente também considerada prendas do lar, por se tratar de um trabalho fundamental, muitas vezes esquecido, da reprodução diária da força de trabalho.

140,00; no mais das vezes de mais de 1.000%. (RESISTÊNCIA, nº 3, junho, 1978 apud MOURÃO, 1987, p. 33 e 34)

Isso porque as construções da cidade nem sempre servem para morar, as vezes servem só para vender e revender. O direito à moradia vira mercado. E no mercado brinca *quem pode pagar*. Os e as construtoras da cidade por pouco não moram nela. No cerne, todos e todas gostariam de poder pagar, mas não têm dinheiro. Com uma grande quantia de capital em mãos, pôde, o capitalista, produzir e comprar as necessidades vitais dos trabalhadores, e jogar com sua sorte. No mercado imobiliário ele pressiona de tal forma a valorização dos terrenos, esperando sempre ganhar mais, que em dado momento um grupo enorme de trabalhadores, despossuídos, não conseguem realizar a transformação do valor em mais valor, não conseguem comprar a enorme oferta de casas à disposição, capital reinvestido.

O balão da acumulação do valor que antes parecia pomposo, inchando sem-limites, percebe que em vários pontos da sua superfície, milhares, centenas de milhares de inadimplências e recusas vão provocando fissuras. Se explode, grande pânico. Quando chega a certo ponto em que o balão de gás, o capital, precisa se expandir ele expulsa mais uma vez aqueles que não podem pagar o preço estabelecido. Não podendo pagar, vem um oficial de justiça, pedindo “cordialmente” que se retire. Milhares de famílias são empurradas para áreas distantes desse centro de irradiação, as áreas de baixada alagadas.

Essas áreas abrangem cerca de 40% da área urbana do Distrito de Belém e abrigam 43% de sua população (284.076 em 1973) com uma densidade de 141 hab./ha . Segundo a Companhia de desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM), em 1976 mais de 326.000 pessoas residiam em 2.008 ha de terras alagadas ou alagáveis. (ABÉLEM, 2019, p. 50)

As áreas de baixadas precisam se reformular para atender minimamente às exigências do capital financeiro. Agora imaginas, milhares de desabrigados vindo a Belém, construindo suas pequenas barracas de madeira, forradas de palha (só algum tempo depois, de telha brasilit ou de barro, o que já era um “luxo”), aterrando e construindo condições para que ali se abrigue, constituindo cultura e demandando serviços públicos nas áreas de baixada. Milhares de trabalhadoras e trabalhadores modificadores do espaço, vão transformando-o com pedras, seixos, barro, caroços e semente. Antes da noção da presença estatal, o cotidiano em grupo exige a auto-organização pela própria natureza conflituosa do convívio entre o diverso. Tanto é que as condições de moradia dessa área alagada já demonstravam as incríveis possibilidades e estratégias que o convívio com o meio é capaz de trazer à tona:

Quando enchia a três de Maio, a maioria das vezes algumas pontes eram até levadas

devido a enchente ser muito forte, então assim, pra gente achar mais ou menos o caminho pra sair de casa pra ir pra rua, eram pedras enormes que eram tiradas da vala, que os meninos quando tomavam banho né, quando tinha aquela enchente, eles tiravam umas pedras, então aquilo servia como se fosse um caminho pra nós sairmos de casa pra rua, pra gente não cair em nenhum buraco ou alguma coisa. (...) Essas pedras eram tiradas assim, quando eles tavam naquele momento deles de lazer, de tomar banho naquela vala, essas pedras eram encontradas antes da enchente, então elas serviam meio que de calçada pra gente na porta de casa, entendeu? Tipo assim, imagina aquela calçada lá da frente de casa que hoje em dia é toda lajotada, ali agora é toda lajotada né e na verdade lá na 3 de Maio eram pedras grandes feitas de seixo, sei lá que material era aquele, feito como se fosse um caminho só, assim, saindo da porta de casa pra rua.²⁸

Na figura 01, temos um registro dos dias nas baixadas belenense, do lado de fora. Mas como devia ser por dentro? O cotidiano, sua intimidade corriqueira e diária. Distinguindo fatores que abrem o escopo das decisões coletivas e individuais. Agrupando-se em torno de tantas condições que influenciam na vida, no trabalho e na moradia. Nossas imagens lembranças, podem reconstruir cenários e movimentos, dias idos das nossas origens. Não estivemos lá, mas podemos reconstruir as cenas da vida privada e suas necessidades.

Figura 01 – Bairro da Matinha na década de 1960, onde se localizava a passagem 3 de maio citada na entrevista de Sheila.



Fonte: (PENTEADO, 1968, p. 341)

²⁸ Entrevista realizada em 06 de agosto de 2019 com Sheila Alves no conjunto Promorar. Sheila é ex-moradora da 3 de Maio, bairro da Matinha. Nos anos 1980 foi remanejada para o conjunto habitacional da COHAB Promorar, em Val-De-Cães.

2.5.2 – Vida Vivida

A coletividade e a Produção Social de Belém.

Dentro de um processo dinâmico, tecendo a atmosfera, as vivas existências de um ambiente externo (e internacional) influenciam o conteúdo mais primário e elementar das tardes belenenses. Corroídos por suas vontades e decepções, só compreendem as vezes intuitivamente, suas ações. Assim transportam o gado ao matadouro para distribuir no consumo interno, viajam 300 quilômetros pela Belém-Brasília, circulando gêneros alimentícios, tomam café com farinha, mingau de açaí. Vendem peixe, grande parte da pesca vinda da foz do rio-mar feita no distrito de Icoaraci, no Ver-o-Peso se aglutinam esperando grandes cargueiros trazendo subprodutos da vida urbana. Consultam o preço do pão que aumentou mais uma vez, lê nos jornais sobre os processos antiquados de transporte e ordenamento do leite, o mesmo jornal anuncia o leite em pó do sul do país, “mais higiênico, mais nutritivo”. Duvidam da procedência dos produtos, acham estranho o declínio da produção.

Voltam para casa. Um pequeno barraco de madeira coberto de palha, em uma área alagada, onde transpassam pontes; dividindo com a sorte de despojos as difíceis qualidades do saneamento urbano que não garante água encanada para a população de baixa renda. Lembra da Febre, a malária, a “moléstia tropical”. Mesmo assim, sentem o progresso vindo aos poucos, a energia elétrica. Ouviram falar da “The Pará Electric Railway Company Limited”, um consórcio estrangeiro com a “Força e Luz do Pará S/A”. Consórcio. S/A. Coisa esquisita, o que devem significar? Linhas de ônibus contaminam o lugar atestando a larga conexão de Belém com seus subúrbios. Como uma linha mudando de cor, tecendo elementos, conhece sua finitude, e por isso adota outro rumo. Nas suas reflexões e preces mais profundas deixa, como uma aparição, suas principais vocações, e se espanta e/ou se orgulha com tudo que pode e pôde fazer, olha admirado cada solidificação do dia, cada tábuas pregadas, cada laterita pavimentada nas estradas e caminhos carroçáveis que distribuem a Produção Social de Belém. Orgulha-se, da natureza estrondosa, e do seu poder de mudar e ergue-la, majestosa transformação do *humano ser*²⁹.

...

Um menino jovem.

Começou a trabalhar com catorze anos... desde muito tempo em casa, na verdade. Carregando os baldes de água para mãe lavar, passar e cozinhar. Depois que chegou uma ou outra encanação. De qualquer forma, enquanto a mãe trabalhava, era ele quem cuidava da casa

²⁹ Estimulado pelo capítulo “Os principais problemas urbanos” (PENTEADO, 1968, p. 397 a 410).

e reparava as três irmãs mais novas, duas meninas e um menino. Era esperto pro trabalho, tinha que ser. Com 14 disse que já queria ter o próprio dinheiro, e sabia que precisava ajudar em casa. Sua mãe decide falar com o vizinho que arruma um emprego de serviços gerais onde trabalha. Pega gosto pelo serviço, na verdade pelo dinheiro do serviço... Reparando como trabalhavam na máquina acabou se aproximando e agradando os mais velhos que passaram a lhe ensinar, nas horas vagas, o funcionamento dos botões. Era sagrado, todo final de mês recebia uma quantia pelo trabalho, pouca coisa, e dava tudo pra mãe, tudinho. A mãe, depois de tirar o do provento da casa, dava um trocado pra comprar um picolé ou quem sabe um presente pra uma menina, uma roupa nova pra fazer enxame. Agora pensa a conexão dessa mãe com esse filho, que ajuda a criar todos os outros, e que ainda tem verdadeira admiração e respeito por ela. Deve ser o preferido, provavelmente. Depois virou maquinista, com vinte anos.

Certa manhã, contempla a vida que vai crescendo ao seu redor. Conheceu uma menina que a mãe implica as vezes por causa da cor, ele não se importa. Já tava amigado e ia ter um filho. Nesse dia, olha pras coisas, sente a existência, encabulado com a transitoriedade da vida. A casa de palha e de madeira, ripada e com brechas, permitia que a chuva escorresse pelas bordas. Tomando chibé havia tido um daqueles pensamentos tão peculiares, uma curiosidade estranha, boa, mas temerosa. Olhava pros rostos tão conhecidos, de leve mexia com a língua os beiços molhados. Na mesa, uma conversa sobre o futuro do filho, alguma coisa relacionada com uma reclamação dos vizinhos amontoados. Pensa na Casa Própria, montar sua família, dar uma vida diferente pro filho, ser um pai diferente. A namorada, exímia dona de casa, reparte um pão bengala, milimetricamente. Pra não ser injusta com ninguém, um pedaço de dois dedos pra cada, melado com margarina, que faz lembrar só um suspiro da gostosa e salgada gordura. Olhando com curiosidade, tem mãos e reflexos que voam, todos os dias, pensando em coisas que nem sempre gosta, tecendo conversas infinitas consigo.

No cantinho, caprichosamente colocado em cima da estante, o radinho ressoa uma modinha que faz lembrar do pai. *Naquela mesa ele contava histórias/ Que hoje na memória eu guardo e sei de cor*³⁰. O pai abandonou sua mãe. Ele teve que cuidar desde cedo dos irmãos mais novos. Tinha orgulho de ter podido ajudar. Mas, e se ele tivesse ficado? Queria ter um ódio grande do pai, mas não conseguia. Talvez sua mãe ficasse triste se contasse que queria ver ele mais vezes. Outros dias, quando o trabalho pesado fazia estremecer o espírito, tinha tanta raiva do pai que pensava: o maior castigo dele é minha distância, meu desprezo. Mas a ira logo passava, então, inventava na memória várias cenas que gostava de pensar ter sido com o pai, só

³⁰ Música de Nelson Gonçalves intitulada *Naquela Mesa*.

pra experimentar no sonho, o gosto de tê-lo por perto. Fria escuridão antes do sono. O que se aproxima parece um grito, ou um chiado. E via o pai bebido, falando alto com a mãe, como se tivesse só um pé no chão, por trás alimentado por uma pedra de carvão, lhe cobria nas costas um imenso painel, tuc tuc tuc tuc, e a confusão acaba levando a pressa... Sentado na mesa, estava surpreso com o realismo do sonho, podia tocar naquela loucura. O trabalho transforma tanto o dia-a-dia. Quando olha pra trás, já foi, e sucedia um longo período que ele não se importava com nada. Afinal o pai já tinha outra família, sustentava outros filhos. Conhecia muitas histórias assim, a amiga da mãe quase enlouqueceu depois que o marido a deixou sozinha com dois moleques no colo. Chorava copiosamente contando pra comadre. Qual liberdade de escolha?

Sua irmã vai fazer quinze anos em poucos dias, ele já mandou comprar vários quilos de trigo, algumas grades de refrigerante baré, e muitas outras garrafas de Cortezano. Diziam que era exagero, ele não se importava. No quintal, um fogareiro preparado com hastes de madeiras ferve a maniva que aos poucos vai suspirando por entre os charcos alagados. Pretinha e cheirosa. Depois lembrava que ia conhecer São Paulo a trabalho. Tinha surpreso o patrão com a força pro trabalho. Conheceria mais da profissão. Égua, tinha que cair bem no período da festa da irmã?! Mas o espírito tinha sido atizado, conhecer uma cidade grande dessas. Queria poder suspirar essa coisa que não sabia explicar. Qual pureza devia resguardar um lugar de tão nobres apartamentos? Que cheiro é esse, vindo de uma experiência que insiste em não se completar? Só via na televisão preta e branca as notícias do mundo de lá. Comprou a TV no carnê, passou meses e meses pagando. Gostava de ver quando os moleques da rua iam assistir televisão lá, dava gosto, gosto de casa cheia. Falou com a mãe pra comprar a melhor que pudesse. Depois de raciocinar sobre razões, do porquê estaria ali, como um breve lampejo, a hora correu. Os vizinhos combinaram de fazer mutirão pra construir outra estiva destruída pelo alagamento das chuvas.

...

A mãe, dona menina.

Já é noite quando chega da casa de família onde trabalha, fazendo de um tudo. Vem logo contando que mais uma vez a patroa havia deixado uma correntinha de ouro em baixo da cama, parecia um teste de confiança. Quando achou, mostrou na hora, e a patroa com surpresa fingida, “aaah cumadre! Tu achaste! Pois eu procurei tanto por essa correntinha”. Isso indigna a honra da mãe. “Ela acha bem que eu ia sair de ladrona. Eu hein, num sei que lezera é essa. Onde já se viu...” E se punha a lavar as louças no giral, sentindo nojo dos dejetos que se amontoam no fundo do quintal pra onde olha. “Não vejo a hora de mudar”. Tinha feito um cadastro no governo

para adquirir uma casa melhorzinha, já viu várias pessoas sendo remanejadas, porque iam abrir pistas bem no meio onde moravam. Foi visitar uma antiga amiga numa dessas casas de conjunto, de alvenaria, com um banheiro magnífico. Era isso que mais marcava as crianças na casa da “tia”. Vinham contando, o caminho todo, do banheiro com privada, “égua um luxo mãe, eu quero também”. E dava um abraço comportando toda a esperança e rejuvenescendo a energia pra lida.

Ai! Sentia tanta falta do pai, aquele cafajeste. No seu íntimo não entendia como podia amar tanto um crápula. Por isso era forte e nunca dizia o quanto sentia falta. No fundo, tava louca pra perdoar. Perdidamente. Talvez fosse o peso de criar todas aquelas crianças, comer feijão com farinha vários dias, sopa com cheiro de carne. Nos dias que apertava, só quando já não tinha outra escolha, mandava os filhos irem buscar carne com o pai, e um trocado pra trazer as frutas do motoquim – um velho senhor japonês aceitava um trocado simbólico, só pra não dizer mesmo que foi de graça, pra deixar as crianças entrarem no quintal, pegar no camburão as frutas mais velhas, pra aproveitar as mais batidas. Elas gostavam porque comiam abacate, mamão e banana. Não gostavam era da encarnação dos outros moleques, “fala, come fruta bulifada”. Mostravam um cotoco, as vezes a língua, e saiam correndo. Mas a mãe, as vezes entendia, não sentia falta dele. Queria ser amada, queria poder no final do dia sentir o carinho e a fúria do desejo, o cheiro da intimidade exalando nos poros.

Porque tanto trabalho meu Deus, e qual êxito? Tinha decidido que ia mudar, não importava o que precisasse, se tivesse que comer só ovo e farinha, dormir embaixo de lona, estava disposta. Contanto que não precisasse mais usar aquele banheiro. Pra tomar banho numa bacia de pneu com torneirinha. E suspirava, trazendo as possibilidades que se abrem para a esperança e tranquilidade. “Deixa eu cuidar quié”. Pegava uma panela pendurada num gancho de metal e botava no fogareiro com umas grelhas pra aguentar o peso. A filha menor, piquixita, as voltas com os amigos imaginários. Quando sobrasse um trocado ia comprar umas bonecas, e remendar uns panos pra ela brincar de trocar as roupas.

Depois do mingau pronto, chamava de um por um, e repartia, lembra, pra não dar briga. Então, se sentavam nos banquinhos ao redor da mesa. Finalmente, no finzinho da noite, ia pra sua máquina de costura com pedal, distraia a mente ao mesmo tempo que juntava alguns retalhos pra fazer a coberta e as roupas. Roupas de loja era difícil, era mais pro Círio ou natal, pra aparecer bonita pra Nossa Senhora e pro menino Jesus. Costura, costura, costura e toma um café na sua caneca esmaltada favorita, velhinha mas dava pro gasto, melhor do que aquelas improvisadas de lata de leite com um cabo de vassoura.

“Ah meu Deus, meu filho metido em cidade grande. Protege ele Mãezinha”, e uma

lágrima terna desce pelo rosto. De repente lembra do outro cumpadre, metido naquelas confusões de passeatas pela abertura democrática. O povo chamando de arruaceiro, disque até foi preso e fugiu a nado, “já disse pra ele, vão acabar sumindo contigo como já sumiram com muitos”. A mulher do cumpadre não gostava dela, achava que tinham um caso, e na verdade só uma intensa amizade, nunca tinha percebido outra intenção, era muito respeitoso, muito diferente dos outros que perseguiam com conversa fiada, dizendo que iam ajudar a cuidar das crianças, mas ela não era besta. Sabia o que eles queriam, e depois desapareciam...

Olhou ao redor, a casa de dois cômodos, as crianças dormiam na cama de casal deixada pela sua mãe antes de falecer, ela e o filho mais velho em redes. Sentiu saudade de comer o peixe frito com açaí. Será que a vizinha já vai tirar? Lembrou da última vez, enquanto batiam o açaí na mão, conversavam da nova pista e dos remanejamentos “a gente tá aqui a bem dizer junto da vala vizinha, a gente precisa de um lugar mais acomodado. Tu acredita que o moço que veio avaliar, falou que minha casa tem poucos compartimentos, por isso não era valorizada. Se eu conseguir financiar uma casa, vou ficar com um terreno menor. Vê se pode?! Eu disse, olha o senhor me desculpe, mas vivo eu e mais quatro filhos, só um me ajuda trabalhando pros outros estudarem, e já tá em idade de se casar, minha nora vive com a gente e já vai até ter filho. São duas famílias aqui em casa! Aaah, eu não sou besta vizinha”³¹.

2.5.3 – A ilusão mercantil

Antes de passarmos para a expansão da urbanização na segunda légua patrimonial de Belém, gostaria de desenvolver um pouco mais a reflexão acerca da vinda de inúmeros trabalhadores para a cidade. Além do impulso da concentração populacional acelerada, ocasionado pela privatização das terras, pela modificação da produção rural, pelo assalariamento e pela entrada de novos mercados competidores, que de fato expulsou muitos camponeses das suas terras; é importante considerar um outro fator. A cidade disputa a concentração da força de trabalho, sua capacidade produtora e consumidora, através da fortificação de um combate ideológico, a cidade é o *locus* social que mais representa a riqueza econômica e o moderno. A própria discussão de espaço urbano pressupõe a dupla caracterização de interior, como distância espacial e distância ideológica implicando em noção de menor,

³¹ A vida na baixada, baseado, a maior parte, em conversas com mulheres moradoras do conjunto Promorar, Conceição dos Reis Xavier Brasil e Sheila do Socorro Alves, e do Tapanã, Marlúcia Pinheiro Muniz. Moradoras das áreas de baixada nos anos 1970 e 1980.

compacto e atrasado³².

O processo de industrialização e a busca pelo desenvolvimento que acompanham o avanço do capitalismo têm levado as cidades a crescerem desordenadamente. Cada vez mais migrantes chegam à cidade atraídos pela ilusão de uma fonte de renda estável e em busca de “melhores condições de vida”, enfrentando vários tipos de entraves, como mercado de trabalho saturado, falta de oferta de habitações e deficientes serviços de infraestrutura. Ainda assim, a cidade lhes acena com melhores possibilidades do que o campo (ABELÉM, 2018, p. 30).

Essa abertura de capítulo da professora Abelém, reflete as expectativas dos migrantes. A leitura nos leva ao mergulho da cidade no imaginário rural. Podemos fazer uma comparação com a fase heroica (LUKÁCS, 1968) do capitalismo burguês, no início do século XIX. Na França, país expoente de uma grande luta política por liberdade, o capitalismo ergueu raízes dos seus tentáculos mais profundos. Quando, pós revolução francesa, a burguesia tomou o poder, e rechaçou os trabalhadores das zonas de decisão sobre os meios produtivos elementares, um enorme contingente miserável e desiludido com as desventuras da revolução intensificou o êxodo das províncias e a formação urbana das suas principais cidades.

O diálogo pode ser feito com Luciano de Rubempré em *Ilusões Perdidas* (BALZAC, 1954), um dos mais admirados personagens do universo balzaquiano. O jovem poeta convive com esse estigma da abertura de possibilidades falsas que o jogo de mercado sobrepõe nas suas expectativas literárias, acredita que a capital francesa é o único lugar possível para realização da perfeição. Na disputa por reconhecimento e inserção no mundo das letras, Luciano vai à Paris potencializar suas forças e êxitos. Ao se encantar com o estilo de vida dispendioso das elites começa a desejar que sua arte também lhe conceda fortuna, o que já começa a contrastar com suas antigas concepções românticas da arte ideal, opositora de uma produção voltada a satisfação do tempo de trabalho industrializante. Encontra em Paris um quadro de relações complexos, donde o assento nas camadas do poder exige verdadeira prostituição dos seus dotes. Luciano conhece um jornalista distinto, Losteau, e procura criar relações que possam alavancar suas pretensões, pesarosamente o recém conhecido lhe dá um conselho sobre a vida de Paris:

Idêntico ardor precipita todos os anos, da província para cá, número igual, para não dizer crescente, de ambições imberbes que se lançam, cabeça erguida e coração altivo, ao assalto da Moda (...). Mas nenhum consegue decifrar o enigma. Tombam todos nessa fossa da desgraça, na lama do jornal, nos charcos das livrarias. Respingam, esses mendigos, artigos biográficos, crônicas e “fatos de Paris” nos jornais, ou livros encomendados por lógicos negociantes de papel impresso, que preferem a asneira vendida em quinze dias à obra-prima que leva tempo para ser colocada”. (BALZAC, 1954, p. 214)

³² Lembremos novamente do jogo de sentidos com a palavra distância em *Verde Vago Mundo* de Benedicto Monteiro.

Importa o produto que vende muito, mais do que a qualidade. E não importa quais amigos se atacam para promover vendas. Luciano se perde nesse mar, tendo que escrever para jornais críticas mentirosas sobre obras que realmente gostava, mas no furor de chegar a acessar os serviços de Paris, é levado à desilusão do espírito pela loucura do *ter*. Capitaliza suas aptidões, põe-nas a venda. Há quem afirme que algumas das passagens que atestam desilusão crescente no mercado das letras, reflete as próprias agruras que teve que enfrentar Balzac, e como ele, milhares de artistas que não encontravam, na vida pública e política, um sentido para o excesso de força e vigor criados com as revoluções do século XVIII na Europa³³.

Percebes o espírito que ronda as cidades? Ao mesmo tempo que impulsiona uma fantástica aparência das suas vivências, não consegue dar sentido a produção social de jovens trabalhadores. Vejo uma interligação fundamental com a produção social de Belém. É preciso contar que a literatura e o estilo de vida franceses eram dos mais respeitados no Brasil, mas as condições de Luciano, realmente, são distintas das nossas. Até porque os vivedores intrépidos, relatados por Balzac, bebiam e comiam da produção escravocrata de várias partes do mundo. Voltemos para Amazônia.

Chove nos Campos de Cachoeira, obra célebre, primeira da série Extremo Norte de Dalcídio Jurandir (1991), retrata com realismo a vida interiorana marajoara das primeiras décadas do século XX. Major Alberto, deitado em sua rede, sonhava com as imagens das revistas, mil e uma novidades do mundo além do Atlântico. Máquinas super potentes, lindos figurinos, engenharia de primeira, céus cadentes rasgados pelo conhecimento, etc. Um verdadeiro contraste entre a consciência transportada para um conto de fadas e a realidade crua das vestes e do cotidiano mormaçento e calmo.

D. Amélia pensava que mais filósofo do que Major Alberto não tinha neste mundo, com aqueles catálogos a calça sempre caindo sem cinturão, a ponta da camisa de fora, a gravata no pescoço cujo laço era ela quem dava e os tamancos nos pés que Mariinha lhe trazia, o chapéu de massa enterrado na cabeça, Major Alberto caminhava para a Intendência imaginando os seus planos de criar abelhas, pombos e porcos Polland China. (JURANDIR, 1991, p. 192).

Estudar em Belém é o grande fascínio de seu filho Alfredo. Conhecia a cidade a partir de relatos de outros moradores de Cachoeira que, em épocas distintas, se vangloriavam de ter visitado lugares e festejos pomposos na capital paraense. Cenas contadas de uma cidade iluminada, noites ilustres, carros luxuosos, as festas de Nossa Senhora de Nazaré, o formoso Teatro da Paz, a representação de Pilatos e Madalena, “Alfredo ficava suspenso de

³³ Ápice são a Revolução Francesa em fins do século XVIII e a Revolução Industrial ao longo do século XVIII e XIX concentrada na Inglaterra.

embevecimento. Era a cidade!” (JURANDIR, 1991, p. 191). O menino continuava sempre as voltas do campo, irritado com a vida melhor que não chegava, “Eu morro aqui, mamãe. Cresço aqui e não estudo. Quero estudar, quero sair daqui!” (Ibidem, p. 189). A própria oralidade vai construindo, para além das imagens em revista, uma cidade ideal e romântica, o menino “lembrava de visões, siá Rosália lhe aparecendo, por exemplo, lhe dando senhas e falando dos bondes de 1ª Classe em que ela sempre andava. Bonde bagageiro não era com ela, dizia, tinha muita imundície e ralé” (Ibidem, p. 188). Mas qual seria essa Belém? Meio século depois³⁴, em 1978, a carta ao povo e as autoridades da Comissão dos Bairros de Belém, mostrava um penoso retrato não difundido nos sonhos dos meninos encarnados em Alfredo:

Uma situação difícil da qual não somos os culpados e à qual se acrescenta o baixo salário, o altíssimo custo de vida, o desemprego, a fome, a falta de liberdade, problemas que o povo há muito vem amargando. Há 30 anos ou 40 anos ninguém queria saber dos terrenos que ocupamos. E também, nunca os sucessivos governos se preocuparam em resolver pela raiz nosso problema de moradia oferecendo terrenos e casas decentes a preço popular. (COMISSÃO DOS BAIRROS DE BELÉM, 1978: Carta ao povo e as autoridades, apud, MOURÃO, 1986, p. 33)

A construção do espaço, vai se definindo, pois, como mercadoria na sua simbiose, na transformação da própria relação social, mas além, cria concentração e centralização dos seus modelos, inclusive de consumo e identidade. Essa é uma possível explicação, do materialismo histórico, para o sonho de Luciano e Alfredo com a “cidade grande”, busca do heroísmo da arte e da ciência. A cidade concentra os meios produtivos mais modernos para a vida em coletividade. Funciona como um ímã gigantesco. Absorve grandiosas parcelas da população.

Esse fator ideológico da indústria cultural, fincado na cidade, exerce poder ativo no incremento populacional da Belém pós 1960. Com o advento da industrialização em escala monopolista, temos sua forma de aculturação também em grande escala, as intervenções no campo da comunicação, como já mostram o poder do jornal no século XIX, em *Ilusões Perdidas*, também adquirem uma força sobre as condicionantes mais básicas do cotidiano. No período das ocupações de baixada (anos 1960 a 1990), o rádio e a televisão assumem caráter semelhante às revistas para o major Alberto e as contações de história para seu filho Alfredo, cruzamento de formas orais, escritas e audiovisuais nas disputas de narrativa da vida sonhada que geravam distintas rotas de fuga.

No fundo, as imagens retorcidas do capital, fazem parecer que uma vida de pouco trabalho é acessível a todas e todos, basta que o esforço e a fé necessários estejam ligados com a fastidiosa produção daquilo que temos de melhor. Desenvolva seus dons, descubra quem és,

³⁴ Dalcídio Jurandir escreve a primeira versão de *Chove nos Campos de Cachoeira*, no entorno do ano 1929.

faça testes de aptidão e habilidades. Vendendo coxinha e até mesmo bolo é possível vencer! E o caminho, diferente de outras épocas, parece aberto, incrivelmente acessível, bastando capacitar-se para acessar as belas musas na ponta das torres transmissoras que nos conectam ao universo.

Imagens retorcidas e falsificadas. Golpe?! Súbito percebes que para alguns mandarem outros precisam obedecer. Braçais servidores, domésticas domesticadas: “Fatal foi tropeçares e seguires aos solavancos pelas ruas achando que eram boas vindas os olhares. Ao pé do casarão mal iluminado fatal foi pensares que ofereciam vida nova, pois ouviste os sinos” (MEDEIROS, 1990, p. 11). Floresce a fragmentação e a indiferença. E a população de Belém é jogada para becos alagados e campos de dormitório, longe do centro, onde não possam sair nas fotos e nem possam “enfeiar” as referências históricas das belas noites tropicais da Paris n’a América.

2.5.4 – Industrialização e expansão metropolitana

O desenvolvimento de um território é propiciado geralmente pelos elementos de desenvolvimento do seu entorno, não só ao que se refere ao acúmulo de tecnologias e capitais fixos incorporados em máquinas e transportes. Mas se espria a partir de um conteúdo organizativo social. O Tapanã, deixando sua orbe de fronteira demográfica, se aproxima dos bairros próximos pelo excedente de produtividade que grita ao seu redor. Seria inevitável, ao contar a história deste bairro, partir das flutuações, contradições, conflitos e expansões dos bairros/territórios próximos a ele, na sua ilharga. Contar a história do Tapanã é falar do processo de territorialização e industrialização em Icoaraci, Val-de-cães, Marambaia, Benguí. É contar sobre os fluxos ininterruptos, os contatos sempre presentes de uma sociedade fluvial. O Tapanã está em constante diálogo com as necessidades e com os fazeres das ilhas e bairros do entorno, vivenciando os limites e oportunidades que neles se encerram.

Grande número de moradores que puderam ir se fixando na Rodovia Augusto Montenegro vêm proveniente da dinâmica de expulsão dos trabalhadores da cidade. Àqueles que moravam nas baixadas foram os beneficiados com projetos do Sistema Nacional de Habitação da COHAB, conquistados com reivindicações populares, como as da CBB aqui em Belém, do qual já vimos um trecho da sua carta ao povo e às autoridades. Mas também, com o conjunto dos interesses em jogo, e com as necessidades do sistema mercantil, os conjuntos serviam para dinamizar o comércio e seu trânsito.

Na década de 70 foi rearticulado a utilização do antigo Ramal do Pinheiro, e em 1975 começou a construção da Rodovia Augusto Montenegro. Dias (2005), ao relatar o processo de

urbanização em Icoaraci, relembra que um os intuitos que incentivaram a recuperação desta estrada tratavam de facilitar o fluxo de pessoas e o escoamento da produção, ao mesmo tempo garantir os serviços que auxiliam a atividade industrial e o convívio coletivo, típico do urbano.

Trindade JR (2016), ao tratar do processo de expansão da segunda légua patrimonial, relembra as políticas habitacionais que foram sendo implementadas em contexto nacional. Meados da transição do ano de 1984 para 1985, estava sendo votado o decreto 2.065, atribuindo novas considerações ao caráter do Sistema Nacional de Habitação, e ao próprio Banco Nacional de Habitação, que organizava os recursos financeiros compulsórios do FGTS e voluntários das letras imobiliárias da caderneta de poupança, para a construção dos conjuntos habitacionais. “Na prática, até 1980, seus investimentos favoreceram mais à demanda as classes de renda média e alta” (MOURÃO, 1986, p. 68).

Ao mesmo tempo que na câmara se votava o projeto de lei, em Belém o então Governador do Estado, Jader Barbalho, recebia o presidente do Programas Habitacionais do BNH, Arnaldo Prieto, para o I Encontro Estadual de Habitação e Desenvolvimento Urbano. Na ocasião, o governador aproveitou para visitar algumas áreas da baixada com Prieto. O que assustou o presidente do BNH, segundo o jornal A Província do Pará, foi a situação crítica dos moradores. Na sua fala de abertura do Encontro, o governador ressaltou as condições de vários desempregados e subempregados, que não podiam nem ao menos fazer frente as condições das prestações do BNH. Viviam com deficiências no abastecimento de água, esgotos sanitários, serviços de saúde e falta de um serviço de coletas de lixo em diversas baixadas, lugares onde “são elevados os índices de doenças transmissíveis e a mortalidade infantil chega, em alguns locais, a atingir cifras de 112,2 por 1000 crianças nascidas vivas”³⁵.

Resolviam-se dois problemas, diminuía o conflito do inchaço urbano e ainda ofertaria mão-de-obra a baixo custo para os projetos industriais e para o comércio da região. A acumulação do capital estava por criar um cordão ao redor do centro. No período dessas execuções e planejamentos sobre a criação de urbanização estava se pautando o debate, nos organismos sociais e em movimentos de moradia, sobre a cidade planejada. Isso porque eram constantes as alegações de desgosto com os modelos habitacionais, seja pela pouca acessibilidade, pela concentração populacional sem nenhum acompanhamento, precariedade das construções devido ao barateamento dos custos produtivos.

Essa dinâmica remonta às remoções de famílias das favelas no Rio de Janeiro. A renovação urbana, um modelo que acabou sendo generalizado para as outras áreas do país, teve

³⁵ Discurso do Governador Jader Barbalho, registrado por A Província do Pará, quinta-feira, 26 de Janeiro de 1984.

várias contradições, como demonstrou a Valladares (1978): custos maiores com deslocamento, impossibilidades para pagar as prestações do imóvel ao BNH, prejuízo para renda familiar, dificuldade para se adaptar em um lugar novo, serviços públicos precários, comprometimento da renda. Condicionantes que acabaram paralisando diversas obras, e mais, vários dos remanejados vendiam a casa e voltavam a morar nos lugares de antes. Para ela a consulta populacional, a participação dos moradores na construção do espaço novo é fundamental para que os locais de moradia tenham além da casa, uma ambientação cultural, econômica e política.

Vários dos conjuntos habitacionais que demoravam mais do que o tempo estimado para ser entregues acabavam sendo alvo de conflito, como mostrava uma reportagem de novembro de 1983:

Cerca de 30 soldados da Polícia Militar, (...) expulsaram ontem à tarde os invasores do terreno de “Morada dos Ventos”, onde, outrora, havia um conjunto habitacional em construção. (...) Os invasores deixaram o terreno, já praticamente limpo e com algumas casas em início de construção, pacificamente, mas reclamando muito contra a atitude tomada. (...) Eles se queixam do fato de que a Tropical tenha esperado tanto tempo para reclamar a propriedade. “Porque não apareceram antes; esperaram que a gente limpasse tudo”, reclamava um inconformado invasor. (...) São cerca de 3 mil famílias que invadiram o terreno, localizado no km 2,5 da Augusto Montenegro.³⁶

Note-se duas coisas. Primeiro a insistência na matéria de chamar os moradores de invasores. O tratamento dado estimula a antipatia social, subtraindo a responsabilidade do estado para garantir compromissos como escolas, centro de saúde, transporte, etc. Vários dos problemas que se acumulam em torno de uma ocupação, desde os seus índices de violência ao desencontro com sua história, são consequência dessa antiga forma, que combina a falta de acesso aos meios que reproduzem sua sociabilidade com a represália social e cultural das instituições dominantes.

O trabalho de dissertação do Professor João Carlos de Souza (1995), mostra quando ocupantes da Zona Leste de São Paulo eram confrontados com representações depreciativas que tentavam inferiorizar o curso das suas ações: “invasores”, “favelados”, “baderneiros”, e “ladrões” constituem um juízo que por diversas vezes envergonhava ou desmerecia os ocupantes, essa compreensão vai se desenrolando e é possível ler, na compreensão do autor, um sentido forte ligado a noção de propriedade. Os moradores recorrentemente produziram contradiscursos, uma nova linguagem que procurava garantir a legitimidade do trabalho despendido: alguns alegavam que a área pertencia ao estado e assim sendo uma noção de coisa pública, produzindo a sensação de que não pegariam nada de ninguém. Sendo público seu

³⁶ A Província do Pará, 01 de Novembro de 1983.

destino deve ser social. “Trata-se de uma outra representação, inversão das verdades estabelecidas pela sociedade com relação à propriedade da terra, à lei e ao direito” (SOUZA, 1995, p. 113). Ao mesmo tempo, a superação aliava-se a símbolos religiosos, ancestrais, que dariam força para superar os estigmas. A terra prometida, o direito dado por Deus aos seus filhos, viver dignamente na terra. Essa simbologia vai construindo uma nova forma de contato através da linguagem, que reproduz a sensação do trabalho árduo para conquistar o barracão. Os moradores ocupantes, passam a se incomodar com a denominação de invasores, e passam a defender-se assumindo a identidade que constitui um símbolo de força e coletividade.

A área ocupada em 1983, tratava-se de um terreno próximo do Mangueirão, ao lado do conjunto Panorama XXI. Ajuda a demonstrar as considerações do professor Trindade Jr (2016), as áreas de expansão urbana de Belém foram sendo dinamizadas graças a ocupação dos terrenos de Val-de-Cães, Marambaia e Benguí, além disso, o fortalecimento de Icoaraci como um outro polo central da capital belenense, o que ele chama de expansão da Região Metropolitana de Belém (Mapa 02). O que me parece difícil dimensionar é se a ocupação de fato se deu com a entrada dos conjuntos habitacionais, ou se a pressão dos moradores, ocupando espontânea e/ou organizadamente já substancializava um conflito de enormes proporções.

As áreas de Val-de-Cães e Marambaia, cresceram, em termos populacionais, em torno de 373% e 112%, respectivamente. Perceba que a gravidade da situação era tal, que ter expelido grande parte dos migrantes e moradores de Belém para essas áreas não significa que os bairros das baixadas, na Primeira légua Patrimonial, foram sendo esvaziados ou que comportavam melhor as pessoas, pelo contrário, o inchaço continuou ocorrendo nas duas léguas. No mesmo período o bairro da Condor teve um incremento populacional de 581%³⁷.

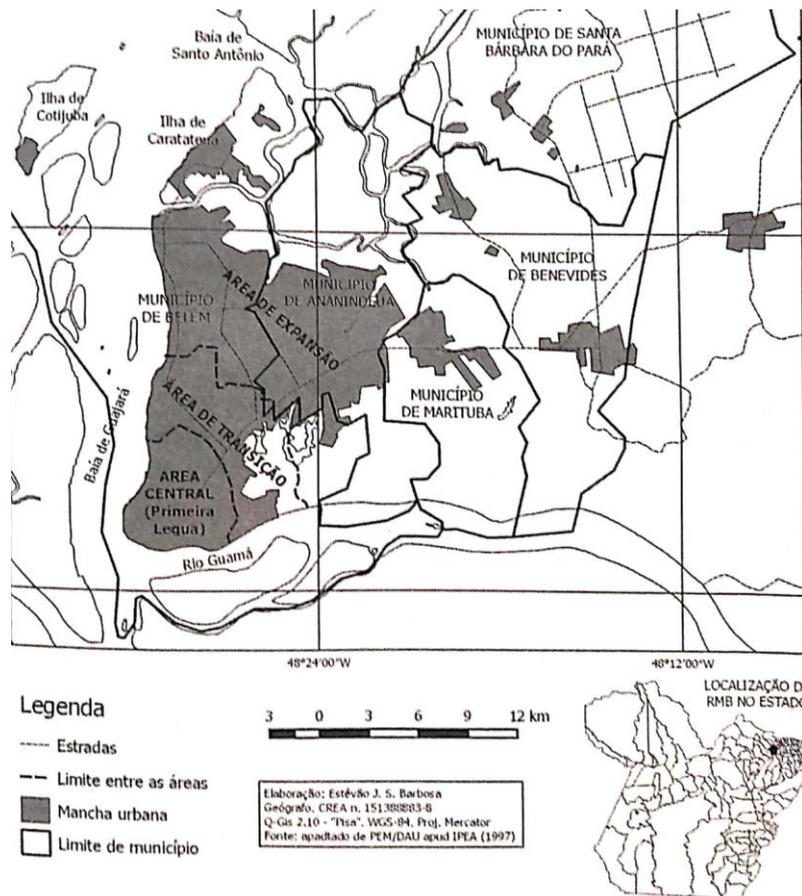
Ao mesmo tempo que a organização civil vai abrindo caminhos e proporcionando o acesso nas áreas que antes eram pouco habitadas, as condições da antiga estrada do Tapanã, que hoje integra a Rodovia Arthur Bernardes, possibilitavam vantagens comparativas excelentes para implantação de um parque industrial nas margens da Baía do Guajará. Partindo de Val-de-cães, na estrada do Tapanã, onde hoje se encontra o Promorar, já se via o Parque Aeronáutico e o Aeroporto Internacional, erguendo a industrialização belenense:

Aí se encontram em final de construção ou iniciando suas atividades importantes indústrias: a “Cerveja do Pará S/A.”, “Jutex”, “Curtume e Cerâmica Guerreiro”, “Óleos do Pará S/A.”, “Brasil Extrativa S/A.” (também industrializando óleos comestíveis) e a indústria de tubos e telhas Brasilit, somadas à presença de um terminal da Petrobrás, com seus depósitos de materiais (...) A localização dessa área não podia ser melhor: proximidade de Belém, com a qual é ligada por rodovia asfaltada, que penetrando no aglomerado urbano, é prolongada pela av. Senador

³⁷ Dados do IBGE retirados da obra de Trindade JR (2016).

Lemos, que lhe garante fácil acesso à zona portuária; espaço amplo para o desenvolvimento das instalações industriais; água em abundância, e baixos cursos de igarapés, que podem encaminhar as águas de Guajará os possíveis resíduos industriais; possibilidade de acesso das matérias-primas pela baía de Guajará, já que muitas indústrias poderão ter seus respectivos trapiches de desembarque; mão-de-obra abundante na própria área suburbana, onde há núcleos de população que congregam mais de cem mil habitantes, dos quais nem toda a população ativa se acha devidamente empregada. Condições excepcionais de expansão (PENTEADO, 1968, p. 370).

Mapa 02 – Área de Expansão Metropolitana de Belém.



Fonte: TRINDADE JR., 2016, p. 129.

A urbanização das áreas próximas ao Tapanã, já previa as “condições excepcionais de expansão” descrita por Penteado, o que demonstra como era fundamental realocar grande parte da população, a força de trabalho, para áreas mais próximas da expansão industrial. O artigo de Santos (2016) objetiva mostrar como vai se intensificando a ocupação e privatização da orla belenense. Destaco o ponto onde relata a construção do Dique de Belém.

Realizado na década de 1940 como desmembramento dos “Acordos de Washington” (acordo este que também estipulou a construção da Base Aérea de Val-de-Cães), o Dique controlou recorrentes inundações entre os igarapés do Tucunduba e a região de Val-de-Cães, evitou 38.540 m² de áreas alagadas e facilitou a ocupação das áreas no entorno do Rio Guamá.

Contudo, o que mais importa a este estudo é o segundo segmento do Dique que possibilitou a construção e asfaltamento da Rodovia Arthur Bernardes, uma interligação do centro da cidade para sua área de expansão. Facilitou o transporte de pesadas máquinas e mercadorias do processo industrial e permitiu expandir as áreas habitáveis. O processo de urbanização das antigas fazendas Val-de-cães e Tapanã vão aos poucos se intensificando.

Neste mesmo período a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) administrava recursos federais para executar um plano de desenvolvimento para a região. Santos (2016) monta uma tabela (valendo-se do levantamento feito pelo Conselho Deliberativo da SUDAM para o período de 1964 até 1975) das indústrias que foram implantadas entre as décadas de 1960 e 1970. Retirei dela as dezesseis indústrias localizadas ao longo da Arthur Bernardes que foram registradas pelo autor:

Tabela 01 – Indústrias às margens da Rodovia Arthur Bernardes incentivadas por recursos da SUDAM.

Mês/Ano	Indústria/Objetivo
07/1964	1- Cervejaria Paraense S/A – CERPASA. <ul style="list-style-type: none"> • Fábrica de Cerveja (instalação)
11/1966	2- Fósforos da Amazônia S/A – FASA. <ul style="list-style-type: none"> • Fábrica de Fósforos
03/1967	3- Indústria e Comércio de Madeiras – PARQUET DO PARÁ S/A . <ul style="list-style-type: none"> • Madeireira
03/1967	4- Fósforo do Norte S/A – FOSNOR. <ul style="list-style-type: none"> • Fábrica de Fósforos
04/1967	5- Óleos do Pará S/A – OLPASA. <ul style="list-style-type: none"> • Indústria de óleos comestíveis e empreendimento agrícola
12/1968	6- Joaquim Fonseca, Navegação, Indústria e Comércio S/A. – JONASA. <ul style="list-style-type: none"> • Beneficiamento de sal e exploração de navegação fluvial e de cabotagem na região Amazônica
02/1969	7- L.J. Vasconcelos & Cia. <ul style="list-style-type: none"> • Captura, industrialização e exportação de pescado (isenção de imposto de importação)
06/1969	8- Companhia Amazônica de Pesca – CIAPESC <ul style="list-style-type: none"> • Captura e industrialização de camarão

11/1969	9- PINA Intercâmbio comercial e Industrial de Pesca. • Indústria pesqueira.
05/1970	10- Companhia Nacional de Pesca – PESCOMAR • Pesca e beneficiamento de camarões
05/1970	11- Produtos Industrializados do Mar – PRIMAR S/A • Captura, industrialização e comercialização de camarão.
06/1970	12- Vidros Industriais do Pará S/A. – VIP. • Fabricação de vasilhames e utilidades de vidro em geral.
02/1972	13- Artesanato de Madeiras da Amazônia S.A. • Indústria para a fabricação de artigos de madeira.
06/1972	14- Sociedade Anônima Tubos Brasilit S.A. • Fabricação de tubos de cimento- amianto, concreto, telhas e outros artefatos de fibrocimento.
10/1972	15- Tubos da Amazônia S/A – SITUBOS. • Produtos de materiais plásticos.
11/1973	16- Macedo, Indústria e Comércio Metalúrgica Ltda. • Indústria metalúrgica.

FONTE: Santos (2016)

A tabela nos ajuda a perceber, novamente, a importância da industrialização às margens da Baía do Guajará e da Rodovia Arthur Bernardes para a territorialização do Tapanã. Essas indústrias necessitam de mão-de-obra para operar o sistema produtivo e os serviços necessários para a reprodução desses trabalhadores. Como salienta Mourão (2017), a inserção do caráter industrial modifica as relações econômicas e a paisagem do local. Assim como vários novos produtos passam a ser ofertados para camadas populares, alguns sistemas de serviço público passam a ser viabilizados onde não havia, como, por exemplo, instalação de rede elétrica e abastecimento de água encanada. Esses ganhos marginais são aproveitados por uma grande quantidade de famílias que não possuem terra, facilitam a reconstrução da sociabilidade do lugar e modificam os espaços e a produção de sentidos.

Ocorreu o adensamento do núcleo pioneiro com a ocupação dos miolos das quadras dando origem a vilas e passagens até então desocupadas, e à expansão, anexando os núcleos populacionais com fisionomia “rural” ao espaço da cidade. (DIAS, 2005, p. 133)

Essa dinâmica que passeia nas Rodovias Arthur Bernardes e Augusto Montenegro

produzem nova apropriação e reapropriação das localizações na segunda légua patrimonial de Belém, como aponta Trindade JR (2016). As localidades ganham um novo sentido pelos agentes modeladores construtores do espaço (pedreiros, empreiteiras, corretoras, mercado imobiliário, mutirões, conhecimento tradicional de construções e edificações, etc.). Há os espaços que vão se acumulando em torno da aplicação de capital e aqueles que vão sendo construídos na medida dos recursos disponíveis e da organização de pessoas que possam contribuir com a realização das mudanças. Vai-se perdendo a paisagem rural, ainda que esta possa conviver em alguns pontos específicos com os lugares onde o processo de urbanização é mais intenso.

Ao mesmo tempo que construtoras e incorporadoras vão aproveitando sobrelucros advindos da redução do “custo fundiário”, posseiros e grupos organizados aproveitam as oportunidades geradas para ocupar a terra, processo que Trindade JR (2016) vai trabalhar como “assentamentos espontâneos”. Lembremos que o autor defende a tese que a construtibilidade destes espaços na segunda légua patrimonial surgiram a partir dos assentamentos planejados, conjuntos habitacionais e condomínios preparados previamente para acolher famílias remanejadas de distintas áreas alagadas, como já foi mencionado, pelo Programa de Recuperação das Baixadas de Belém.

Não me parece que se trate de um modelo rígido e linear. Como se só a partir dessas implementações do estado é que as áreas vão sendo ocupadas. Pelo contrário o caráter de uso da terra está em constante disputa. Em todos os séculos precedentes o modelo de ocupação deste bairro estava condicionado às características de colonização e defesa, tanto contra inimigos externos como de inimigos internos da coroa e do poder institucional. Novas famílias vão ressignificando e ocupando os espaços muito antes do estado intervir com a construção de conjunto habitacionais. Passam a confrontar as intenções dos donos de grandes faixas de terra e do mercado imobiliário. Implicações da falta de regularização fundiária no Brasil.

As famílias que ocupam um espaço procurando garantir moradia e trabalho estão estimuladas por intencionalidades e estratégias variadas que passam pela necessidade mais premente de se estabelecer em um lugar (inúmeras situações provocadas pela precariedade e miséria), atravessando as possibilidades onde possam construir outras territorialidades (novas tentativas), até às ocupações que procuram realizar o pedaço de terra como valor de troca. É como se tomassem a cidade para si e tentassem ergue-la sobre seus próprios planos, contraditória e paradoxalmente.

Os personagens e agentes que projetam a terra onde querem morar, em alguma medida, sabem o que desejam, organizam a vida política e coletiva para a melhor realização dos seus

objetivos. Constroem espaços de encontro e discussão, de produção do conhecimento, de emancipação dos filhos e de exercício da espiritualidade, mediado pelo conjunto imbricado de culturas cosmopolitanas da cidade moderna. Sujeitos que garantem não só o caráter de enfrentamento político, mas também geram um outro espectro de debate sobre o processo alienador do trabalho. Um contraponto para problematizar o caráter “espontâneo”, já que o termo se assemelha a aleatório, como se fosse decisão pouco planejada. Vejamos nos relatos de memória como as experiências dos moradores estão ligadas com a construção do espaço urbano, o que quebra invariavelmente a ligação espontânea ou aleatória da ocupação de terra.

CAPÍTULO 3 – UMA CRÔNICA TAPANAUENSE

3.1 – Alta madrugada

Certa vez, nas andanças, conheci grandes amigos moradores do Tapanã. Esta pesquisa poderia nunca ter surgido caso eu não houvesse encontrado com a família Muniz. Voltemos ao meu início, para que eu possa melhor te mostrar a imagem do meu primeiro contato com a madrugada do Tapanã. Ainda lembro do coração batendo forte, das faces ardentes e ruborizadas, do efeito do álcool se dissipando...

...

Lenon Xavier:

“Foi assim, alta madrugada de 2011, tinha por volta de vinte e dois anos quando me encantei pelo movimento estudantil na UFPA. Estava disposto a conhecer novas vertentes que direcionassem meu ímpeto por mudança, certo repositório onde pudesse jorrar minha indignação. Envolvido pela política, pela ternura e pelas delícias dos segredos da juventude, conheci um grupo de amigos do movimento estudantil.

Errantes, estudantes, estagiários e trabalhadores, tínhamos pouco dinheiro, mas de todo jeito fazíamos de um tudo pra nos encontrar, seja em festas que permitiam entrada grátis, onde a latinha de cerveja se vendia a 1 real, ou então nos bares típicos da juventude universitária, na coleta que de pouco em pouco fazia nossa ment... quer dizer, nossa alegria!

Frequentamos reggaes, aparelhagens, botecos e bares, passeatas, reuniões, greves, pontos turísticos e emblemáticos, casas e mais casas de amigos, do centro e da periferia de Belém; viajávamos e voltávamos sempre fincando e ramificando raízes pela cidade.

Um dos camaradas que eu mais me aproximei, deste grupo, mora no Tapanã, chama-se Marvin Muniz. Em pouco tempo passei a conviver com este bairro que conhecia muito pouco. E confesso, na minha adolescência, quando passava próximo, pronunciava uma sentença comum, algo que eu estava habituado a ver e ouvir sobre o Tapanã: “Ixi, deve ser perigoso...”. Histórias sobrecarregadas de violência...

Certa sexta, saindo do Mormaço, não satisfeitos pelo findar tão rápido da noite, decidimos continuar aquele rolê indo ao Tapanã, poderia dormir na casa do meu amigo. Sua irmã, Marina Muniz, estava indo conosco, ainda não a conhecia muito bem, mas lembro que já havia me encantado por ela, muito simpática, extrovertida, gostava da noite e das festas igual nós dois. Uma parceira, de certo, para noites de um brio amazônida.

Chegamos ao Tapanã! Uma sensação nova se produzia sobre o espaço, tinha interesse em conhecer esse ambiente, descobri-lo entre sutilezas e misérias. Pelo horário que chegamos,

umas 3h da manhã, o bairro estava deserto. Para que se chegue à casa dos dois tínhamos que arrodrear a feira do Tapanã, no fim da linha. Era necessário, ainda, seguir por uma rua a direita, 3 minutos a frente dobra-se em uma esquina com enorme mangueira. Seguimos direto por ela mais uns 10 minutos.

Os irmãos deviam ter percebido minha apreensão em caminhar pelo Tapanã porque decidiram me encarnar um pouco. Percebendo o meu relevo sombrio, que muito combinava com o vazio da madrugada citadina, me contaram uma história sobre a recorrência do crime na rua paralela à da mangueira, rua essa que teríamos que passar para alcançar a casa deles.

“Passando por essa rua estamos salvos... é uma das ruas onde o tráfico rola solto... de vez em quando a gente escuta uns tiros vindo de lá... a ROTAM³⁸ passa direto, invade a casa dos cara... mano, rola tiro e os caralho... então, quando a gente tiver passando por lá... e como já é tarde... Se a gente sentir que o clima tá pesado... e te disser corre... TU CORRE MANO!”, entrecortavam-se as vozes dos irmãos.

Claro que eu não considerava totalmente a veracidade aterrorizante daquela lorota, mas vai que fosse! Não morando ali, não podia contar com a boa-venturança da coragem, que naquele momento me fugia totalmente, e de qualquer forma, como estávamos no clima, decidi entrar no jogo... Sim! Certeza que eu sabia que era um jogo... Eu ia tentar garantir um mínimo de moral, resguardar minha imagem.

Caminhávamos correndo pela rua da mangueira, entocando nossas coisas nos locais mais inusitados possíveis: por dentro da calça, do sutiã, em todos os ângulos em que celulares, carteiras e bolsas pudessem ser confinados. Cortando uma pequena ruela que daria à paralela sinistra em que deveríamos estar atentos ao máximo, escutei, em câmera lenta, o ressoar crescente da voz dos irmãos.

“COOOOORRE!”.

Nem precisava ter dado tanta ênfase, correremos desenfreadamente, desembestados, até a próxima rua de terra batida que já daria para a transversal onde, bem próximo, estava a casa deles. Numa gargalhada contagiante podíamos sentir o prazer da adrenalina ao mesmo tempo que os irmãos encarnavam da minha pouca bravura e destreza.

Eu não era o mais corajoso e intrépido dos belenenses, nem o mais covarde, mas em compensação essa simbologia sobre o Tapanã, em um dos meus primeiros contatos com ele, começaram a se reproduzir a partir dali, não é tudo isso, e não é muito menos que isso. “Tu não chegaste a conhecer o tubo e o barro mole ainda, isso não é nada!”

³⁸ Rondas Ostensivas Táticas Metropolitanas – Comando especial da polícia militar em Belém.

3.2 – Os Munizes

Marlúcia Muniz, mãe dos meus amigos, veio para Belém aos 13 anos depois de uma surra que o tio deu nela por causa de ciúmes. Foi demais aquele episódio. Foi tanto que pediu uma mudança de vida. Veio encontrar com a irmã que morava no Guamá e trabalhar em casa de família. Marlúcia morava na casa dos patrões e de quinze em quinze dias tinha um domingo para visitar a família. Ia na igreja e mais tardar, a noitinha, já estava de volta.

Voltou para Igarapé-Açú próximo dos quinze anos pensando que podia se assentar por lá mesmo, viver naquele mundo tão seu. Qual não imaginava que não passaria mais longas temporadas. Estava acostumada demais a cidade ter seu dinheirinho (a sensação de independência que ele acusava), e aquelas tamanhas variedades de coisas para se ver e comprar no comércio da Cidade Velha. Reteve na memória aquele galo que o tio matou especialmente para comemorar seus quinze anos, a idade das debutantes, estava se tornando moça, apesar de que para o trabalho já era há muito tempo.

Ela mesma, antes disso tudo, não tinha essa vontade de vir para Belém, até ouvia falar das histórias da irmã que morava na capital, pensou várias vezes em visitar, mas morar mesmo, Deus ti livre, tu doido é. Axi, pensou que nunca ia mudar. Mas mudou, seu sentimento mudou, e naquele momento que fazia seu aniversário, talvez bem perto deste dia, decidiu que tentaria mais um pouco a vida em Belém. E voltou. Novo emprego, nova casa de família. Família de gente respeitadora que ela não gostava de enxerimento.

E continuou a lida, de quinze em quinze dias uma folga. Ia na igreja, na casa da irmã e passou a frequentar o movimento jovem quando fez a crisma, foi onde conheceu Edson Muniz. Logo passaram a sair juntos. Aí já viu né, depois de um tempo veio a primeira menina, Marina Muniz. O nome foi dado pela patroa que ajudou muito para que ela tivesse um bom parto. Mas que cisma que tinha, parece até que queria tomar a menina, era um denço com a barriga que só ela...

Decidiu sair da casa, ficou morando com a irmã e lavando roupa para fora ou então se oferecendo para fazer o que podia enquanto cuidava da sua menina, dos filhos da irmã e da casa. Mais um tempo e foi morar com Edson Muniz no Guamá. Tentaram a vida construindo a casa nos charcos alagados em um terreno que Edson havia comprado com o irmão. E haja carregar serragem e caroço de açaí para deixar bem aterrado. Só que deu briga, nenhum dos irmãos queria ir para parte que continuava alagada. Ah pra quê, ela disse ao Edson, pra lá mesmo que ela não ia, ora onde já se viu, foi ela que aterrou toda a parte da frente.

O jeito é ocupar terra.

Na primeira vez que tentaram ocupar no Tapanã, lá por 1991, era horrível, Deus te livre, tinham que correr da polícia, todo tempo vivendo sobre o medo. O terreno da família ficava lá onde hoje em dia fica a igreja de São Benedito, na rua Santos dos Santos. A ocupação ia até aquela rua. Gastou tudo que tinha para tentar um pedaço de terra por ali. Ficava as vezes sozinha com as filhas, já tinha mais uma, Marília Muniz, enquanto Edson continuava estudando. Ele logo se interessou pelas discussões políticas da ocupação. Havia sido conquistado por essa perspectiva, o conteúdo político, desde que participou dos grupos dos jovens na igreja católica, nas Comunidades Eclesiais de Base. É demais sonhador e bom orador, adora conversar e tem ideias firmes.

Ainda nem tinham essa compreensão de “bairro” no Tapanã, parece que tavam construindo algo novo. Na ocupação as famílias faziam muitas coisas em partilha, os fios elétricos eram doados, a água se podia puxar da vizinha, ou então aquele montão de gente descendo para os igarapés e cacimbas para lavar roupa e fazer comida. Quando não, era o mutirão para levantar barraco, abrir rua ou então construir os espaços coletivos, e tinha aqueles panelões cozinhando para todo mundo.

Mas dessa primeira vez não deu certo. A confusão era muito grande, as incertezas maiores ainda. Passou um tempo para voltar naquele pedaço de chão, quanto retornou a terra já havia sido repassada. Mais um tempo até que pudessem se reorganizar, dessa feita já tava com duas meninas e um menino, Marvin Muniz. Pagaram um valor para ficar numa terra que já era mais segura, os conflitos já tavam mais apaziguados. Tá certo que era bem distante, só para ter uma ideia tinham que descer lá pras bandas da Rodovia Augusto Montenegro, uma pernada até a ocupação Parque Modelo (bem perto de onde hoje é o final da linha do Tapanã Ver-o-Peso). Depois até facilitou um pouco, tinha ônibus até o conjunto Cordeiro de Farias. Só depois mesmo que conseguiram a linha de ônibus praquelas bandas.

Uma peleja grande. Fincaram mesmo o pé na rua das orquídeas, um lugar que mantém firme vários aspectos da floresta, coqueiros, jambeiros, mangueiras, etc. Assim como o trabalho com a semeadura da terra e criação de animais. Hoje em dia, quanto mais adentramos no Tapanã, mais encontramos vestígios destes tempos. Foi na casa dos Munizes que encontrei apoio e acolhida para continuar esta pesquisa. Nosso QG. Vou te mostrar ele um bocadinho para relatar alguns aspectos dos tamanhos dos terrenos que se ocupavam em algumas áreas, dessa forma ofereciam oportunidade de se morar e trabalhar na terra.

Terreno grande. Coisa menos comum de se encontrar nas outras áreas da cidade. Logo entrando temos uma sala, ao que segue um corredor que te leva a cozinha, neste corredor passas

por duas portas, dois quartos das meninas, Marina, Marília e Sara. Na cozinha quadrangular, uma mesa de madeira no centro e nos cantos os eletrodomésticos típicos, a direita mais dois quartos. A esquerda um balcão que serve para guardar mantimentos, panelas e louças, bem ao lado, a pia o fogão e mais acima uma janela de madeira, aquelas que se fecha com uma ripa encaixada nas duas extremidades. Ao fundo a porta do banheiro.

Muitas vezes tive o prazer de almoçar uma costela assada nos domingos em que sentávamos em uma mesa no quintal, bem do lado de um coqueiro que fica quase em divisa com o muro da outra vizinha, alguns galhos pendem pra lá. Mais ao fundo, na extremidade, um açazeiro. No outro canto já se tentou construir um galinheiro e até uma horta. Treino de tempos em que o Pai Muniz e o filho tentaram fomentar uma plantação orgânica no quintal. Algumas hortaliças ainda encontramos pelo chão, cebolinha e coentro perto dos nonis. Mais ao fundo, antigamente, era o refúgio de um jabuti. No meio, ao lado da casa, o poço erguido mais ou menos a uns três metros de altura.

Várias vezes ouvi a família Muniz dizer que gostaria de ter-se mudado de lá. E mais de uma vez fizeram treino de procurar outros terrenos e mesmo aluguel em outras bandas. Parte da família foi procurar abrigo na Ilha de Cotijuba. Quando perguntava o porquê de tal decisão respondiam logo: a lonjura do centro, a violência, a falta de estrutura. De certa forma a torta modernidade que beira essas redondezas, torna incompleta a experiência, desejo de vivenciar o fabuloso conto das mil e uma mercadorias. O que os prende nessas terras, fora os amigos e a própria memória de ter criado os filhos naquela casa conquistada, é justamente este contato com terrenos maiores, conferem-lhe mais liberdade.

Depois do café da tarde, se te sentas com a família para conversar um pouco sobre a conjuntura brasileira, não fica difícil notar os traços políticos dos Munizes. Todos e todas tem um apurado senso crítico da realidade. O governo não passa despercebido, exceto por certo apego das siglas, dos símbolos que revestem os quadros ideológicos mais antigos. De certo, as conversas giram em torno de certa decepção com os rumos da política desde os anos 1990. Golpes, ilusões, fascismo.

Edson é militante filiado do Partido dos Trabalhadores há muitos anos. No tempo das ocupações era despontada liderança, conhecido por todo o bairro. Impulsionou as políticas sociais com a ajuda dos companheiros de movimento. Com ele puxou a família inteira, Dona Marlúcia logo foi pega pelos sonhos desvairados do marido e até se filiou junto, carregavam bandeiras e sempre acompanhavam os comícios dos candidatos petistas. “Esse que tá na vez Lúcia, tu vais ver, se esse cara ganhar...”, dizia Edson com um candidato novo em vista.

O advento do PT fez a família colocar todas as fichas de melhoria na qualidade de vida,

sua e do bairro, em torno das candidaturas e das possíveis organizações estatais que olhariam com maior preocupação a situação do bairro. Quando o governo do PT estava na baila, comandando da cadeira federal os rumos da política brasileira, travamos muitas discussões críticas sobre o momento. Edson seguia firme nas suas decisões sobre o partido, “o melhor presidente da história desse país.”³⁹

3.3 – Transitando I: os caminhos

O subúrbio está proposto, entre nós, como o lugar da reprodução e não como o lugar da produção; como lugar da repetição e não da criação; como lugar do cotidiano e não da história (...). É lugar para morar e para trabalhar. Nesse sentido, é também, o lugar do vivido (mas, do vivido fragmentado) que cimenta a unidade contraditória dessas aparentes dicotomias. A memória é aí memória do fragmento. Lugar do nada é, também, lugar da procura da memória. (MARTINS, 1992, p. 15)

Já visitastes alguma vez o Tapanã? Aconselho. Estando em algum ponto da cidade de Belém, podes encontrar um ônibus amarelinho que te leva às portas dessa encantadora cidade através da Rodovia Augusto Montenegro. Depois de passear por entre metade da malha metropolitana chegas a um cruzamento de vias que logo darão acesso a estrada principal que te conduzirá ao “paraíso perdido”. Nessa estrada tortuosa, cheia de intrépidos desafios poderá já reconhecer, entre os viajantes que permaneceram na saudosa carruagem dos periféricos do século XXI, alguns traços característicos.

À noite, poderás ver testas que sangram de trabalho forçado. O Tapanã é um bairro de periferia perto do distrito de Icoaraci, distante do centro da cidade, daquelas que se chamam as vezes dormitório: uma marcha em carreata de trabalhadores vão ao centro de dia, a noitinha retornam para rever a família e seus programas favoritos sob os auspícios de um stress corrosivo. Por acaso pensarás que a rigidez da sua frente provoca neles alguma falta de afetuosidade, algum desperdício de vida que deve ser atirada ao primeiro rio desalojado de sentido? Pois por mais que encontres seres e indivíduos estressados e esgotados, encontrarás também a beleza que provem da labuta diária. Não me peça para que te expliques como permanecem tão lívidos. A esperança nesses desconhecidos, vizinhos de assento, vai ser encontrada em demasia. Faíscas da sabedoria ancestral os cerca. Certa mulher, numa dessas ocasiões, muito sábia, provocou-me as temperanças me tirando de lugares acadêmicos

³⁹ Além da convivência com a família Muniz nos últimos anos, a escrita deste subcapítulo foi auxiliada pela entrevista realizada em 7 de agosto de 2019 com Marlúcia da Silva Pinheiro Muniz.

confortáveis. Com feição charmosa, cansada e resoluta seu sorriso me disse: já sentisses fome, menino?!

...

Eu moro no conjunto Promorar. No meu caso, chego ao Tapanã através do ônibus Jardim Europa que passa pela Rodovia Arthur Bernardes. Essa Rodovia é bem curtinha em largura, para ti dares uma impressão quando se entrecruzam na Arthur Bernardes, dois caminhões vindo em sentidos opostos, ficam assim bem grudados, tamanha é sua finura – se estás passando de bicicleta tu ti curva bem no meio fio, teso, só podes sentir o grande porte e o rufar da potência de mil metais.

Da primeira a oitava série, estudei em duas escolas às margens dessa Rodovia, Nossa Senhora de Fátima e Almirante Renato Guillobel. Quando saía da aula, nos dias que brincando fugia da seriedade do tempo, podia ver circular o Jardim Europa. Pensava, inocentemente, que ele podia levar a um lugar fabuloso. Imagina: *Jardim*, verde, rosa, amarelo, um colorido repleto de cheiro que a televisão nos mostrava. E *Europa* de grandes batalhas e muitos trunfos, riquíssima e poderosa. Automaticamente transportado, pensava em palácios franceses gigantescos. Trens alemães passando por cenários sublimes. Prédios imensos e luminosos rasgando o céu de Londres. Alguns anos passaram. Minha imagem já reformulou há muito esses caminhos. O Jardim Europa passou a ser um velho aliado pelas andanças na cidade. Com ele adentrei e posso dizer que quase morei no Tapanã, esse que é o quarto maior bairro de Belém.

Meia hora, podendo oscilar 20 minutos para mais ou cinco para menos, me conectam do Promorar à Rodovia do Tapanã. Viajarás comigo em uma jornada sobre uma embarcação laranjinha, pouco luxuosa, mas obstinada a cumprir seus designíos até o fim. Entrai no Jardim Europa e logo verás cadeiras postas em sobreposição com aspectos amarelos, marrons, pretos, cinzas e azuis. Somam-se, as vezes, um ronco permanente e intenso, um enfurecido gemido que sacode as peças afrouxadas.

Fora dele, perceberás uma área de mata preservada pela marinha, estrada que conduz a pequenas curvas. Depois disso, a primeira área ocupada, Pratinha I. Estás adentrando na expulsão do centro da cidade, a urbanização e periferização da Área de Expansão Metropolitana da mata (do rural) belenense. Por isso a quantidade necessária de cimento jorrando. Queimando distâncias. Garantindo nossa sanidade, nossa civilidade. Mais à frente, ao largo, passas por um rio, um dos poucos não soterrados.

Uma linha, nas duas extremidades, de casas com variadas formas e tamanhos. Um bairro que se pinta de comércio bem nas suas beiradas. E a mata, à esquerda, parece que um veú, cria uma fina espessura que protege a Baía do Guajará dos nossos olhos, ou o contrário. Abre os

galhos contendo a mira. Deixem-o! Será que tem por intuito afastar o ferro e o concreto, o máximo que ainda pode?

Depois desse primeiro ponto de ocupações, começa a encontrar grandes e médias indústrias. Uma composição de trilha mecanizada até o Tapanã. Cerpa, Tupperware, Trans Mapa, Industrias Reunidas. Envolvendo-as, como trepadeiras envolta de uma grande castanheira, comércios menores, microempreendedores se proliferam ao lado do movimento de inúmeros carros e passeantes, enquanto o trânsito pesado de caminhões e carretas continua percorrendo uma área recheada de portos.

O motorista acelera no trecho mais bem asfaltado e sem sinais de trânsito. Como vertigem inopinada, o tempo verga encurtando distâncias, a velocidade ti mostra, além do Icoaraci Ver-o-Peso passando como vulto, vários becos e ruelas que se abrem em teias de entradas sinuosas, uma composição sempre em confusa expansão. Transcol, Rosa Branca. Fornos e torres imensas. Navios grandiosos, salas de decisões, caminhões de carga, suprimentos, logística, galpões imponentes, sacas e sacas. Casas mal terminadas, madeira caída, plantas comendo fachadas, muros sendo sustentados por paus e estacas reclinadas em ferros oxidados. Transcobras, Agropalma, oficinas tomeadoras, borracharias. Vende-se, vende-se, aluga-se. Ivan anuncia, Diniz resolve, encomenda no seu Zé. Brasilit e Celpa. “Quer mais segurança?”

O Jardim Europa desanima suas forças quando deixa o caminho extenso da Arthur Bernardes, e adentra na Rodovia do Tapanã – uma estrada que nos conduz até às rosas e orquídeas. Nossa humilde carruagem range ainda mais pelas cicatrizes esburacadas que insistem nessa entrada, face remendada que contrasta com a hegemonia econômica e cultural do centro. Como força centrífuga, de atração sedutora, o centro da cidade cria um magnetismo propulsor de fábulas, ordens e modelos.

O fetiche, vivo como marca de fogo, também busca realizar o fascínio da mercadoria nas casas daqui. E moradores do Tapanã desejariam ter assim uma ala imensa, uma garagem onde pudessem comportar inúmeros carros e algumas motos, do lado de um jardim, de repente o verdadeiro Jardim Europa, que abre formosamente suas pétalas. Imponente, está o Jardim fabuloso sombreia uma piscina com cascata e iluminação Spot que soma 60m². Vês que na piscina as visitas se divertem. Com toda delicadeza cruzam as pernas na beira da água azulzinha azulzinha. Com uma taça na mão, mulheres de biquíni extravagante ressoam risos honestos e caprichosos arrolados em espreguiçadeiras de couro reluzente. Os homens ao redor brincam de bola, mergulham na piscina, esvoaçam brilhantes pingos d’água e nem se importam com óculos

escuros que mergulham juntos. Todos riem, mas tua alucinação é desfeita com o ressoar do Jardim Europa chegando na parada da feira. Vroooooooooom.

...

Chegamos na parada da feira. Logo adiante vemos casas que parecem ter sido construídas sempre aos poucos. Algumas tem fachadas sem reboco, e com portões velhos, mas robustos. Outras tem telhas com aspecto de limo adormecido, preguiçoso e sereno, que vai se emancipando por toda superfície. Em que parte as casas poderiam remeter a interseção dialética, criador e criatura, construtor e construção, imagem e semelhança? Qual a ligação entre as vidas e o formato de suas casas?

São semelhantes, apesar de umas ou outras estarem com mais idade, ou então uma sujeirinha a mais aqui e ali, por conta da ação da chuva que varre terra em uma ação combinada de protesto. Os portões, diriam, são de mesma origem, idênticos. Paredes retilíneas e aquadradas. O que muda são as cores da lajota ou das tintas sobre o reboco. Mesmo assim compõem uma cena de variabilidade pouco disforme. Uma tonalidade maior que vibra em unísono.

Algumas carregam esse ego pomposo de parecer melhor que suas irmãs que se amontoam bem coladinho. Como seu campo de visão é muito curto, olha para os lados e acredita ser a maior de todas. Com escárnio pensa em superioridade, o topo da rua, suspira aliviada recompondo suas esquinas. Outras parecem mais novas porque não guardam tanto essa vista de telhados com limo e paredes sujas. Contudo, apesar de cheirosinhas como livro novo, pau liso, são despreparadas – alguma coisa na sua formação precisou interromper um processo vigoroso. Já as menores estão bem gastas, com um semblante marcado que tenta dizer onde, ano após ano, tentou colocar um adorno. Geralmente em época de Natal e ano novo, uma tinta nova nas suas laterais e subjacências, mesmo assim aparecem entulhos e mais entulhos, uma composição sem harmonia.

Por fim àquelas que outrora não seriam consideradas nos anais históricos como “moradia”, estão há muito esquecidas. Não alcançam o mínimo de beleza e sobriedade. Estão tomadas de mato, portões muito enferrujados, grandes buracos nos seus intervalos, e nas suas continuidades. Janelas e portas bem gastas parecem ter sido aproveitadas de três gerações. Muros mal resolvidos, incompletos, parecem abrigar uma infinidade de quinquilharias inúteis, mas que mesmo assim são recoladas para servir utilidade futura. Uma sinfonia de mofo, ferrugem e vidro quebrado. Precisaria de um bom trabalho para recuperar essas casas, que alguns chamam de perdidas. Apesar das diferenças, se todas tivessem uma pequena placa sobre seu frontispício, estariam com registro de: em construção.

3.4 – Oito

As construções no entorno da via principal do Tapanã continuaram em ritmo frenético durante toda a pesquisa. Algumas vezes na entrada da Rodovia do Tapanã era possível ver calçadas quebradas e muitas máquinas ao redor. Imensas áreas desmatadas já induzem as novas mudanças, especulação imobiliária, grandes espaços vendidos e protegidos por arames farpados e fios elétricos, ou então agências industriais e reservas de mercadorias para o mercado consumidor.

No início do ano (2020) quando visitei a casa Muniz, Edson me disse do possível asfaltamento que estava chegando na rua onde mora, o que seria feito através de um programa estadual chamado Asfalto por Todo o Pará. Ele falou dos “verdadeiros intuitos” do governo, mas, apesar disso, estava bem contente com a possibilidade de melhorar sua rua. Continuou me contando sobre a largueza dela, da formação diametral dos seus vértices.

A ocupação do Parque Modelo possui ruas longas, transversalizadas por outras, de jeito que forma uma espécie de quadrado transpassados por linhas que se cruzam, bem formatadas parecendo a forma geométrica de um trapézio. Falando sobre as ruas, a perfeição das paralelas, Edson relatou orgulhoso que foi um dos responsáveis pelo planejamento das ruas, foi o engenheiro, ou melhor dizendo o piqueteiro. Contribuiu com o desenho, projeção e corte das ruas da ocupação Parque Modelo. Ainda contou que foi um dos que participou das decisões coletivas que mantiveram os nomes das ruas e travessas quando do período que queriam mudar. Preferiram manter os nomes de flores: Travessa das Margaridas, Travessa dos Lírios, Travessa dos Crisântemos, Rua das Orquídeas, Rua das Hortênsias, Rua das Begônias e Rua das Violetas.

Contando sobre as relações com a conjuntura, começou a lembrar de velhos casos de venda de lotes na região. Começamos a discutir sobre os fenômenos que causam a expulsão dos moradores de áreas de ocupação conquistada. Por que mesmo depois de lutar e passar por tantas dificuldades, os moradores decidiam vender lotes? Essa reflexão exhibe as múltiplas necessidades do morar e da fome. O território precisa ser espelho da imagem desejada, deve conter as esperanças satisfeitas, novos projetos, a potencial resolução dos problemas cotidianos.

Por isso que logo depois das várias estratégias para ocupar o terreno, é necessário que os meios básicos de reprodução dinamizem a nova moradia coletiva. Escolas, transportes, serviços de comunicação, abastecimento de água, comércio de alimentos, etc. Essa série de necessidades elementares vão exigindo novas combinações, no campo material e cultural, projeções que melhoram a vida dentro do espaço coletivo, mas que também agudizam suas contradições. Naturalmente, esses caminhos são tortuosos e competem com a produção de riqueza aos moldes da propriedade privada. Lembremos que o transporte e o asfalto (de ‘hoje’)

para o Tapanã, vem chegando para sustar várias necessidades, tanto acalma o espírito dos moradores do Tapanã, facilita seu transportar, causa a sensação de que a modernidade vem chegando no bairro (que a evolução continua), mostra as ações estatais para promover o bem estar social, e cria as condições favoráveis para o escoamento da produção capitalista, regra básica e fundamental para a manutenção da hegemonia do capital.

Edson comparou a organicidade do Movimento Sem Terra com as ocupações do Tapanã, lembrou de alguns momentos em que o movimento esteve por ali, e também que ele visitou várias áreas de acampamento e assentamento do MST. Depois refletiu sobre a potencialidade das combinações de técnicas profissionais com a produção de caráter coletivo e popular.

Neste mesmo dia fiz minha primeira entrevista com dona Maria de Nazaré Nascimento Favacho, parecia uma cena perfeita das condições preliminares de um trabalho de escuta que deve ser mais extenso, mais atento, mais profundo do que pude enveredar. Naquele dia, enquanto a produção da memória e da relação com as imagens do passado se produziam frente a frente com dona Nazaré (sentados em uma mesa grande posta no imenso e rico quintal), Edson conversava com o filho de dona Nazaré recebendo e dando dicas de como potencializar os rumos do trabalho rural no Tapanã, enquanto pela esquerda a um canto, Marília resolvia pendências judiciais acerca de instâncias do amor, casos de interrupção de relações e quebra de patrimônio. Depois de conversarmos um pouquinho sobre meus intuitos com a pesquisa, perguntei a ela sobre como havia ido morar no Tapanã, ela me respondeu relatando fragmentos da sua biografia de luta por terra em outros bairros.

...

Dona Nazaré⁴⁰:

“Ocupei um terreno que era da minha mãe, que uma tia tinha vendido a muitos anos e a minha mãe dizia:

- “Eras, venderam o terreno do papai”.

Foi vendido em 55 por um grande político, Líbero Luxardo. A mamãe falava que ela não sabia porque que venderam e não deram nada pros herdeiros. Minha casa era lá na Augusto Montenegro, onde eu criei todos os meus filhos, meu marido era homem trabalhador, era metalúrgico, muito caprichoso.

Era naquele tempo do respeito com os filhos, os filhos com os pais. Eu tava grávida e tava enchendo meu quintal, aqui na Augusto Montenegro. Fui na prefeitura, na agência, pedir

⁴⁰ Entrevista realizada em 14 de janeiro de 2020 com Maria de Nazaré Nascimento Favacho no Jardim Tapanã.

uma carrada de piçarra. Quando eu cheguei lá me deram coisa pra me ir pra 8 de maio, onde era o terreno da minha mãe, pra pedir uma piçarra que tavam tirando.

Aí eu fui.

Quando eu chego lá era muita caçamba, eu não sabia qual era o terreno, sabia que era na 8 de maio. O nosso era o lote 19, e o do vizinho era o 18. Quando ele me viu ele disse assim:

- “Maria, por que que tu não mete a cara aí pra resgatar esse terreno que era da tua mãe?”

Eu me lembrei que a mamãe dizia...

- “É mesmo!”

Eu brincando, brincando, fui lá no tratorista e disse:

- “Ei, esse terreno é meu, vocês tão explorando com que ordem?”, mano, foi um silêncio total.

Aí eu entrei, fui pro advogado, me mandaram pra uma doutora, Terezinha Góes. Ela me orientou, eu fui fazendo, fazendo, fazendo. Sei que eu cheguei a registrar no nome do meu bisavô, pra dar direito pros herdeiros que tavam vivo, e assim eu fiz.

Quando nós registramos tudo o Pires Franco... Já era do Pires Franco, o Líbero Luxardo já tinha vendido pro Pires Franco. Ele entrou com uma ação pra tirar a gente. Aí o doutor Zé Maria apresentou a documentação. Seis horas da manhã, eu abri a porta e ouvi aquele “tuc tuc tuc”, que eu abri a porta era a cavalaria, cachorro, passando pra despejar um monte... Foi horrível, horrível, horrível. Aí parou tudo. Com 8 dias eu digo:

- “Mas ninguém vai parar, não é dele!”

Eu não entendia nada, de justiça, de direito, de nada.

- “Aaah é da mamãe... Vamo se reunir!!!”

Muita gente de novo. Eu sei que foi uma briga, uma briga, uma briga. Na terceira vez eu consegui! Tá lá. Quinze de Janeiro o nome da área, quinze de janeiro... Muita gente morando. Eu tinha perdido lá porque minha mãe perdeu pros posseiros. Mas eu tava satisfeita porque foi eu que comande e ganhei.

...

Lembranças resistindo ao tempo, escondidas por debaixo de camadas muito intensas de um conflito vivo. Árdua batalha. O fogo nos últimos resquícios de mobília. Pequenos trapos amontoados, delírio entocado nas mais profundas distâncias. Os preparativos na madrugada para apagar vestígios e sinais. Havia comandado uma luta por terra contra grandes proprietários. Passou a sentir que poderia ir além – cuidar da vida ao estilo da vida rural, teria uma terra e seria agricultora com muito orgulho.

Quantos outros e outras já tinham pensado em refugiar-se, exilar-se nos campos serenos do Tapanã? Fugir daquela vida amontoada, para cada cômodo as vezes até 10 famílias ao lado de lixos. Já se ouvia notícias de incêndios e despejos de moradias que apagavam rastros das tentativas de morar no Tapanã, como fantasma soerguia o vento e amontoava as faculdades – a reforma agrária é um direito. Este vento dizia às pedras o que testemunharam naqueles dias e de tal forma chegou até às oito mulheres que entraram na rural do Tapanã (um caminho de mata de lado e do outro) obstinadas a conquistar um pedaço de chão. O advogado José Maria Costa foi o mensageiro do vento, havia dito sobre as possibilidades de ocupar no bairro promissor, sabia que em breve se tornaria uma grande cidade.

Aquela reunião de mulheres foi a primeira tentativa de dona Nazaré para ocupar terra no Tapanã. Nas primeiras luzes daquela manhã a promessa de nova vida. Oito famílias com pertences variados já preparavam as forças para enfrentar os mais intensos primeiros dias. Oito se amontoavam baixinho, desejando semelhança e alimentando o espírito naquela mata, não viam senão o breu que abrigava “aquela” sensação – a senhora luta que vai.

...

Dona Nazaré⁴¹:

Nós viemos. Só mulher dentro duma rua. Um caminho, mata do lado e do outro... Aí eu digo:

- “Meu Deus, o que é que eu vim fazer pra cá?”

O motorista disse assim: “vocês vão plantar é maconha praí” (risos).

Nós viemos, passamos olhando tudo. Tava tudo queimado as coisas desse Bigode, trecho que já tava eles queimaram tudo. O IPASEP mandou queimar tudo, tudo, tudo. E a gente veio pra reforçar. O doutor José Maria foi e falou pro Bigode, Bigode era dono daí desse lado, porque são dois lados, daí desse lado até na maré:

- “Olha Bigode, tu não pode ficar com tudo isso, tu tem que meter mais gente aqui, tu tem que meter mais gente que é pra ti dar força”.

Foi que ele dividiu pra outros. Aí eu fiquei sabe, plantando e tudo... Eles vinham quebravam as coisas dele, a minha não porque eu tava lá dentro do mato. A gente plantava, a gente cozinhava cedo, cedo, cedo, cedo, pra tirar os pau porque o helicóptero passava por cima vendo se tinha vestígio de morar. A gente cozinhava de madrugada pra tirar o fogo e tudo pra não fazer fumaça. Quando foi um dia o doutor disse assim:

⁴¹ Entrevista realizada em 14 de janeiro de 2020 com Maria de Nazaré Nascimento Favacho no Jardim Tapanã.

- “Olha, a juíza vem aqui, ver a moradia de vocês. Eu entrei com interdito proibitório, vocês têm que ter alguma coisa pra mostrar”.

Nós carregamos bananeira quase dando cacho pra plantar, era inverno não era preciso molhar. Nós plantamo, plantamo, plantamo! Não tinha nem arame pra botar maracujá, a gente botava aquelas varas. E um bocado de saco nós enchemo pra dizer que era maracujá que a gente tava plantando. Eu sei que a juíza veio no dia... Novembro de 89, isso. Ela veio sabe, tava um toró de chuva chuva chuva. O maior perito foi quem fez a perícia aqui. O que eu tinha muito era muruci, tinha muito, muito, muito. Eu até vendia.

Aí ela examinou tudo, pegando o nome de todo mundo, meu marido que assinou. E todos os outros assinaram. Com oito dias saiu no diário oficial que ela tinha pedido, dentro de tantos dias, de quem pertencia as terras. Se o presidente não dissesse de quem era as terras, ele seria preso dentro de 24 horas. Mano foi um rebuliço no Pará. Foi um rebuliço. Tiveram que dar. Era do IPASEP, mas não tinha assim uma coisa, de quem ele tinha comprado, como ele adquiriu, eu tenho aí... Joaquim Antonio Ribeiro, o primeiro dono, Joaquim Antonio Seabra Ribeiro, em mil oitocentos... Foi o mandato que ela mandou que ele pediu... Foi uma vitória muito grande pra nós. Nós podemos passar pra cá e tudo.

...

Dona Nazaré mais oito mulheres, aliás esse número central, místico e sempre presente, deve dizer alguma coisa íntima da sua biografia. Além disso, e é muito importante que se registre, fica muito claro o papel da mulher na construção do bairro. Dona Nazaré é uma das mais fortes referências do Tapanã, muito conhecida e sempre referendada para contar a história do bairro.

As oito tinham uma relação contraditória com o palácio, um jogo de interesses para controlar o espaço e para garantir moradia. Posteriormente, a relação de dona Nazaré com outros moradores acaba se intensificando, forja-se, ou potencializa-se em Nazaré, a figura da liderança que vai ajudar a conquistar moradia para famílias de posseiros, como no caso relatado da terra da sua família na 8 de maio. A ideia produtiva da cooperação (mutirão) alimenta a perspectiva milenarista, terra para todos e todas. Ela mesma não entende o dom, mas passa a ter gosto de se envolver ativamente na luta pela terra.

Sempre sorridente ao lembrar, dona Nazaré contou dos amigos e amigas de compromisso, e das proezas para conseguir as estruturas básicas para o bairro. Contou inúmeros casos de estratégia e resistência, fugas no saco de lixo, dias penduradas em árvore, afrontosas batalhas com a polícia, recheadas de um certo impulso que hoje a faz lembrar com certa surpresa, tamanha era a destreza para conquistar. Lembrava satisfeita casos de homenagens e

das vezes que era chamada para contar de suas memórias, de tantas e tantas visitas que já lhe procuraram em sua casa perguntando sobre como havia feito tudo aquilo. Não demorou muito Edson e Marília se juntaram a nós, já estava perto do meio dia, Edson e Nazaré ainda contaram mais outros tantos casos que remontavam as suas jornadas em que estavam juntos.

Neste pé já me sentia amigo de longas datas, como se fizesse parte daquele círculo de contações há muito rastreadas pelas travessas da cidade morena. De repente, depois de um tempo refletindo sobre o passado, dona Nazaré insistiu pela nossa atenção: “A gente tinha uma mudinha que era assim, a gente cantava quando tinha muita gente a nosso favor: Agora nós vamos pra luta / A terra que é nossa ocupar / A terra é de quem trabalha / A história não falha / Nós vamos ganhar.” E sorriu lembrando dos versos que falavam que a vitória chegaria na lei ou na marra. Pequenas ações esfumaçadas no tempo pedindo passagem para os caminhos das relembrações. Era assim que me sentia ao ouvir os relatos de dona Nazaré. Minha memória gostaria de guardar cada pedaço dos fragmentos formados no centro daquela simpática mesa de madeira.

...

Falando, trabalhando e escrevendo com/sobre memória, tenho sentido essa vontade tremenda de tentar registrar o máximo possível: sensações, movimentos, barulhos e dissonâncias, aliançando tudo com análises de vida. Quer dizer, o ato de estudar memória e suas invocações, como o próprio movimento dialético, moldam minha percepção sobre a vida, de modo a provocar esse olhar quase de memorização, tentando guardar tudo. Parece que a vontade era de ter um botão da realidade, para fazer o floco do tempo desenvolver em câmera lenta, igual a cena dos 300 de esparta. Só minha mente continuaria na velocidade permitida. Alguma coisa estabeleceu mais velocidade na mente, uma ideologia, psicomotora, psicoagilizadora. Lembrei de Funes, o memorioso, das Ficções de Jorge Luís Borges (2007) – Funes capta cada micro partícula da vida, possui uma super memória, vê distinção em tudo, em todas as vozes, infinitas marcas de cada indivíduo e de cada fenômeno provocado pela natureza; Funes se torna taciturno e acaba imerso em uma realidade de infinitos acúmulos esfumaçados na inutilidade banal.

Quando saímos da casa de dona Nazaré, Edson me deu carona até mais perto de casa, fomos eu, ele e Marília conversando sobre projetos sociais e políticas públicas. Percorremos um caminho que une o Tapanã ao Benguí. Ligação da Rodovia do Tapanã com a rua Yamada (não por acaso um nome destinado a lembrar um dos comerciários mais famosos de Belém, possuidor de grande quantidade de terras nesse lugar – tamanha são as mudanças que hoje ela se chama Avenida Padre Bruno Sechi). Passamos por um longo pedaço onde as atividades de

construção eram frenéticas. Parece, se podia ver sorrir o capitalista, no centro do comando, abrindo as portas do seu comércio de materiais de construção, alegre e sorridente com o fluxo ininterrupto. Um verdadeiro Feirão da Construção. Feirão da Construção é nome de um estabelecimento grande na Rodovia do Tapanã, bem em frente a feira, antigo final da linha do Tapanã Ver-o-Peso. Disque os donos eram jovens quando iniciaram o estabelecimento.

- “Bem na época daquela novela”, comentou Marília.

- “Ah, senhora do destino”, completei o raciocínio.

- “É, a gente lembrava muito, porque quando ela falava que o negócio ia deslanchar, com alguns anos, a gente imaginava se aqui ia ser igual. Lembra que a novela mostrava o crescimento da baixada fluminense. Eram pobres, muito pobres!”, completou ela.

Tiro certo. Marília diz que empreendimentos desse estilo vão crescendo justamente porque conseguem se encaixar em áreas de expansão. O Feirão da construção inspira outros casais a partilhar da mesma sombra de motivações? Será que compõem uma narrativa que se confunde com uma “cômoda estrada mestra acessível a todos (e todas)” (LUKACS, 1968, p. 102)? Eu não consigo concordar que todos tenham um lugar nesse majestoso conto do valor apropriado pelo capitalismo, antes parece que uns poucos conseguem fugir à falência do movimento inconstante. Novas gerações abastecem as ruas pedindo sua vez. Constituindo suas famílias, mais jovens casais procurando a riqueza da nação. Mas o que aconteceria se todos e todas pudessem ser donos de um Feirão da Construção? Alguém precisa ser o espectador do herói. Gritam os porcos de Orwell (2015, p. 81), “todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais do que outros”.

Seguindo o caminho víamos várias máquinas ao redor que recontam e reconstroem a cidade. De um lado da pista, depois de passar pelo enlameado que ti falei, coisa que fazia com que os carros passassem bem devagar; várias máquinas retroscavadeiras e caminhões de entulho, com carros diversos que pareciam negociar e trazer toda sorte de materiais, dividiam o espaço com grandes blocos de concreto e com camadas de entulho sendo aos poucos retirados a dar passagem a nova pista, apumadinha e bem bonita. Mil mulheres e homens ao redor produzem uma imensa torre. A metrópole da Amazônia. A cidade não para, cresce e se afasta. Encurralados. Primeiro expulsos do campo, e depois expulsos da cidade, a procura de um lugar para se acomodar, como Eutanázio⁴² com a febre que não passa, uma angústia sem-nome.

- “É a ação metrópole”, diz Edson Muniz, enquanto falava as peças do jogo político.

Qual lance comandou as máquinas àquelas beiradas?

⁴² Personagem de Jurandir (1991) em Chove nos Campos de Cachoeira.

- “É, ação metrópole sim. No governo do Jatene, como não era projeto deles, as obras ficaram paradas, como o governo dos Barbalhos é mais populista... Eles não pararam nenhum momento as obras de macrodrenagem e de asfaltamento dessa região”. Edson flutuava entre o exato instante do presente e entre pequenos e intensos pontos da sua história no Tapanã. Relembrou um comício de Edmilson Rodrigues, ainda no fim da década de 1990, quando o orçamento participativo votava as pautas prioritárias de cada bairro para incluir no Plano Plurianual⁴³, houve um certo embaraço no Tapanã:

- “Eu era conselheiro, e não me convidaram pra ir no palco. Eles tavam num comício no Tapanã e não me convidaram pra conversar com o povo!”

Por essa época, no lugar onde hoje se encontra a escola José Aires Bentes, o prefeito Edmilson gostaria de construir um Centro Cultural. Mas a população gostaria e acreditava ser mais urgente uma escola. Da indignação coletiva brotou um protesto por cima de uma caixa, dessas que a gente guarda frutas da feira. Subindo no seu humilde palanque Edson interpôs:

- “Ei, eu quero falar. Ei eu quero falar!!! A gente acha muito bonito, gostamos muito da proposta de um Centro Cultural, a gente tá tão carente de tudo por aqui que um centro ia ser excelente, mas o que a gente quer mesmo é uma escola. Eu tô falando de mais de 500 crianças. Nossa infância precisa atravessar essa pista que é super perigosa, temos uma terrível estatística de 1 morte de criança por ano nessa pista. Ou então têm que estudar em outro bairro. A gente quer uma escola aqui nesse bairro, pras crianças daqui. E hoje temos uma escola aqui.”

E todo mundo bateu palma. Edson diz que foi desde então que ele e Edmilson passaram a se conhecer de verdade.

Mais à frente uma placa grande de moradores que pedem passagem para se estabelecer na “nova Belém”. Estava escrito na placa “Residencial Láercio Barbalho” – grande figura da história paraense, pai do ator Lucio Mauro e do ex-governador Jader Barbalho, avô do atual governador do Pará Helder Barbalho. O eco populista da família Barbalho. Conflitos tão perto e tão distantes, fazem a década de 1990 parecer ter sido a milênios atrás, como coisa de outrora, enquanto a década de 1960, olha pra nossa inocência e nos indica o caminho a ser seguido. Os bons costumes, as boas famílias, remontam seus nomes e vem polindo suas posses na especulação do mercado imobiliário belenense.

- “Nunca tinha visto essa ocupação” falei do banco de trás.

- “Ela é muito recente, tem menos de seis meses”, respondeu Marília.

⁴³ Programa que operacionaliza os recursos estatais para ações previamente concebidas.

Montavam fileira vários casebres bem arrumadinhos de madeira, parecendo pequenos fortes, mostravam a todos o problema fundiário de Belém. Conexões invisíveis e instáveis reiteram a condição de moradia que persiste. 30 anos fizeram do Tapanã de mata com miúdos barracos, escassos moradores que nem entravam nas estatísticas gerais, no quarto bairro mais populoso. Impressionante. Roda e produz numa velocidade alucinante, como evocados por uma grande bruxaria do espírito: continuar construindo, continuar construindo...

Não demorou muito percebi um homem com um carrinho de madeira, sem camisa, preto, aparentava ter seus 40 anos, ao lado dele, um de pouco mais idade, talvez beirando os seus sessenta. Transportavam com obstinação várias tábuas de madeira, foi quando pude perceber mais uma ocupação, com senhoras idosas e de meia idade vestidas com trajes que lembram cultos evangélicos.

- “Cara, cada vez mais isso vai tá tomado de gente, a galera deve se ajudar a construir em mutirão”, falei aos dois.

- “Era assim quando a gente ocupou a área dos Cabanos. Era o tempo do governador Hélio Gueiros, quando ele mandava a polícia despejar a gente derrubavam os barracos, e a galera já tava por trás construindo tudo de novo. Quando eles voltavam se impressionavam que já tava tudo de pé”, lembrou Edson.

Em qual aspecto podemos considerar as mudanças? Eu acredito que só posso coloca-las em par com as preces feitas pela terceira ocupação, já na rua Yamada, essa um pouco mais desestruturada com uma faixa entrecortada em que se lia um humilde pedido: “Precisamos morar!”.

Depois que Edson me deixou bem próximo de casa. Continuei pensando naquela incrível aproximação com a memória de Edson e Nazaré. Comecei a refletir sobre a capacidade humana de pensar materialmente (ontologicamente) no que precisamos. “Precisamos morar”. Atenuamos a anarquia, temos a capacidade de prever os fins, conseguimos olhar pra trás e recuperar o mal grado das sociedades anteriores. Se não o fazemos é porque a história é uma farsa. Aos poucos acumulamos valor, mas perdemos os meios produtivos, não sabemos nem para que serve as coisas que montamos. É preciso grande capacidade estratégica para se construir a cidade desejada.

As imagens das plantações no fim do terreno, na sua casinha simples de terra batida, ficam longe, perdido nas distâncias junto de Miguel, no centro das Ilhas do menino Antônio. Pesaroso abandono das suas ruas, esperança vertiginosa da morada tranquila. “Eu quero vender aqui Lenon...”. Me disse dona Nazaré próximo do fim da nossa conversa daquele dia. Chances

perdidas e resoluções engavetadas. Viagens para as ilhas, visitas em assentamentos que sonham o bem viver comum – residências do encontro.

Bom mesmo era antigamente. E o passado reveste-se de chitas floridas, cheiroso como banho de chuva ou Belém em outubro. Cheiroso como o quintal dando de um tudo. Cheiroso como os planos de igualdade da Cabanagem. “Antigamente” torna-se a promessa do repouso. A modernidade mora no passado que não se realizou, esconderijo predileto do sossego.

Figura 02 – Residencial Laércio Barbalho.



Foto de Lenon Victor Xavier Brasil tirada em 07 de fevereiro de 2020.

Figura 03 – Feirão da Construção e Construnorte, dois comércios de material de construção na beira da Rodovia do Tapanã.



Foto de Lenon Victor Xavier Brasil tirada em 07 de fevereiro de 2020.

3.5 – Viagem no tempo

Um mês depois eu e Marvin fomos andar de bicicleta pelo bairro. As diferentes técnicas de cuidado com a terra, cada vez mais raras, resistem às paredes sólidas de muros altos, divisas da periferia, a vontade de esquecer, “essas pessoas passam fome todos os dias”, disse Marvin olhando para uma ocupação nova, por detrás do Capucho, numa das partes mais baixas dos terrenos do Tapanã, afogados, misturam-se com cachos floridos de açazeiro.

A necessidade de mais trabalho em ritmo alucinante estimula o crescimento, a ideia fixa de que andamos sempre pra frente. E o trabalho que deveria ser nosso “modo de amar e de ajudar o mundo a ser melhor”, tornou-se culpa eterna, já dizia um pastor em uma das suas preces: quando tu pensares que já trabalhou muito, é hora de levantar e trabalhar mais. Ilusoriamente, na modernidade financeira do capitalismo globalizado, só se chega na terra prometida trabalhando compulsoriamente. Outro suspiro, e é hora de começar de novo.

Sonhos de socialismo e vertigem da barbárie convivem na modernidade. Tem-se misturado diversificados âmbitos da luta pela propriedade da terra na cidade contemporânea, sendo os principais modelos de aglomeração, a necessidade de moradia, a produção industrial e os pontos de serviço e comércio. O que também mais surpreende é a incrível passagem do tempo, como de uma rua para a outra parecemos estar em outro momento da história, se entrecruzam as décadas de 1960, 1970, 1980, 1990, 2000, 2010, de uma forma tão dinâmica, tão fantástica, que de modo algum poderia se dizer que convivem de forma pacífica, uma das principais expressões disso está na concorrência provocada pelos mercados de comércio de construção, a foto em que aparecem o Feirão da Construção e o CONSTRUNORTE dizem muito sobre essa ambientação de diversos tempos.

Quando Marvin olhou para o feirão pensou em reafirmar que devia tirar foto de lá, olhou pra cima, parou a bike e refletiu:

- “Aqui é um lugar importante de se ver o que o Tapanã tem se transformado, ele era exatamente aquele pequeno comércio ao seu lado, quer dizer, não tava tão destruído, mas era bem piquinininho”.

A imagem é emblemática, parece com certeza o lugar onde deixamos a memória, como lembrança mal polida, deixada para trás, de vez em quando acessamos muito descuidadamente, olhando seus aspectos sujos e mal distribuídos, passeamos com pressa sobre o que ele pode nos dizer, afinal a regra é olhar para frente, é pensar o quão mais alto e mais longe pode ir a força e destreza do trabalho humano. O convívio da forma produtiva superior na sociedade capitalista com a realidade abrupta de condições de moradia. Marvin afirma:

- “Tu não tens ideia da quantidade de gente que passa fome por aqui.”

Ainda assim não há tempo para se perder. Essa reflexão casa-se com o aspecto de velocidade constante de uma cidade que não permite que a memória se atraque em alguma coisa. Essas construções mal terminadas, essas casas que se escondem por detrás dos muros das maiores, onde ninguém quer morar, convive com formas bem aprimoradas de moradia. Um grande bairro que acolhe com vislumbre o Jardim das Mangueiras e as ocupações em indústrias falidas e baixadas enlameadas.

Figura 04 – Rua das Begônias, Tapanã.



Foto de Lenon Victor Xavier Brasil tirada em 07 de fevereiro de 2020.

Figura 05 – Residencial Viver Primavera (empreendimento financiando pelo programa federal Minha Casa Minha Vida).



Foto de Lenon Victor Xavier Brasil tirada em 07 de fevereiro de 2020.

Figura 06 – Antigo galpão de indústria, ao lado se vê barracos de uma ocupação acoplados a estrutura.



Foto de Lenon Victor Xavier Brasil tirada em 07 de fevereiro de 2020.

Figura 07 – As constantes ocupações.



Foto de Lenon Victor Xavier Brasil tirada em 07 de fevereiro de 2020.

Figura 08 – Condomínio de alta padrão Jardim das Palmeiras.



Foto de Lenon Victor Xavier Brasil tirada em 07 de fevereiro de 2020.

3.6 – Transitando II – O Chiado

Sobrevém sempre essa idade em que olhando para trás poderemos sentir um rastro que mais se assemelha a um sopro divino, a memória do tempo. Caminhando, por vezes, troco algumas ideias, observo algum trejeito, reconstruo a cidade, anoto num papel algum destaque. Ao longe vem vindo o Jardim Europa Presidente Vargas. Dentro um chiado interminável, como o som que faz quando puxamos a corda para dar sinal, mas ininterrupto. Provocaria grande angustia em algum fóbico. Devia ter dado algum curto, a corda que dá assente para o desembarque não funcionava. O sinal para descer era feito com um grito. “Ei mano, nessa aqui!”. “Essa daí motora”.

O motorista e o cobrador pareciam acostumados ou talvez surdos. Será que pelo menos uma criança de 2 anos pode encontrar graça e beleza nessa improvável brincadeira dos sons? Tiiiiiiii ou era Piiiiiii. Até as letras confundiam-se. Não era tão alto, mas intenso. Penetra na atmosfera, arroteia o vento e se compraz nele. Se realiza. Torna-se *uno*. Parece que a própria vida, na sua diaritude, já encerra esse fenômeno. O que existe de inconveniente no som produzido pelos carros envelhecidos no cotidiano do motorista? O chiado antes de dormir. A influência que se faz sentir nos sonhos. Chegar em casa e pensar em esportes e artes depois de um dia com esse zunido? Qual arte se exprimiria nessa toada?

Será que esse som vai servir algum dia? Como tática de sobrevivência ao absurdo? Alguns semblantes fritavam, melodia chapante, comprimiam os sentidos. Nem mormaço tinha, mas o som produziu algum sintoma psicoativo, esvoaçando a consciência, leve tontura e

lampejos de pensamentos indefinidos procuravam conexão sem encaixe previsível. Um quebra cabeça entorpecido por um chiado. Que liga é essa? Decidir sentar mais ao fundo na esperança de que o som amenizasse.

Sentei ao lado um homem que segurava destemidamente um livro ante a face, parecia desejar que o livro o possuísse para adentrar em todos os mistérios daquele objeto. Obstinado nem parecia notar o chiado. De soslaio, começo a conjecturar a história de vida daquele personagem que muito provavelmente não voltaria a ver, e se visse talvez não conectasse momentos. Na sua distinção o jovem de mais ou menos 28 anos carregava na coxa outro livro, a bíblia sagrada, o que carregava nas mãos percebi se tratar de um livro de auto-escola, desses que falam de regras, sinalizações, técnicas e comportamentos na estrada para quem quer fazer prova de habilitação. Continha meu olhar na sua direção para evitar constrangimentos, mas notei que as mãos agarravam firmemente o livro. Nova mirada ao espelho da janela, notei um olhar querendo pular das membranas para morar naquele ambiente das letras miudinhas que cambaleavam e pareciam querer brincar de pira com seu leitor.

Tentava imaginar o nome do desconhecido lembrando das combinações engraçadas que a galera gosta de fazer, variáveis infinitas que terminavam com “son”, um nome geral adicionado ao sufixo, ou então, as vezes inventando sua própria distinção, Clemilson, Railson, Jailson, Jackson, Cleison... Tinha algumas tatuagens, um crucifixo, outras de um colorido que não as tornavam inteligíveis. No supercilio a cicatriz de quem já tinha usado piercing. Já estava distraído pensando na pesquisa, quando de repente Jailson, assim passei a chama-lo, quando Jailson me dirigiu a palavra:

- Caramba, tenho que gravar tudo isso aqui pra prova da auto-escola.

- Égua, é muita coisa mano?

- Eu vou ter que fazer uma prova com trinta questões, e tenho que acertar pelo menos 21. Tenho esse aplicativo aqui no celular que também ajuda a treinar as perguntas. Mas... são mais de 500 possíveis. Tô quase ficando doido, não sei como eu vou conseguir gravar esse tanto de resposta em uma semana. E mais esse livro ainda.

Estava certo, pelo menos ao que se referia o desejo de ter as letras dos livros marcadas em relevo na sua memória.

- Tô procurando uma melhora né mano. Já é a terceira vez que tento essa prova. Toda vez que não consigo tenho que pagar 50 reais pra refazer a prova, aí já viu.

- Eu sei como é. Eu também perdi a oportunidade de fazer a prova de habilitação quando tive oportunidade, agora tô sem poder. E de vez em quando aparece uma oportunidade de alguma coisa e precisa de habilitação e eu não tenho.

- É! E olha que eu tenho meu ganho por fora. Trabalho pra mim mesmo. Faço meu próprio horário. Tenho meu lava-jato. Não gosto de trabalhar pra ninguém não. Prefiro fazer do meu jeito.

- Cara, de repente, o mais interessante é tentar treinar a leitura, e compreender o que vai sendo dito sem querer gravar. Mais entendendo mesmo...

Jailson já se despedia, agradeceu a dica e assumiu a posição de descida frente à porta. Quando desceu parecia ter um semblante daqueles dias em que a gente sente a energia da esperança, o *vai dar certo* estampado no rosto. O olhar destemido de Jailson afastou um pessimismo frequente de certas dificuldades. Sei que é necessário ter paciência, mas a indignação corrói algumas feituças como o chiado perturba o raciocínio. Deveria aprender com Jailson, acreditar em grandes conquistas. Perseverar igual os desconhecidos das caminhadas, nos ônibus, pelas ruas. Mentalizei com força, como se pensar sorte pra vida de Jailson fosse o suficiente pra fazê-lo passar na prova.

- Boa sorte mano, muito boa sorte!

Piiiiiiiiiiii....

É nessa aqui motora!!!

3.7 – Novo Benguí ou Cumpadre

Eu conheci Antônia Salgado em fevereiro deste ano (2020) em um momento de diálogo sobre as condições atuais da moradia urbana no Pará, ocasião em que estava sendo realizado, no hotel Beira Rio – Guamá, o V Encontro Estadual de Moradia Popular organizado pela União Nacional por Moradia Popular⁴⁴. Fui convidado por Edson Muniz. Após as discussões e debates em plenária da manhã do segundo dia, que envolviam meios e desafios para construção do direito à cidade baseado na autogestão, fomos almoçar e no caminho, um corredor que dava para um salão amplo na beira do rio, Edson me apresentou Antônia.

Com a vinda da pandemia fomos marcados pela quebra natural de encontros que esse momento peculiar impôs a vida de toda gente. Fomos nos reencontrar uns seis meses depois e casualmente na Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SDDH). Ela estava mediando uma live e eu indo participar de uma reunião, saudei-a e pouco tempo depois já tinha seu número de telefone com o qual passamos a nos comunicar.

⁴⁴ Movimento do qual fazem parte Edson Muniz e Antônia Salgado. Segundo o “documento base”, entregue na ocasião relatada do V Encontro, o UNMP (União Nacional por Moradia Popular) possui 12 anos de existência e reivindica o controle social, a gestão participativa e autogestão de processos coletivos, executado através de famílias sem teto e moradores de ocupações e loteamentos precários.

Marcamos um encontro no Tapanã. Antônia foi me buscar na parada próximo à praça do conjunto Cordeiro de Farias, eu estava bem em frente a Unidade Municipal de Saúde do Tapanã, deste ponto até sua casa ela foi me mostrando espaços de memória e lugares onde houve luta nos anos 1990. Apontou o comércio de ciclano e de beltrano e falou como são parceiros, um pouco mais adiante lembrou como participou ativamente do planejamento da feira. Mostrou lugares que foram vendidos e onde o morador já não tem mais pertença com a história do lugar. Antônia mora no Parque União, mas sua memória tem uma resistente teima com esse nome, ela não o reconhece, já que quando ocupou o lugar tinham decidido por outro nome, Novo Benguí.

Quando chegamos na sua casa, ela apontou a arborização da rua, uma das únicas do entorno, e fez questão de acentuar o nome desta via, Maria Quitéria⁴⁵. Nos sentamos no pátio da casa em volta de uma mesa. Antônia construiu família e moradia no Tapanã em parceria com Pedro Paulo, uma das grandes referências de ocupação de terra na Augusto Montenegro dos anos 1990.

...

Quando perguntava sobre certa questão, certo momento, Maria Antônia Soares Salgado fazia questão de trazer um imbricamento sucessivo de acontecimentos capazes de melhor explicar a situação. Minha pergunta era: como chegaste ao Tapanã? O mais importante, ou tão importante quanto a chegada no Tapanã, são as redes de compadrio (redes de sociedade mútua) que se formaram no entorno do bairro, seus aromas chegariam em breve, mas primeiro as memórias vislumbram as estratégias para ocupar terra no Benguí.

Um vizinho, morador de um quartinho alugado na Pedreira (ele e a mulher dividindo um cubículo com alguns poucos pertences, dos quais Antônia lembra de uma mesinha) lhe conta sobre a terra abundante. “Vão no Benguí, que lá no Benguí tão dando muito terreno”, ele dizia. Era muito terreno moça ribeirinha da Vila do Espírito Santo do Tauá⁴⁶. Grandes pedaços de terra, conjuntos habitacionais vazios, escombros de outros sítios e indústrias inutilizadas.

Imagine o momento da decisão. Talvez aconteceu em um dos dias em que dormiu mal porque percebeu que juntando o dinheiro que todos recebiam não dava para melhorar, continuariam segregados. Nalgum dia, chegando de bicicleta depois do trabalho, pode ter visto vizinhos se mudarem, famílias inteiras falirem, sonhos e ilusões da cidade se esvaindo e reconfigurando a reabertura democrática no Brasil. A decisão deve ter sido tomada em coletivo, com a fala dos irmãos compondo uma harmonia bravo. A gente vai ou não? Quem primeiro

⁴⁵ Heróina da pátria, registrada como primeira mulher a compor os quadros do Exército brasileiro no século XIX.

⁴⁶ Comunidade que faz parte do município Santo Antônio do Tauá.

vai? Para olhar, saber do que se trata? Mas é longe moça que a mãe era lavradora e o pai pescador. Distante, onde as luzes começam a tocar de soslaio as venturas da terra. Ainda por essa época o Benguí era considerado um bairro distante, tão distante quanto ficou na época do pico da construção do BRT.

Quando chegou viu uma grande quantidade de pequenos quartos. Várias combinações, intensas disputas, palco propício para formação e aplicação de diferentes ideias (revolucionárias, liberais, conservadoras, etc.). Estes espaços carregam consigo a possibilidade de nova tentativa. Igual aquele sentimento de começar do zero. A família decide se estabelecer no local, procuram saber como faziam para tentar um pedaço de terra no Benguí. Antônia encontra uma forma de conquista da casa própria, escutou palestras de pessoas com matizes políticos diferenciados, passando pelas religiosas até os organismos da classe trabalhadora. Aos poucos uma forma de ocupação da terra lhe era apresentada, a dos “assentamentos organizados”. Organizados porque a perspectiva, apesar de que as condições lhes faltassem, era a da construção a partir de um conteúdo formativo do cotidiano baseado nas decisões coletivas. A organização política é ponto fundamental e crucial para “pegar” um terreno. Foi onde conheceu a liderança política de Pedro Paulo.

...

Antônia Salgado⁴⁷:

“Tinha um processo de formação. Eu comecei a participar, era tudo na roda, era tudo na roda de conversa só discutindo os problemas, por que o povo não tinha casa, quais as condições de vida e tal. Tinha as irmãs lá, as freiras que também trabalhavam. A irmã Francinete, quando foi um dia, fez um exercício com a gente dizendo assim:

- “Eu queria que cada um de vocês me dissessem por que vocês não têm casa. Essa que vai ser a dinâmica”.

Ela foi perguntando, todo mundo foi falando, e quando chegou em mim eu fiquei assim... pensando... aí eu disse:

- “eu acho que é por isso também que eu não tenho casa, igual como o pessoal falou”.

Pela fala das pessoas ela agarrou e disse:

- “Olha, mas vocês não acham que é injusto? Tem muita gente que tem muita terra e uns não tem nenhum pedaço de terra. Vocês não têm pra morar e quem mora no interior não tem pra plantar”. Ela disse. “Então, só muda as coisas quando a gente começa a organizar, quando a gente começa a participar, se a gente tiver um processo de organização. Porque essas terras

⁴⁷ Entrevista realizada em 17 de agosto de 2020 com Maria Antônia Soares Salgado no Novo Benguí (Parque União).

que vocês tão vendo aqui, elas não foram dadas do nada, as pessoas vieram participar de reunião. Então, agora o município (no caso a CODEM) é que tá fazendo o processo de distribuição dos lotes, então pra vocês entrarem nesse processo vocês tem que participar da reunião pra ver a possibilidade, porque não tem mais, pode ter desistência, mas assim pra dar não...”

Foi isso, eu comecei a ir pra reunião e comecei a criar consciência de classe, entendeu?

Lá nessa rua onde nós tivemos a primeira casa, no Bom Futuro, nós descobrimos que tinha um terreno que tinha só uma armação, tava cheio de mato e não tinha ninguém morando. Aí eu perguntei pelos vizinhos, os vizinhos disseram:

- “Olha, é uma senhora que é dona daí, mas ela não mora, ela abandonou, parece que tá abandonado uns dois anos”.

Tudo cheio de mato. Aí eu peguei o número do lote e fui na CODEM, isso foi ele que me orientou, o Pedro Paulo:

- “Vai lá com a doutora Rosa e diz pra ela que tem esse lote aqui, e fala que vocês não tem lote, que vocês não tem casa, que vocês são tantas famílias, vocês não tem condições de pagar aluguel e aí vê o quê que ela vai ti dizer. Mas não vai dizer que foi eu que te mandei... (risos)”.

Eu fui né. Quando eu cheguei lá, eu conversei com ela. Ela verificou e disse:

- “Olha, esse lote realmente não foi feito todo o processo. Tava no nome da...”, ela deu o nome da mulher lá, “mas ela não veio trazer o documento pra fazer a legalização, nada...”

Tipo assim, deram o lote, mas não tava registrado, não fez o processo, não levou carteira de identidade, CPF, aquilo tudo pra fazer o título, entendeu?

- “Então, nós vamos lá verificar, fazer o levantamento, vou mandar o técnico, e se tiver nessas condições eu vou mandar tirar uma foto, aí eu vou passar pro nome de vocês”.

Foi assim. Veio todo mundo de novo pra mesma casa (risos). Veio todo mundo, todas as irmãs morar. O papai já morava aqui com a gente, ele ficou muito alegre. O papai arrumou uma banquinha, nós fomos vender peixe na feira... nossa banca, era uma banquinha desse tamanho, quadrada, maior do que essa (indica apontando pra mesa ao redor de onde estávamos sentados). Ele não tinha estrutura, a gente saía de madrugada pro Ver-o-Peso, comprava peixe e vinha, eu tinha muita pena dele ir sozinho, ele já era idoso. A gente comprava o peixe, vinha vender, quando era lá pro meio-dia a gente vinha embora. De manhã a gente ia de novo. (...)

Fizemos um quartinho pra nós, era menor que isso aqui, nós morávamos lá todo mundo, depois fomos construindo e eu participando da associação.

Aí a gente se uniu pra fazer a luta. Nós começamos a ficar nas comissões, fui me engajando dentro da luta e ajudando no processo de ocupação, nós arrumamos primeiro esse lote pra morar. Durante esse processo surgiu um despejo, numa área chamada Área do Japonês.

Ele tinha uma grande área, o japonês, hoje em dia é a comunidade Paulo Freire. Todas as tentativas que o pessoal fazia, ele mandava a polícia tirar o pessoal. Essas famílias foram pra essa área na época que eu já tinha entrado no movimento. Eles pegaram, despejaram as pessoas, as pessoas rasgaram a bandeira brasileira, queimaram... Era no governo Jader Barbalho, primeiro governo. Tocaram fogo, levaram gente preso... parece que até foi o Pedro Paulo, ele vivia preso, porque ele se metia na frente, ele ia brigar (risos). Ele era das Comunidades Eclesiais de Base.

...

“Quando eles despejaram, aí que nós transformamos...”. Aconteceu no lugar conhecido como área do japonês, no Benguí. O despejo é um dos momentos mais impactantes para as famílias que ocupam uma faixa de terra. Isso porque, de fato, é o momento de enfrentamento direto entre as forças antagônicas que disputam o território. São noites e mais noites sem dormir e juntando as energias capazes de insuflar uma possibilidade de contra-ataque. Onde toda a gente se reúne para tentar tirar das somas de experiência uma reunião de estratégia capaz de vencer o inimigo.

Essas famílias que decidem brigar pela terra têm noção dos riscos que correm, das possibilidades de enfrentamento. Sucede de ter famílias inteiras mobilizadas e produções de se perder de vista. Isso porque esse pedaço de terra é a aposta de anos de trabalho ou mesmo de mudança (radical) de vida. Uma sociabilidade e uma espera de resposta concreta a uma situação voraz, a vida sem terra. Ferida aberta no Brasil, a questão agrária produziu dezenas de milhares de miseráveis, despossuídos e desempregados.

A imagem do despejo é tão emblemática que Antônia diz com toda a segurança, depois do despejo se transformaram os combatentes da terra, os construtores da segunda língua patrimonial belenense. A lição várias vezes já foi sinônimo de brutalidade e autoritarismo, balas e choque como remédio para a não-gente. Um despejo é uma cena traumática, principalmente no sentido de produzir informações e imagens que se carrega pela vida inteira, dos despejos e restos da pequena cidade destruídos com indiferença. Amigos e vizinhos presos, ensanguentados, fugidos. Forças que se arregaçam e se jogam na lama. Uma cidade em chamas.

As palavras carregam o sentido de uma época ou de experiências compartilhadas pela testemunha. Quando ouço a palavra despejo, por exemplo, no mesmo momento volto alguns anos, dezembro de 2017, quando estive no sudeste paraense e pude testemunhar o antes, o

durante e o pós despejo no Acampamento Hugo Chavez. Desde prestar uma humilde e singela solidariedade às famílias que precisavam recolher todos os pertences, trecos e pedaços de madeira que pudessem ter serventia, até o desenrolar da esperança dia após dia de que a ordem de despejo pudesse ser derrubada.

Fogueira na noite anterior ao despejo, roda de conversa contava causos daquele chão, ao longe um culto neopentecostal pedindo redenção e forças divinas. Aos poucos o breu toma conta daquela vilazinha de casas de madeira onde a instalação elétrica já havia sido cortada. Aquele acampamento já tinha mais de 7 anos, com escola, caixa d'água e muita produção. No dia seguinte, um grande incêndio, era a consumação do despejo depois que todos haviam saído. Eu tinha ficado para sair no final junto com outros militantes do Movimento Sem Terra e pude ver aquele local ardendo em chamas. Os despejados e despejadas do Hugo Chaves ficaram na beira da estrada, dentro de um outro território do MST. Quando cheguei nesse outro local vi uma cena de guerra porque todas as coisas acumuladas de sete anos estavam jogadas e amontoadas na beira de uma estrada. O primeiro dia depois do fim do mundo. Cadeiras, roupas, geladeiras, palhas e madeiras, ferramentas de trabalho, etc, tudo ao relento.

No mesmo dia, como um imenso exército recompondo as forças, as famílias começaram a reconstruir suas casas, algumas já estavam com quase toda a armação pronta. Porém, as ironias da natureza aguçariam a coragem mais ainda. Naquela noite uma chuva torrencial completou o sentimento de perda total. Uma tempestade que enlameou todo o lugar e fez perder várias coisas elétricas e/ou que não podiam molhar. Ao amanhecer novo caos. Na assembleia estavam decidindo o futuro do acampamento Hugo Chavez. Eu tinha quase certeza que boa parte das famílias decidiriam recolher seus pertences e se abrigar na casa de parentes. Não sei como posso lhes descrever a tamanha impressão que me causou as falas das famílias que acabavam de perder o território e metade de suas coisas. Gritavam e esbravejavam palavras de fé, com certeza aquela terra seria sua. Cantavam e entoavam palavras de ordem, a memória-dor e a pátria livre... Por isso que a insistência de voltar e ocupar a terra de novo, e de novo, é realmente um fenômeno fantástico da resiliência e esperança humana.

...

Na iminente fusão da ira do pós despejo da área do japonês no Benguí, os moradores construíram um novo movimento. Antônia conta que depois do escandaloso assalto decidiram criar o Movimento das Famílias Sem Terra⁴⁸. O movimento organizou bingos, atos públicos, reuniões, audiências. Através das reuniões, aos domingos, decidiam as principais pautas de

⁴⁸ Não deve ser confundido com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, (do qual contei um pequeno trecho de experiência). Mostra a composição de uma identidade de luta pela terra no Brasil, o Sem Terra.

reivindicações através de uma metodologia participativa, fruto dos processos formativos. Esse processo durou uns cinco anos e conquistou água, saneamento e transporte para o Benguí. A metodologia participativa (das quais Antônia fala em termos de representantes de quadra, mutirões e principais necessidades) era a força capaz de dar forma ao bairro (ainda que nem sempre funcionasse), e além do mais, deixou marcas profundas nas suas memórias. Voltaremos a falar delas mais adiante.

É interessante perceber como Antônia e Pedro Paulo tinham certa repulsa sobre algumas questões que envolviam o movimento, entre elas estava a legalidade e o dinheiro, dois óbices das relações sociais que poderiam minar a identidade do projeto coletivo e territorial. Tanto que Antônia aponta situações de contradição e corrupção que envolviam algumas famílias, formas de exemplificar as múltiplas perspectivas com que lida um movimento de luta pela terra, onde o valor de uso está em constante metamorfose por conta da capitalização do uso e posse da terra.

O Movimento permitiu organizar uma lista de cadastros que alguns anos mais tarde culminaria em desapropriação, pelo prefeito Coutinho Jorge, da antiga fazenda Uberaba, no bairro do Tapanã, lugar onde se instalou mais de 800 famílias organizadas e planejadas através do Movimento das Famílias Sem Terra. Decidiram que o local chamaria Novo Benguí – tamanha era a influência do bairro irmão para a conformação do Tapanã. O nome também expressa a força de representatividade que a organicidade no Benguí atingiu. Território fruto do trabalho anterior. Expressa vitória do método. Dessa forma os dois bairros poderiam dar auxílio mútuo, fixando uma rede de compadrio entre Tapanã e Benguí.

João Radical para começar a falar do Tapanã partiu deste lugar. “Mas aí veio a invasão do Novo Benguí”, disse ele. Pode não ser “a origem”, mas sem dúvida demarca um período fundamental para a ocupação do bairro Tapanã.

3.8 – Cabano e Radical

Na sexta-feira em que pude conhecer João Gonçalves Pinheiro de pronto ele me disse que seu sonho é tornar-se historiador de profissão. Andava afeito a essa perspectiva. Nas suas experiências formativas e de resistência aprendeu a dar valor íntimo e expressivo aos conteúdos da História, pode-se mesmo dizer que teria muito gosto em ser professor do bairro Tapanã. João Radical, assim é conhecido pelos camaradas, lembrava com precisão nomes, datas e casos célebres da história mundial.

Serígrafo e metalúrgico, hoje em dia mora no conjunto residencial Cabano, área de ocupação no bairro do Tapanã que remonta ao final da década de 1990 – Edmilson Rodrigues era prefeito, a eleição de Lula a presidente parecia recheada de grandes sonhos por se concretizar. No Pará, o Massacre de Eldorado dos Carajás havia dado à questão agrária um enorme grito de guerra.

Certo dia, quando pesquisava no Centur por matérias em jornais que contassem um pouco sobre o Tapanã, encontrei com um amigo, Moisés, do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Ele também ocupou a área do Cabano. Folheava alguns jornais daquele período e me mostrou algumas reportagens que relatavam como o MST estava junto com algumas famílias de ocupação de terra em Belém, entre elas famílias da ocupação Cabanos no Tapanã. Moisés dizia que desejava recuperar aquelas memórias para disputar sua narrativa. O MST estava organizado na cidade com a brigada Cabana, e denunciavam as injustiças que tomou o caso do Massacre, e isto já no ano 2000. Os veículos de comunicação davam conta de mencionar os atos do movimento como vandalismo, mas segundo Moisés era uma forma de tomar satisfação pela extrema miséria e pelo abuso do poder – gritando no centro da cidade sobre o 17 de abril de 1996. Quando a polícia veio para coibir o protesto os manifestantes se refugiaram dentro do prédio da prefeitura. Edmilson Rodrigues foi acusado, pelos jornais, de dar acolhida aos “vândalos”. Nesse bojo de explosões, a terra do Cabanos estava ocupada.

Radical havia preparado um lugar para nossa conversa, é mesmo possível que já viesse pensando nela antes do nosso encontro. Logo quando entrei, depois das habituais apresentações, ele iniciou como aquele exercício de ioga que a mocinha diz para esvaziar do corpo as tensões e ansiedades – um respirar fundo e o deixar-se levar pelo ar que sai da boca, como se expelisse dos preguiçosos aromas as relíquias do Tapanã. A respiração foi sua conjuração: “do que gostarias de conversar?”.

Vendo-o falar fiquei pensando no gosto da adrenalina que parecia permear suas experiências, um estremecimento na alma e o sentir-se vivo. Será que é por isso a alcunha de “radical”? Ele mesmo parecia tentar explicar onde mora sua radicalidade. Nele giram e giram as promessas, giram em torno da memória que se descobre, que se vê no mundo e insiste. Nele as ações parecem ser colocadas nos pontos sensíveis da crença nos símbolos do operariado. Poderíamos dizer que gosta dos pingos bem colocados nos “is”. Trazia sua convicção para a luta pela terra.

Diante das suas certezas contou da infância pobre e do desassossego de viver a inocência durante a ditadura militar. Vendia com os irmãos algumas coisas que pudessem lhe garantir a

existência, e talvez disso dependesse toda sapequice, todos os desentendimentos e todos os segredos daquela época recheada de sabores a se provar. Ainda que não soubesse como caminhar entre os espinhos, o pequeno já estava sendo avaliado, instrumentalizado, racionado e posto à venda como coisa qualquer. Naqueles dias a sabedoria era substituída por um objeto de valor grosseiro.

...

João Radical⁴⁹:

“A pobreza é fogo, eu convivi muito. É como eu tava dizendo, eu nasci pobre sabe. O governo militar foi o governo mais filha da puta! Eu fico mordido. Eu tenho ódio desse governo Bolsonaro, eu acho o mais filha da puta o cara que chega perto de mim e diz que é bolsonarista. Esses que louvam a ditadura militar, dizem que não houve tortura, mas são a favor da tortura! É claro que eles vão negar...

Olha, eu vendia jornal. Quando sobrava dois ou três a gente ia pro terminal rodoviário pra vender a 1 real. Um preço qualquer lá, desde que desse pra gente, no outro dia, levar e comprar o jornal de novo pra revender, entendeu? A gente vendia mais barato, mas não perdia o dinheiro.

Então, chegava lá eu, meu irmão que morreu (era o mais velho*), e esse aí que saiu. Nós três. Quem terminasse ia embora pra casa. Eu tava com quatro jornais, eu vendi três, toda vez um de nós levava um jornal pra ler em casa, dessa vez eu que ia levar o jornal.

Cara, eu tinha uma coisa comigo de querer dar um despertador pra minha mãe. Eu tinha essa vontade, eu não sei porquê. O melhor presente do mundo que eu pensava era um despertador, era doido pra dar pra minha mãe.

Lá no terminal tinha uma loja chamada Yamcol, loja de japoneses, sabe. Ela vendia cada despertador invocado, tinha uns que se mexia sozinho e tudo mais.

Quando foi um dia, assim umas onze horas, onze e meia da manhã, eu tava lá só com esse jornal mesmo que eu ia levar pra casa, fui dar uma olhada nesse despertador pra minha mãe.

Eu tô olhando assim, ele tava bem embaixo da vitrine.

Quando senti a porrada na minha (nuca, faz com a mão*) por aqui assim. Chega eu beijei o chão, estourou meu beijo. Eu vi um cara, me puxou por aqui assim. Um monte de gente vendo cara.

- “Bora ali comigo”.

⁴⁹ Entrevista realizada em 31 de julho de 2020 com João Gonçalves Pinheiro no Cabano.

- “Quê? O que foi?”.

- “É polícia!”.

Aí me levaram...

- “É esse aqui?”, me levou pro vigia lá no terminal.

O vigia disse: “É esse mesmo! Ele tem um irmão que é parecido com ele. Foi ele que pegou tua bicicleta”.

- “Cadê teu irmão?”.

- “Meu irmão já deve ter ido embora, meu irmão não sabe andar de bicicleta. Que bicicleta que ele pegou?”.

- “Roubaram a minha bicicleta daqui. Ele disse que foi um moleque parecido contigo. Eu sou policial militar e tu tá preso”.

- “Não foi meu irmão, meu irmão não sabe andar de bicicleta”.

Nessa época, só eu sabia andar de bicicleta. Eu disse:

- “O único lá de casa que sabe andar de bicicleta sou eu. E eu tô aqui!”

O cara me deu um chute. Eu apanhei muito cara... eu tinha o quê... uns 9 e pouco.

Ele pegou e disse: “Tu vai comigo lá na tua casa. Bora lá ver o teu irmão...”

Nessa época o comando geral da polícia era ali na Almirante Barroso, onde é uma coisa agora de menores delinquentes, era ali. Ele me levou pra lá.

- “Senta aí. Não sai daí, hein.”, mandou os outros soldados ficarem de olho em mim, “esse moleque aí é suspeito de ter roubado minha bicicleta”.

Nisso vem entrando uma mulher que morava na rua de casa, era a mulher de um PM que tava preso no quartel.

Ela disse: “Ê Joãozinho, que tu tá fazendo aqui hein?”

Eu comecei a chorar, “Roubaram a bicicleta dele, ele tá dizendo que foi o Jacó”.

- “Ah, eu vou falar com o Vandeco”, Vandeco era o marido dela, “deixa ele chegar aí”.

Quando veio o marido dela ele pegou e disse:

- “Não, deixa que eu vou falar com ele... Ê rapá, esses meninos não são disso não, tudo gente boa, eles são parente do Pinheiro”, era meu tio que era da polícia.

- “Não, mas agora eu já peguei ele, eu vou lá na casa dele”.

A gente foi. Aí a minha vó tava na janela. Ele tava me pegando pelo braço, a minha vó correu foi chamar a minha mãe.

- “Olha acho que veio um policial aí...” Ela percebeu porque ele foi lá no quartel pra se fardar. “Veio um policial aí com Joãozinho, alguma coisa aconteceu...”

A minha mãe sabia... minha mãe era, rapá... minha mãe era braba. Minha mãe saiu com uma faca logo na mão.

- “Larga o meu filho que ele não é bandido!”.

- “Não, senhora...”

Meu tio que era policial chegou e disse:

- “Ê rapá, quê isso já?...”, eles se conheciam, “bora lá com esse vigia...”

Acordaram meu irmão mais velho que tava dormindo pra ir também.

Mamãe disse: “Olha, só quem sabe andar de bicicleta aqui em casa é ele.”

- “Não... ele me falou isso mesmo”, disse o policial.

Levaram lá com o vigia.

- “Ah não, não é esse não. É muito parecido com ele, mão não é esse não”, disse o vigia.

Eu não disse nada nem pro meu tio nem pra minha mãe que eu já tinha pegado um monte de porrada. Moleque, isso nem passou pela minha cabeça, fiquei feliz da coisa acabar...

Essa questão é que a gente briga por causa da ditadura militar, onde uma criança apanhar de um policial era normal, entende? Eu era uma criança, peguei um monte de porrada, ninguém se meteu. Eu tinha todo esse processo quando vim ocupar aqui.

...

De supetão um tapa. E podia ser que várias noites o menino negro acordasse assustado sem saber ao certo o rumo da ferocidade. Acho que Conceição Evaristo também falava dele, “todas as manhãs tenho os punhos / sangrando e dormentes / tal é a minha lida / cavando, cavando torrões de terra, / até lá, onde os homens enterram a esperança roubada de outros homens” (EVARISTO, 2008, p. 13). Inconformado espírito que aprendeu a zunir, a arranhar, a subir nos mais altos muros com unhas ensanguentadas como um gato preto. Vez ou outra chegava.

Juntou-se a milhares de migrantes andarilhos que floream um pequeno pedaço de chão para se sentir-se salvo. Foi ser sindicalista dos metalúrgicos de Corumbá e Ladário, Mato Grosso do Sul, candidato a vereador na mesma cidade. Atraiu o respeito de professores e até de palestinos, referência entre os jovens para se entender o comunismo.

Não tardava o eco, o grito rouco das máquinas o perseguia. Em algum momento encontrou os barões em mesa farta, percebeu como se comia e bebia naquela festa estúpida. Olhou em volta e percebeu o tumultuado conglomerado de modernidade, constante luto revigorado nas vezes que mentalizou o sossego da terra materna. Recuado, percebeu que seu exército estava fraco, assombrado com a terra diminuída, com o desrespeito assassino e especulativo. Exigia a construção de uma rica vila onde pudesse criar seus filhos, mesmo que

ao lado dessas monstruosas máquinas de produzir incertezas, ficaria ali e repartiria a fantasia tecnológica. Mais uma vez seria insistente, quantas vezes fosse necessário. Seguiu o ritmo da vida com a Bandeira Vermelha em punho. “Eu tinha todo esse processo quando vim ocupar aqui”, concluiu ele a respeito da memória-latência.

Na noite em que 20 pessoas ocuparam o Nahuel Moreno rondava pelas mentes um misto de insegurança e vontade de fazer a coisa do seu jeito certo, elas representavam 80 famílias. À frente da empreitada João Radical, cheio de experiências com o sindicalismo metalúrgico e com as organizações políticas e partidárias. Ocuparam aquele lugar na noite do dia 28 de junho de 1997 enquanto o mundo assistia a dois grandes pugilistas no ringue. Aquela madrugada cravou-se fundo na memória do ex-lutador de boxe João Radical, fundo como os dentes de Tyson na orelha de Holyfield.

...

João Radical⁵⁰:

Nahuel Moreno me lembra muito a época dos anos 90. Aquilo ali me puxa pela memória. Eu acho que foi a primeira ocupação que eu fiz mesmo, realmente. Foi a primeira ocupação, e me lembra muito os anos 90. Era o Nahuel Moreno. Os nomes das ruas foi eu que botei, os números da casa fui eu. Quer dizer, existe uma coisa muito de pai pra filho comigo lá, entende? A posição das ruas foi eu que estabeleci.

Hoje em dia mora gente que não sabe nem quem sou eu, mas aquilo ali é muito anos 90 pra mim. A gente invadiu lá no dia 28 de junho de 1997, uma madrugada que o Mike Tyson tirou um pedaço da orelha do Holyfield. Na mesma madrugada. Nós tínhamos 80 famílias. Nós andávamos com 80 famílias, aquela rua era tomada por pessoas e a gente coordenando. Então, nós estabelecemos que a gente ia invadir, eu acho que era cedo ainda pra invadir, mas o pessoal:

- “Não, a gente quer invadir, quando é que a gente vai invadir?”.

Então pronto, a gente estabeleceu aquela data pra invadir, mas eu achava que era cedo.

- “Não, a gente quer invadir mesmo”.

- “Então tudo bem, a gente vai invadir duas horas da madrugada, a gente vai todo mundo no canto da Haroldo Veloso com a Quinta Rua”.

Aí invadimos. Era só um terrenão. Chegamos lá tinha vinte pessoas. Vinte pessoas... mesmo assim a gente invadiu, vinte pessoas só pra invadir. Aí chegou o Geferson eu disse:

- “Porra Jeferson tem vinte pessoas só...”.

- “Vamo invadir...”

⁵⁰ Entrevista realizada em 31 de julho de 2020 com João Gonçalves Pinheiro no Cabano.

- “Vocês tão mesmo dispostos a invadir? Se polícia...”

A polícia não tava dentro do terreno, ela tava dentro de uma fábrica chamada Lopes Filho. Era uma construtora Lopes Filho. O cara patrocinava lá e o gerente era afim de ficar com o terreno, o ex-gerente da Lopes Filho. Era esse Paulo que já morreu e o ex-gerente da Lopes Filho. Tanto que a única ação que fizeram contra a gente lá foi o gerente. Ele entrou com mandado de reintegração de posse, aí foi questionado porque só quem podia dar mandado de reintegração de posse é o proprietário, ele não era proprietário. Mas a gente conseguiu expulsar os PM's de lá de dentro da fábrica. Uma alegria imensa quando os soldados saíram tudo... Houve um processo de luta muito bom e que nos dá orgulho de falar sobre esse momento.

Figura 09 – Lugares de Memória: uma das ruas da ocupação Nahuel Moreno, representação da década de 1990 para João Radical.



Foto de acervo pessoal de João Radical, reproduzida por Lenon Victor Xavier Brasil no dia 31 de julho de 2020.

...

As memórias de Radical se revoltaram várias vezes com o método e com as trilhas incertas, ou melhor, mal escolhidas. Inúmeras passagens tentavam mostrar a falta de solidariedade para construção do projeto popular. Falou do irmão muitas vezes, seu parceiro de longas datas. E por isso sempre retornava a ele com acento grave, como se as memórias confidenciassem os níveis de conspiração tratados entre os dois, seja quando viajaram juntos pro Mato Grosso do Sul ou quando o irmão apresentou as ideias do Partido dos Trabalhadores. Nessa época ele ainda nem simpatizava por política, achava que era “safadeza”. Sempre reiterando a parceria: “eu e meu irmão, a gente era muito radical”. No retorno a Belém foram

morar no Tapanã, não demorou pra que cada um já tivesse seu programa na Rádio Popular do Tapanã. Se aproximavam cada vez mais das referências políticas de Antônia Salgado e Pedro Paulo.

De repente a memória-explosão lembrava pretensos dirigentes do Partido dos Trabalhadores que instrumentalizavam e até oprimiam outros trabalhadores. “Isso tá errado”. Essas lembranças procuram identificar muito além do porquê que uma cidade não se organizou sobre o método mais certo, elas buscam construir uma racionalidade para explicar a intensa busca de recursos e políticas públicas para o bairro, mergulhado na ciência de dar pensamentos plausíveis a conjuntura política nacional e internacional.

...

João Radical⁵¹:

Toda ocupação que a gente fazia o PT tava. E tinha nossas divergências com o próprio PT, mas a gente não deixava transparecer, a gente ia defender a bandeira do PT. Então, a gente fez invasões que a gente tava determinado. Hoje em dia eu não sou simpático ao PT, eu não sou simpático. Meu irmão tem ódio do PT, entende. Mas tem gente que se a gente for dizer: olha o PT tá errado, isso, isso e isso. O cara ainda vai querer dar porrada na gente... porque conheceu a gente dependendo do PT. Vamos dizer assim a ideologia é petista, entende. (...)

Começou nos anos 90 com a expulsão da Convergência Socialista dentro do PT... A Convergência Socialista era maior que o PT, era uma puta de uma corrente trotskista dentro do PT. Grande, queria formar o Partido dos Trabalhadores, o PT. O Partido dos Trabalhadores... E o Lula queria aliança com a direita pra poder se eleger, tirar aquele estigma de radical, de comunista, ele sempre declarou que ele não era.

...

O PT é um elemento, insistentemente lembrado. Acusa momentos vividos intensamente. É necessário considerar alguns pontos no retorno das memórias que envolvem o Partido dos Trabalhadores. A segunda década do século XXI foi intensa para as intenções e propostas dos movimentos sociais, neste caso especificamente, dos movimentos comunitários de esquerda próximos ao PT. Em rápida digressão tivemos Revoltas de junho em 2013, golpe político e impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e eleição de Bolsonaro em 2018. Esses eventos em cadeia, seguidos de quatro eleições do PT à presidência, interferem diretamente nas análises do passado e conferem às experiências de rememoração o caráter de avaliação, mais ainda, talvez, por se tratar de um período tão recente na história pública.

⁵¹ Entrevista realizada em 31 de julho de 2020 com João Gonçalves Pinheiro no Cabano.

Como se ficasse algo perdido, como se buscasse um refúgio para onde levar o pensamento, para explica-lo e depois deixa-lo a mostra. Na década dos anos 2010 encontrei muita gente que tinha uma lembrança semelhante a que eu tenho, “lembro da minha mãe (do meu pai) chorando na frente da televisão, era a mudança”, a imagem da ascensão do PT. Não tenho o desejo de reafirmar a decepção ou de explicar os motivos que levaram ao descenso do PT. Só pontuo a grande necessidade de levantar-se exaustivamente este tema nas comunidades, organismos e coletivos que vivenciaram essa experiência e retiram dela respostas intensas e diametralmente diferentes.

3.9 – Centro Comunitário ou A memória política do trabalho

Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica “neutra”. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a. (Bosi, 2012, p. 435).

“Mas eu ia dar sozinha? Não. Eu ia conversar só eu e o homem, ou a pessoa que ia ocupar? Não. Eu fazia uma assembleia, eu contava na assembleia o que eu ia fazer e se eles apoiavam.” (Dona Nazaré).

“Então, essas famílias foram assentadas aí foi feito uma assembleia, e nessa assembleia foi definido o nome das ruas”. (Antônia Salgado).

Depois da primeira entrevista com dona Nazaré havia ficado muito instigado sobre a quantidade de materiais que ela guarda, atas, fotos, jornais, etc. Volta e meia falava com os amigos da família Muniz sobre a possibilidade de tentar resgatar o material. Infelizmente, dona Nazaré passou mal de saúde por um tempo, as visitas a sua casa estavam interrompidas enquanto ela se recuperava, e depois sobreveio o tempo de confinamento.

Certo dia, próximo do almoço, recebi uma mensagem de Marvin Muniz, “Lenon, tem alguns documentos que o papai trouxe pra casa da fundação do Centro Comunitário”. Empolgado, marquei com ele uma visita para o dia seguinte, uma quinta-feira 13. E lá, além de encontrar o caderno de atas da Associação Comunitária Maria de Nazaré, diga-se de passagem em bom estado de conservação, pude conversar um pouco com Marvin sobre suas lembranças da Associação.

Lhes recorde que Marvin nasceu no início dos anos 1990, presenciou na infância o intenso desenrolar desses processos de ocupação. Ele falou sobre o tamanho do espaço do Centro Comunitário, na sua memória ficou registrado uma imagem de terreno muito grande.

Lembrou das crianças, a escola e a quantidade de pessoas que via por ali, e da pequena igreja de São Benedito (o santo dos virtuosos, negros e pobres).

...

Marvin Muniz⁵²:

“O centro comunitário tem uma importância... Os parques ficavam no centro comunitário, o circo também. Os palhaços vinham passando nas ruas convidando a comunidade. Do lado tinha um campo, jogavam futebol. Lugar do lazer para a comunidade, tá na memória. Essa é uma das memórias mais fortes da minha infância.

Logo no início eles decidiram que o centro tinha que ser bem no meio da ocupação, para todo mundo ter acesso. Primeiro tiraram um pedaço para igreja. Perto de 98 ou 99 teve na área uma plenária com os moradores para decidir se o centro daria ou não o pedaço da área para construção da escola. Deram. Isso foi no Governo do Edmilson. Construíram a escola. Depois o centro ficou sendo só um barracão de madeira. 2005 ou 2006 teve outra consulta pública para ampliação da escola, foi quando tiraram o centro de onde ele era. Ele foi para rua Maria de Nazaré.

Compraram uma residência na rua Maria de Nazaré e ficou bem descaracterizado, antes era um barracão com uma área imensa, faziam festa junina, entrega de cestas básicas, davam brinquedo às crianças do bairro no natal. Quando passou para essa residência o centro perdeu todas as características, parece só uma casa. Eu lembro bem disso.”

...

Duas questões me parecem importantes na conversa com Marvin, a primeira é a importância do Centro Comunitário como polo de expansão do bairro, instrumento para conquistar serviços básicos e resolver problemas da vida prática como a instalação elétrica, a melhoria de vias de acesso, as áreas e atividades de lazer, o transporte, os espaços de saúde.

A outra questão envolve a simbologia do tamanho do Centro Comunitário, vai diminuindo com o passar do tempo, deu lugar a outros espaços públicos importantes como é o caso da Escola Municipal Maria Heloisa de Castro. O Centro, espaço coletivo, necessita de métodos e metodologias para sua manutenção, e disso depende uma estratégia de composição e formação política. Nossa conversa minha e do Marvin, depois das aspirações de lembrança que lhe povoavam à memória, giraram em torno de tentar entender esse apartamento da vida política.

⁵² Relato de memória realizado em 29 de setembro de 2020 no Parque Modelo.

O espaço do Centro Comunitário introduz o exercício político no cotidiano dos moradores, esse espaço era, naquele momento em que não tinha “nada, nada, nada” (como nos dizeres das nossas e nossos memorialistas sobre quando chegaram no Tapanã), uma necessidade para acelerar os ganhos produtivos da organização local. Várias vezes foi registrado no caderno de atas intervenções de moradores e/ou convidados que acentuavam a “importância da democracia em que as pessoas que vão decidir, e o que for decidido vai ter que ser respeitado”, “o que tem aqui foi com a ajuda dos moradores”, “importância da organização da comunidade” (Associação Comunitária Maria de Nazaré, 1990), essa organização da vida política⁵³, como bem se sabe, acelera o processo que concede políticas públicas ao local. Portanto, a vida política ativa está relacionada com a importância vital de manutenção de um espaço (Associação, Centro Comunitário) para debate, problematização, decisão coletiva e divisão de tarefas. Naturalmente trata-se de um espaço de poder, já que articula as forças e pode orientar as concepções de administração de espaços públicos e privados.

Atente para o fato de que Bosi (2012) separou as análises da memória política e da memória do trabalho. Existe intensos imbricamentos entre os dois, inclusive quando pensamos na forma comunitária de política, a construção de uma comunidade através de um sistema de assembleias e reuniões onde se decidem dias e horários de execução do trabalho. É um exercício político que transforma os sujeitos e o espaço do trabalho, portanto memória do trabalho político. Nesse caso não podem ser desmembrados sem correr o risco de fissura no seu significado. Pode ocorrer de “política” ser reduzido ao exercício eleitoral que congrega às figuras dos poderes legislativo e executivo do Brasil o status de “ser” político, e, portanto, de “decidir” sobre o “futuro”. A construção do bairro envolve a forte presença de uma memória política do trabalho em que os moradores se tornam francos atores do processo de concepção e assimilação do território. Contradizem uma espécie de lógica oprimido e opressor, deixam de ser espectadores. Metamorfoseiam a história.

No governo de Edmilson Rodrigues Belém viveu a experiência do orçamento participativo, fator preponderante na memória que ajuda a contar a história do Tapanã. Na década de 1990 era muito comum ver-se sendo discutido propostas metodológicas a partir da representatividade eleita, seguindo os princípios de uma organicidade democrática. A estrutura

⁵³ Consta no caderno de atas os seguintes cargos de uma chapa eleita pelos moradores: Presidente, Vice-presidente, primeira e segunda Secretária (o), primeira e segunda Tesoureira (o), Diretora (o) de Relações Públicas, Diretora (o) Social, Diretora (o) de Esportes, Diretora (o) de Cultura, as (os) respectivas (os) suplentes de diretoria e as (os) conselheiras (os) fiscais.

era formada a depender das necessidades, mas geralmente estava composta por direção, secretaria, conselheiros e delegados.

A Associação Comunitária Maria de Nazaré foi fundada no dia 8 de agosto de 1990. Um ano após uma eleição histórica para presidente envolvendo Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva, em que Collor saiu vencedor. Os modelos e representações de participação na vida política estavam em pleno vigor no Brasil. Acentuo alguns trechos do caderno de atas só para que tenhamos noção da organicidade praticada nas ocupações do Tapanã. Os relatos e registros que compõe esse trecho da pesquisa se passaram no tempo em a figura do líder era respeitada, segundo a reflexão de dona Nazaré.

...

No dia 6 de outubro de 1991, às 10h e 45 minutos, dia da inauguração oficial do Campo pertencente ao Centro Comunitário, dona Nazaré contava um pouco da história do lugar aos jogadores do time do vasquinho, podia-se ver presente naquela reunião um representante do MPEPA que representava “30 áreas de invasão no Pará, [ele] falou sob a integração das mesmas através do esporte”. Num sábado de 1992, pelas festas que antecediam o carnaval, o Tapanã elegia a “Representante da Rainha do Carnaval das Áreas de Posse”. Durante o encontro foi valorizado por dona Nazaré o trabalho do Movimento de Posseiro. O que nos leva a compreensão de como aquele pedaço de terra carregava uma identidade ligada aos movimentos rurais de luta pela terra (Associação Comunitária Maria de Nazaré, 1990).

Um mês depois o assunto da Rainha ainda era comentado pelo bairro, isso porque o coordenador da Rainha do carnaval não disse que seria jurado. Dona Nazaré esclarece a situação, mas isso só aconteceu depois de longo debate sobre a situação das casas fechadas, aquelas de moradores que não apareciam a muito tempo, e reafirmou a importância das áreas destinadas a feira e ao Centro Comunitário. No meio desses diálogos alguém pede a palavra: “seja de que forma for tem que ocupar esta feira. Tem que vender ou na barraca ou no tabuleiro ou no paneiro, seja de que forma for...”. A reafirmação servia para que outras famílias não construíssem casas nessas áreas. Certa vez, em 1997, precisou-se discutir em caráter de urgência sobre o nome da rua que passa em frente ao campo do ranário. A Celpa estava fazendo instalações elétricas e era preciso a identificação daquele trecho que até então não tinham muitos moradores, e se caracterizava por ter terrenos largos. Nesses períodos se reafirmava a noção de Tapanã como bairro urbano de Belém, deixando aos poucos as vestes e feições rurais (ibidem, 1990).

Nos anos 2000 o caderno de atas da Associação Comunitária Maria de Nazaré nos dá uma informação importante para entender o processo de expansão desse bairro. Relata-se que

haverá uma eleição para a chapa que presidirá e coordenará a Associação, nesta reunião se descreve os parâmetros que permitem a um morador o direito de voto. Como regras básicas ter mais de 16 anos e possuir documento de identificação, além disso e mais importante, morar em uma das áreas do Complexo do Tapanã. O escrivão do dia identifica as áreas pertencentes a esse Complexo: Jardim Tapanã – 6 ruas; Park Modelo – 4 ruas; Renascer – 2 ruas; Ranário – 4 ruas. Alguém sugere que se verifique na Celpa ou no IPTU a legitimidade de moradia para garantir a lisura do processo e o controle dos moradores que poderiam participar do pleito. É a primeira vez que o caderno de atas fala em termos de congregação de ocupações formando um território a que se chamou Complexo do Tapanã. Essas discussões sobre o Centro me fizeram retornar à conversa com Dona Nazaré, na passagem em que ela conta sobre os lotes vazios (ibidem, 1990).

...

Dona Nazaré⁵⁴:

Se eu dava uma armação já em ponto de cobrir e o homem não vinha, vamos dizer, seis meses ele não aparecia... já não tinha mais terreno e tinha gente precisando, eu dizia:

- “Vou dar essa armação.”

Mas eu ia dar sozinha? Não. Eu ia conversar só eu e o homem ou a pessoa que ia ocupar? Não. Eu fazia uma assembleia, eu contava na assembleia o que eu ia fazer e se eles apoiavam.

- “Apoia!”

- “Então, tal dia nós vamos sair pra entregar”, e assim a gente fazia.

Então, todo mundo sabia e ia me defender, porque sabia que eu não tinha pegado dinheiro daquela pessoa. Hoje em dia é mais que se vê...

Quando chegava uma pessoa, pra saber porque que eu fiz aquilo, na maior ignorância, carro de polícia e tudo, eu mandava soltar cinco pistola, era rápido que vinha. Era enxada, era pá, era isso, era aquilo, tudo armado.

Aí eu pedia que eles abaixasse. Todo mundo abaixava. A gente ia conversar.

A polícia entendia. Se não entendia... tinha que sair concordando daquele meu trabalho porque todo mundo tava ali. Eu mostrava a ata da assembleia que eu fiz, tantas pessoas assinando.

Eu acho que isso que é o líder, isso que é uma ocupação. É isso que foi a minha história! E muita história, muita história...

⁵⁴ Entrevista realizada em 14 de janeiro de 2020 com Maria de Nazaré Nascimento Favacho no Jardim Tapanã.

Figura 10 – Dia de assembleia na Associação Comunitária Maria de Nazaré na primeira metade da década de 1990.



Foto de acervo pessoal de dona Nazaré, reproduzida por Lenon Victor Xavier Brasil no dia 13 de outubro de 2020.

Figura 11 – A Associação também era espaço de cultura e lazer das crianças.



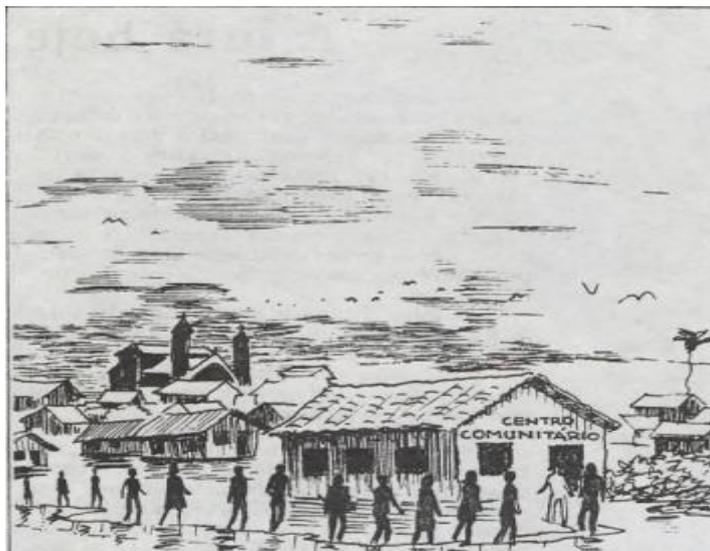
Foto de acervo pessoal de dona Nazaré, reproduzida por Lenon Victor Xavier Brasil no dia 13 de outubro de 2020.

Figura 12 – Associação Comunitária Maria de Nazaré na atualidade.



Foto de Lenon Victor Xavier Brasil tirada em 07 de fevereiro de 2020.

Figura 13 – Representação de Centro Comunitário dos organismos de luta por moradia.



Fonte: Comissão dos Bairros de Belém (1980).

...

A palavra assembleia tem sempre muito destaque para as nossas memorialistas. Ela sempre retorna com um acento grave e sobretudo certo, tem um teor de planejamento estratégico, de quem fez as coisas do jeito certo e nos mínimos detalhes, tintim por tintim. Essa palavra ecoa como um vértice de mil fusões – assentimento e legitimidade das vozes daqueles que por mil motivos se engajaram nas reuniões de comunidade. E veja, é preciso que se fale, nem sempre se desejava participar das reuniões. Naquele momento, de fundação e criação de

um novo bairro, volto a dizer, o espaço da associação era um bem fundamental (imprescindível e formador do ser social), sem ele se tornava mais difícil ou mais demorado o alcance da terra para morar. A reunião era um trabalho a mais, um cansaço maior e que não tinha efeito prático imediato. Podia ser que reunir parecesse não dar significado nenhum ao espaço.

O tempo desse trabalho disputa com as outras inúmeras tarefas por se realizar e também com as diferentes concepções e desejos que às famílias destinavam ao uso do seu lote. Podiam querer morar, podiam querer vender, podiam querer se esconder. E também podiam querer organizar do seu jeito, apoiados em diversas formas, das mais pretensiosas às mais empíricas. A assembleia se torna um lugar de memória. Vejamos as lembranças recheadas de obstinação no contar de Antônia.

...

Antônia Salgado⁵⁵:

O processo daqui, desse loteamento, foi feito tudo em assembleia, porque quando desapropriou foi dividido os lotes e foi construído o mapa do que era que teria que ter aqui, os serviços. A CODEM fez o projeto, definiu o arruamento, quantas ruas iam ter. Aqui tem dezenove ruas.

Nós sugerimos que tivesse no projeto área pra feira, área pro posto de saúde, fosse deixado área pra escola. Tem uma escola bem aqui atrás a Gabriel Lage. Também no projeto nós pensamos de deixar uma área de proteção pro igarapé do Mata-Fome que era vivo nessa época. Parece-me que era 30 metros antes do igarapé que não podia ser ocupado, tiraram muito jacaré daí, muita cobra, Surucucu inclusive, porque era um pântano. Ficou como se fosse uma área de proteção ambiental e lá seria construído equipamentos, tipo assim, de lazer, colocar uns banquinhos, arborizar. Mas pra manter também a mata ciliar. Era essa a proposta.

Então, essas famílias foram assentadas, aí foi feito uma assembleia, e nessa assembleia foi definido o nome das ruas.

- “Como seria o nome das ruas?”.

Aqui, a primeira rua seria Maria Quitéria, a segunda rua aqui São Vicente de Paula, a terceira rua Padre Josimo, a outra é Carlos Marighella, a outra é Irmã Adelaide, a outra é Frei Tito, a outra é Santo Dias, e por aí vai. Só os nomes de referência. Foi escolhido os nomes em memória das pessoas que tiveram uma luta pela terra. Tem rua Quintino. Todas essas ruas elas têm nomenclatura histórica.

⁵⁵ Entrevista realizada em 17 de agosto de 2020 com Maria Antônia Soares Salgado no Novo Benguí (Parque União).

Foi feito a assembleia, nós tiramos os nomes das ruas, foi feito o mapa e foi feito o sorteio. É por isso que nós temos essa casa aqui, é por isso que até hoje a gente mora aqui, tem um significado, um simbolismo histórico. Porque foram colocados os nomes dentro de um saquinho, igual como tu vai jogar um bingo e que ninguém teria prioridade em nada, todo mundo ia entrar no sorteio igual. Foi o método que nós achamos de não beneficiar ninguém.

Aí fizeram o sorteio, o nosso nome saiu aqui, 16. Nós viemos morar no meio da quadra, mas 16. Os outros foram sorteando, foi aleatório. Eu disse até assim:

- “Nós tivemos muita sorte de ficar na rua que tá mais arborizada”.

Porque não foi assim uma escolha: “ah, porque a Antônia que tá na frente, ela tirou pra ela...”, não foi assim não, foi sorteio. E tudo foi aprovado em assembleia.

Esse processo de organização aqui perdeu, aqui não era Parque União, aqui era Novo Benguí. O nome daqui era Novo Benguí, se tu for na CODEM tu vai achar o mapa do Novo Benguí, não sei se eles mudaram também (...).

Eles fizeram uma reunião, arrumaram uma “liderança” (entre aspas), uma pessoa que não teve a vivência que nós tivemos, e essa pessoa se intitulou como se ele fosse o dono daqui. (...) Ele se elegeu presidente da associação aqui, foi um grande equívoco. (...) Quando teve a segunda ou terceira coordenação eles mudaram o nome. Mudaram porque eles não sabem o significado. Se eles tivessem algo do que significava o simbolismo, do por que a gente chamava Novo Benguí, eles não iam mudar o nome. Aí botaram Parque União. Porque existia um estigma... eles diziam que o Benguí era muito mal visto porque tinha muito bandido, o que a imprensa sangrenta faz, criou essa imagem. Eles não quiseram pelo estigma, não quiseram pelo processo de discriminação e porque também não tinham nenhuma raiz histórica com a luta do movimento, do que significava pra nós.

...

Eu perguntei a Antônia se ela havia ajudado a ocupar outras áreas dentro do Tapanã. Ela lembra muito da metodologia participativa aprendida nas formações desde o Benguí e reforça que quando conversavam entre si para entender as dificuldades do bairro, acabaram identificando que existiam muitos terrenos abandonados ou em posse de grileiros, pessoas que se diziam donos, mas não possuíam posse legítima. Desde então passaram a dar auxílio e incentivar a ocupação em outras áreas de vazio urbano. E identifica um problema gritante na política de terras no estado do Pará, a falta de um mapeamento e regularização das terras urbanas. Problema que se expande para o estado inteiro.

Ao mesmo tempo que vai contando da metodologia de como faziam, lista as inúmeras terras que ajudaram a ocupar dando apoio e prestando solidariedade. E conta cada momento

específico que sua memória pôde alcançar das inúmeras vezes que visitou cada uma delas. Dos amigos que dormiam na sua casa, das referências que acompanhou de perto, dos confrontos, das estratégias para descobrir quem se dizia dono da terra, da tentativa de proteger o igarapé do Mata-Fome, das relações com a igreja e com o prefeito Edmilson. Nisto vai mostrando um panorama intenso de ocupações e de famílias que vão se agregando e fazendo explodir as margens da cidade. Nahuel Moreno, São Gaspar, Campos Elísios, Raimundo Jinkings, Jardim das Palmeiras, Parque Modelo, Zoé Gueiros, entre outros que a memória elucida e torna peça chave para entender seus escombros.

As relações de aliança e articulações entre as ocupações aconteciam na cidade inteira, vários outros movimentos se conversavam e se reuniam em fóruns e em discussões acerca da condição de moradia, dessa forma funcionava a Comissão dos Bairros de Belém, por exemplo. Essas articulações entre movimentos de luta pela terra na cidade permitiram que outras famílias se aproximassem como é o caso da família Muniz e também de João Radical. Estas ideias reforçam nossa tese de que a expansão do bairro não se deu somente pelos conjuntos habitacionais organizados pelos instrumentos de estado em nível estadual e nacional, e que também não foi somente fruto do processo de industrialização. A intensa conversa política e social permitiu que os moradores mais antigos vislumbrassem uma maneira de proporcionar um outro formato ao urbano. Suas estratégias de convivência e de expansão estão de acordo com estudos que discutem o papel do sujeito na história. A expansão do Tapanã também foi decidida nos Centros Comunitários e Associação de Moradores, e sendo decidida por esses meios, desmonta o seu caráter “espontâneo”.

A estratégia culmina com a criação do Conselho do Bairro. Esse núcleo permitiu congregar as ocupações ao longo do Tapanã, tanto as que Antônia e Pedro Paulo estavam próximos, quanto as que a Associação Maria de Nazaré mantinha diálogo. No dizer de Antônia Salgado, eram mais de 30 lideranças, 30 representantes do bairro que discutiam e elaboravam política participativa para as necessidades do Tapanã.

Essa política de expansão consolida a perspectiva de emancipação. Desde o século XIX havia uma confusão acerca do lugar, ora se tratava de uma olaria, depois uma fazenda, depois uma estrada. Mas a noção e perspectiva de bairro urbanizado aos moldes de como o conhecemos hoje, foi sendo possível a partir das reuniões e discussões. Todos e todas as entrevistadas tem uma memória de Tapanã como um fenômeno muito recente. E mesmo para jurisprudência do estado parece também ser. Antônia conta que para conseguir uma consulta não sabiam se diziam que eram de Icoaraci ou do Benguí. O bairro deixa de ser uma área, ou complexo e constitui-se

na memória coletiva como bairro em si dos anos 1990 em diante. Essa representação parece tácita, mas ela se agrega no indivíduo à medida que vai erguendo os muros da cidade que pisa.

A questão se acirra quando o centro comunitário passa a multiplicar a atuação entre os territórios. Seja para compartilhar o modelo de organicidade ou mesmo para disputar o modelo produtivo. Ou seja, ao mesmo tempo que as famílias de outras ocupações próximas passam a se relacionar, elas também mediam o espaço com o estado, indústrias, empreiteiras e mesmo ideologias diferenciadas que sofrem forte influência do sistema produtivo do capital. Vejamos um pouco mais das memórias de Antônia que une potencialidade do território com o conteúdo organizativo que praticava em conjunto com tantas outras famílias do Tapanã.

...

Antônia Salgado⁵⁶:

Nessa perspectiva nós conseguimos fazer o mapa do bairro, conseguimos fortalecer o Conselho Comunitário do Tapanã, é uma referência. Eu acho que a gente tinha umas trinta lideranças ou mais aqui...

Depois a gente conseguiu trazer a Unidade de Saúde... foi, tipo assim, nós fizemos o ato público pra candidatura do Edmilson, mas nós fizemos ele assumir um compromisso público em cima de um pau de arara, ele com a Ana Júlia. A comunidade só ia apoiar ele, se ele fizesse a comunidade, tu entendeste? Então, ele veio fazer um ato aqui, e ele se comprometeu publicamente. Então, por isso que hoje tem a unidade, porque a gente também sabia, não era só porque a gente era petista, somos petista, que a gente ia também, tipo assim, vamos arrumar voto e não vamos conseguir nada pra comunidade. Então, a gente condicionou. Quando teve o orçamento participativo foi tão popularizado que, quando começou as assembleias do orçamento participativo, a unidade de saúde do Tapanã foi uma prioridade, pra onde a gente ia, a gente levava faixa, a gente fazia fala pública.

E também da bacia do Mata-Fome... como começou a crescer as ocupações urbanas, a gente enfrentou muitos conflitos, não só pela posse da terra, como também pra resistir que as pessoas não ocupassem sobre o igarapé, a gente queria preservar, mas foi uma luta... nós tivemos muito conflito porque tinham pessoas que não pensavam assim, tanto que tu vai ver aí no São Gaspar, que foi uma das ocupações que a gente deu apoio. Na época era uma área verde, quando as pessoas decidiram ocupar, e a gente queria essa floresta em pé por causa do manancial do igarapé, aí os especuladores, que são as lideranças especuladoras, foram lá e

⁵⁶ Entrevista realizada em 17 de agosto de 2020 com Maria Antônia Soares Salgado no Novo Benguí (Parque União).

incentivaram o povo a ocupar, aí o povo foi ocupando. Quando nós não conseguimos, porque o poder público nunca vinha pro nosso lado, aí nós dissemos:

- “Então bora deixar e umbora... deixa as pessoas morarem e vamos fazer um trabalho de base com essas pessoas pra elas não fiquem contra nós”.

Figura 14 – Lugares de Memória: Unidade Municipal de Saúde do Tapanã, conquista relembrada por Antônia Salgado como uma das mais importantes do bairro.



Fonte disponível em: <https://twitter.com/negraolucas/status/1320112330131243009/photo/1>

Figura 15 – A construção do UMS Tapanã contou com participação popular ativa.



Fonte disponível em: somostodosedmilson.blogspot.com/2011/07/tempo-de-recordar-tempo-de-avancar_25.html

Figura 16 – Antônia Salgado falando sobre a Rádio Popular do Tapanã.



Fonte: Cenas do minidocumentário “História do Tapanã”, acervo pessoal de Antônia Salgado.

Figura 17 – Pedro Paulo, radialista da Rádio Popular do Tapanã.



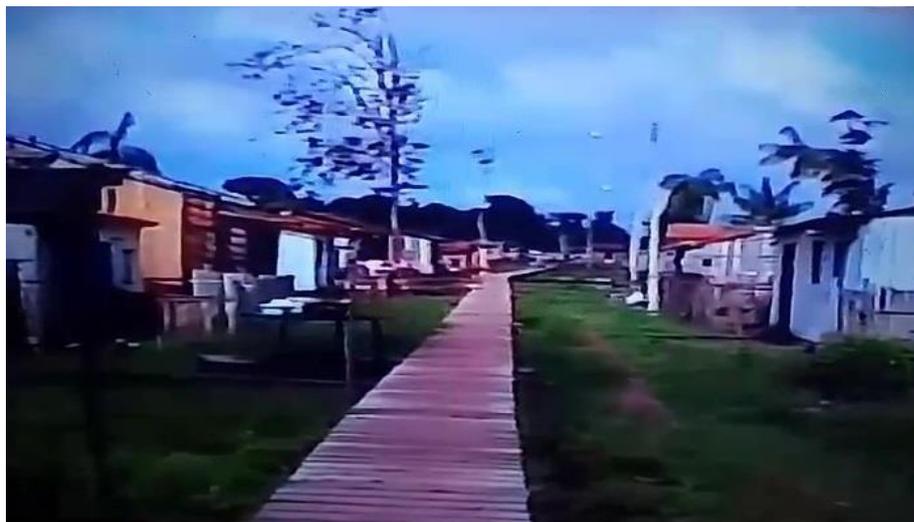
Fonte: Cenas do minidocumentário “História do Tapanã”, acervo pessoal de Antônia Salgado.

Figura 18 – O movimento do “Grito” se espalhou pelos bairros de periferia de Belém e chegou até o Tapanã – “Grita Tapanã”.



Fonte: Cenas do minidocumentário “História do Tapanã”, acervo pessoal de Antônia Salgado.

Figura 19 – As moradias onde o trabalho político dos centros comunitários se estendia.



Fonte: Cenas do minidocumentário “História do Tapanã”, acervo pessoal de Antônia Salgado.

...

As ocupações vão se fazendo permanentemente, disputam espaço na cidade, constroem uma imagem sobre ela, e ainda que os centros de Belém desejassem cuspi-la, ainda que os nobres moradores dos palácios verticais desejassem que ela sempre estivesse à disposição, a cidade ocupada, como o produto do antagonismo de classes, explode nas suas existências e negações. O convívio é visceral e nem um pouco pacífico. Tanto que devemos retornar à pergunta debatida com Marvin: por que diminuiu o tamanho e a presença do Centro Comunitário?

Essa é uma questão que deve ser aprofundada em vários outros ambientes. Poderíamos discuti-la em termos históricos, sociais, políticos e econômicos, já que a subversão desse espaço, diminuindo de tamanho e de presença, altera não só a imagem de coletividade, mas das memórias do trabalho que construíram o lugar. Talvez, podíamos pensar, o seu tamanho devesse ter aumentado, se ele contribuiu para sanar as necessidades imediatas, e se ainda hoje em dia elas (as necessidades) são constantes, então sim, sua participação ativa deveria ter aumentado. Será que existe alguma mão invisível controlando as experiências?

Alguma coisa interrompeu um processo vigoroso no desenvolvimento dos Centros Comunitários, para dona Nazaré a figura da liderança já não é ouvida, a quebra na confiança de alguém guiando um caminho. Para Antônia vários pequenos erros de condução, de estratégias deixadas nas mãos de pessoas com má intenção ou pouca formação política, se não, faltava a solidariedade com os mais novos e respeito aos mais velhos. Para João os imbricamentos da

política nacional, o caráter voraz dos meios de comunicação e a pouca força revolucionária do Partido dos Trabalhadores que estava alcançando o poder ainda nos anos 1990.

Todas essas configurações estão em constante choque na formação do Tapanã. Tanto que de quando em quando, essa periferia gostaria de aparecer mais, mas todo um aparato tecnológico, militar e midiático transporta-a para um recomeço doído e intenso. Talvez muitos tenham ido embora, deixando para trás velhos pertences, velhas panelas, velhos brincos, velhos mares, outras correntezas onde o tempo aprendia, e a indústria nem sonhava em converter o dia em cinzas. Ainda assim, as cidades do subúrbio insistem em construir imagens de si, murmuradas pelos velhos e transportadas pelos jovens, naturalmente, sobre esse movimento, as pedras desejam gritar: meu nome é Tapanã.

3.10 – O igarapé

Segundo informações que nós colhemos esse nome foi originário dos moradores antigos que estiveram no Tapanã, logo no princípio de habitação do Tapanã. Então, eles denominaram esse nome Mata-Fome devido a quantidade de alimentos que encontravam dentro do igarapé (...). Dentro desses alimentos encontravam bastante açai, peixe, jacaré, pássaros, inclusive até caça, era uma raridade, mas de vez em quando encontravam (...). Hoje praticamente tá morto o igarapé do Mata-Fome.⁵⁷

O igarapé do Mata Fome ganhou esse nome pela capacidade de acolher ou alojar aquele povo nativo, nômade ou fugitivo que descansavam nas suas margens, e ali podiam pescar, lavar, beber e transportar suas provisões básicas. Além disso devemos considerar a importante relação espiritual e cultural dos povos para com o igarapé do Mata Fome. Alguns povos indígenas possuem uma relação espiritual e afetiva estreita com as montanhas, florestas, furos e ventos.

Antônia Salgado retratou a luta para fazer com que as ocupações não atingissem as margens do igarapé do Mata-Fome, dinâmica que poderia prejudicar a saúde (preservação) do igarapé caso não tivessem o devido cuidado. “Eu acho que nós temos uma dívida social com a bacia do Mata-Fome”, disse ela. Por isso lhes trago algumas imagens desse igarapé. Para que possamos refletir sobre o trato que a sociedade capitalista do século XXI dá aos antigos saciadores da fome, transforma-os em ilusão da memória (parece que nunca foi de outro jeito). “Hoje praticamente tá morto o igarapé do Mata Fome”.

A ilusão é como uma enorme máquina triturando as reminiscências, os restos não polidos da memória. Lembre-se, as memórias são resultado da figuração imagética que fazemos

⁵⁷ Pedro, morador do Tapanã. Minidocumentário “História do Tapanã”, acervo pessoal de Antônia Salgado.

do passado a partir do conteúdo social que nos permite floreá-la ou esconjurá-la no presente, mas também, trata-se de acúmulo do trabalho passado incorporado no cotidiano, isso significa que todo exercício (todo jeito de exercício) se assoma ao corpo, modifica a estrutura de pensamento e a lógica de movimento das mãos, por vezes inconscientemente. Trabalho e figuração – maturação e criação da memória.

Considere sua ininterrupção, ela está acontecendo a todo momento, não podemos desligá-la, mesmo dormindo ela age sobre o corpo, Superego e Alter ego (ainda devemos considerar as culturas que relacionam a memória ao conteúdo espiritual e metafísico das práticas humanas), até o inconsciente da memória. As memórias mais longínquas e até aquelas que gostaríamos de esquecer reagem sobre nossa vida, estão lá, passeando em algum lugar. Imagine que a memória (na era industrial) é um grande igarapé (poluído).

Na aurora da inocência nada podia o incomodar, a não ser as intempéries de uma lógica contraditória da matéria, a dialética mesma que interfere nas suas erosões, galhos e raízes que cortavam suas beiradas e desaprumavam seu ciclo natural. E a memória balança, tonteada.

Chuá.

Nas suas fases de infância mais tenra, ia e voltava com compleição faceira, buscando e trazendo novidades a mostrar. Se apaixonava quando novas veredas se bifurcavam. Naquele tempo, assomou-se de surpreender, pela primeira vez, com os gritos e ecos de uma noite inesperada. Corriam a certo centro de mundo. Ouviu o piar longe de um pássaro vestido coloridamente, assustou-se porque viu no seu fundo brotar sementes, relvas e filhotes de peixes que desconhecia. Acolheu-os.

Quando novo susto o tomou, num despertar sem precedentes, viu tabuas de madeira tão bem arrumadas, dedos fincados na sua face pediam passagem. Vinha ela. E porque as mãos doloridas, calejadas e sangrando? Uma pele bem amarelinha do sol, outra roxa cor de açáí, depois uma bem pretinha. Achou que vinham visitar, passeando nas margens. Mas já era rota de fuga. Nesses tempos a memória do igarapé alimenta e dá segurança àqueles que estavam perdidos ou a procura de novo rumo.

Mal entrara na sua juventude e não imaginava o que se passava. Homens e mulheres tinham pressa. Pressa era substantivo feminino que desconhecia. Estava as voltas do seu tempo, tratando em acolher sóis, verdes e sombras. Disposta a comprimir nos salões uma ordem infinita de fantasias. Desconhecia outro tempo. Não fazia ideia do dilúvio – prenúncio de grande uma batalha. Aqueles dedos abriam passagens para outros tantos e tantas que trataram em lhe revolver as vestes da memória. Dos mais intensos às mais caprichosas.

O tempo de imersão e exposição do igarapé da memória vai sendo modificado a partir das interferências mal projetadas, interferências que não consideram as elementaridades da sua história passada. Contraditoriamente, alcança uma fase onde tudo parece desconhecido a toda gente, e dessa forma desconsiderado. Pode acontecer de o igarapé da memória ser visto como simples mediação para algo “maior”, onde dizem:

- “Ora, mas não vamos interromper o progresso por um decurso de água e energia que não vale a terra que banha”.

Começa a escoar para rumos estranhos.

De imensa riqueza, o igarapé da memória se torna o pó voando longe. Sua constante transfiguração, em pouco tempo, torna sua imagem suja. Os rígidos tomam por certo sua perda, outros, resignados, envergonham-se de mostra-lo. Até que alguns dizem, com certo luto na entonação:

- Ficou na profundidade das eras.

É quando irrompe o desejo fremente pela ressurreição – a reconstrução do igarapé da memória. Alguns prometem que o farão, deem-nos(nas) tempo para pesquisar técnicas avançadas de participação social ativa, crítica, problematizadora e amorosa. A conformação de um bairro (da memória coletiva de um território), se compõe desses elementos que como o igarapé vão garantindo a sobrevivência do querer estar, querer viver *ali*, ou mesmo precisar viver *ali*.

Precisam ser cuidados por um processo de saúde coletivo, de educação ambiental coletiva e de cultura coletiva. Cuidados nem sempre tão perceptíveis, mas não há quem não possa perceber seu trato. Afinal, quem olhando para um igarapé polido, revivido, transparente, reluzente, com suas margens formando pequenos altares (braços delicados e múltiplas silhuetas).

Gostarias de ver o Igarapé do Mata Fome vivendo a experiência de compartilhar e proceder o saciamento da cultura amazônica? Quem primeiro insistiu que, independente do Igarapé vivo ou morto, o progresso não poderia parar? Qual alma perde a sutileza das vestes do passado?

3.11 – O centro do mundo

Libânia saltou sobre Antônio, para nova correção, agora mais sem resistir e ria porque aquele diabo era demais porco de língua e de intenção. Como podia acumular tamanhas maldades na cabecinha?

- Mas que idade tu tem, endemoniado?

- A idade do meu tempo. Não sei quando nasci. Nem o dia. Não nasci, apareci. Nasci de sete meses, me disse minha mãe. Mas minha mãe morreu numa safra de febre que deu nas Ilhas. Meu pai se sumiu, disque pegado da polícia. Eu não sei. Não sei. Não tenho um cuí, de família. Meu sangue é só eu. (JURANDIR, 2004, p. 421)

“Antônio pôs o dedo no meio da testa, alisou, alisou, até se lembrar, contando que era uma vez uma mulher que morava com o marido lá pros centros” (JURANDIR, 2004, p. 365). Eu fiz umas notas sobre essa frase porque fiquei me perguntando do que se tratava esses centros de que relatava o menino Antônio na obra *Belém do Grão-Pará* de Dalcídio Jurandir, o menino contador de histórias que impressionava Libânia e Alfredo pela sua capacidade de narrar. Ele complementa falando de uma família que morava na beira do rio. Fiquei pensando se o Centro de Dalcídio seriam as Ilhas ao redor do arquipélago do Marajó, ou se seriam mais distantes, fundo na terra dos barrancos, depois das mais intensas distâncias, passando pelos verdes de Benedicto Monteiro e indo morar nos serões da Mãe Preta (TAVARES, 1986). Um mundo das águas, onde a perspectiva e noção de *centro* estava deslocada.

Mais em cima, já fiz a comparação do preto Benedito com o menino Antônio e precisamente porque são filhos daqueles que buscavam um mínimo pedaço de terra onde pudessem se dizer alguém, se sentir pertencente. Isso expressa uma perda de identidade responsável pelas intensas fugas, pela miséria com que se convive intensamente, e também pela falta de lastro da memória, o que é expresso pela ideia de que o menino não sabe a idade que tem. Desconhece passado antes daquele presente, a não ser pela menção da mãe morta e do pai preso.

...

Era de manhã cedo, no Jardim Europa, sentido Centro. Só havia dois ou três lugares vagos. Me sentei naquela cadeira do meio, no fundo. Dois homens jovens estavam sentados a minha direita. O que estava bem do meu lado começou a conversar comigo, sem cerimônia como se tivesse lembrado de me dizer algumas coisas. Falava a uma altura de não se importar com o que pensassem:

- “Ulha essa doicice mano”, apontou para um senhor na calçada levando uma garrafa de 20L em um carrinho de bebê.

E começou a falar muito rápido sobre a vida. Sobre o que ele via da vida. Falou do filho que tinha acabado de nascer. Perguntou para si ou para os passageiros por que as dificuldades eram tão grandes.

- “Num é mano? O cara se quiser alguma coisa ele tem que se fuder valendo. Tem que fazer por onde, dirocha.”

Contou que não conheceu a mãe. Viveu com o pai desde molequinho.

- “Foi foda. Todo dia ele bebia, as vezes me batia e eu ainda tinha que cuidar dele. Cedo eu saí de casa.”

E sorria maliciosamente.

Gostou de contar, acho que percebeu a atenção que eu retinha na sua história. Eu comecei a tentar fotografar as palavras que ele dizia para poder registrar depois.

- “Olha, eu nasci lá no Tapanã, teve uma época que eu me metia com essas parada errada. Se é pra tá vivo tu tem que fazer escolha, num é mano?!”

E olhou para o outro rapaz que tava do lado, esse tinha o cabelo bem liso e raspado nas laterais, tinha um bigodinho, a pele marron e um olhar sério, compenetrado. Segurava uma pasta no braço. Falou bem pouco durante nosso encontro naquele ônibus, e diante da pergunta, só consentiu com a cabeça.

- “O bagulho não é pros fracos não”, continuou o narrador testemunhando pedaços da sua vida.

Desde então passou a falar no que acreditava, sobre as possibilidades reais que ele tinha. Falou da importância dos estudos e me perguntou o que eu achava. Eu contei para ele onde tava indo, falei que fazia uma pesquisa sobre a memória do Tapanã. Ele gostou da ideia.

O rapaz com a pasta na mão disse que também tinha muita vontade de voltar a estudar, mas agora tava indo procurar emprego, mas era difícil. Precisei descer, mas queria ouvir mais. Fiquei sem saber se eles eram amigos ou se, como eu, estavam se conhecendo naquele momento. Mas naquele ínfimo instante que nossas memórias se entrecruzaram estávamos buscando fincar nossas raízes enquanto partíamos em direção do Centro atrás de estudo e trabalho.

...

No passado mítico e autoritário do Brasil, a formação do subúrbio é vista as vezes como o lugar do sofrimento resiliente, aquele que se reconforta do muito esforço, sempre obediente. De pais e mães que precisam doar sua vida, mas que são iludidos ao serem tomados por verdadeiros heróis da pátria. O super aleijão.

Certa vez o cantor e compositor Mano Brown foi confrontado com um debate semelhante no programa Roda Vida exibido em 24 de setembro de 2007. Estava sendo questionado por, aparentemente, ter desnudado o cotidiano de alguns moradores de periferia, e em certo sentido, ter concedido honestidade a um campo tão incomum da moral dominante:

“Dentro da realidade das armas que eles têm para lutar, do que eles aprenderam como meio de sobrevivência, eles são honestos. Eu tenho certeza de que com os parceiros deles eles são honestos. Com a família deles eles são honestos.⁵⁸”

O jornalista José Nêumanne Pinto, um pouco depois, continua o debate. Intrigado ele fala do “verdadeiro herói brasileiro (...) levanta às quatro da manhã e caminha a pé da sua casa lá em Capão Redondo até o trabalho dele. Às vezes lutando com dificuldade para ser honesto” (ibidem, 2007). A resposta de Mano Brown é bem interessante, parece-me que desnuda essa romantização da pobreza:

Parece letra de rap isso aí que você está falando [risos]. A utopia é igual! Infelizmente, na realidade a gente sabe que os heróis estão cada vez mais humilhados, né? Sem direito, sem escola, sem hospital... E os moleques passam a ver que ser herói não vale tanto à pena, entendeu? O garoto só apanha (ibidem, 2007).

Um importante debate, e que está tão próximo ao caráter da propriedade privada, da ideologia burguesa e dos sonhos desiludidos do sujeito na periferia. Aquela afirmação de que se defende bandido é tão rasa, tão grotesca, como se alguém tivesse levantado a voz para dizer que matar e roubar são legítimos. Mas não me parece que esse desejo de uma vida alucinante se explique por si só. Veja, estamos a algumas páginas dialogando sobre o caráter da memória na formação e condução do sujeito. Para a juventude da periferia qual a imagem que fica e significa? Será que é a da não realização constante?

São outros heroísmos. Não é do homem e mulher que enfrentam tudo, inclusive a dor, mas tem um sorriso no rosto. É o de aguentar o chiado intermitente reverberando no despejo: as noites que não se dorme por fome ou medo; a comida rasa, repetitiva e pouca; o trabalho demasiado; acordar cedo, ônibus lotado na ida, ônibus lotado na volta, as vezes duas horas para chegar em casa; um salário mirrado no fim do mês; casa cheia de buracos, moveis velhos; instrumentos de trabalho que calejam a mão e somem de si, somem no centro do mundo.

...

Quando visitei Antônia e João compartilhei do questionamento que vinha fazendo durante o período do mestrado. O Tapanã é visto nos meios midiáticos e de produção de informação como um espaço de intensa violência. Sempre lembrando das memórias de Antônio, do preto Benedito, e dos dois camaradas desconhecidos que encontrei no ônibus, quero lhes contar sobre a percepção de Antônia e João acerca do estigma que envolve o bairro.

⁵⁸ Entrevista com Mano Brown. Roda Viva, 2007. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/470/mano%20brown/entrevistados/mano_brown_2007.htm

Antônia visitou, faz pouco tempo, uma comunidade no Tapanã que estava sobre a bacia do Mata-Fome, lugar onde fazia lembrar de suas ações de vinte ou trinta anos atrás. Conversando com a população acaba traçando um mapa socioeconômico, mas me permita dizer, que além disso, vai se distinguindo pelo caráter de escuta que concede a essas famílias. Se bem nos lembramos a escuta provoca a evocação das lembranças, e neste caso de lembranças de um cotidiano miserável.

- “Eu voltei”, disse Antônia.

Nesta visita ela tem um retorno de memória (uma catarse) ao perceber aqueles casebres de madeira 4x5 que tanto se pareciam com o Benguí da década de 1980. Aquela rua respirava o exato, senão semelhante, aspecto de suas idas e vindas pela primeira ocupação que fizera quando procurava descobrir o sabor da organização comunitária. Encontrou uma senhora que lhe relatou a situação difícil, o trabalho como empregada doméstica. Mostrou as crianças, o pouco de arroz que almoçariam, depois apontou para outras tantas casas que vivem, se não o mesmo, até pior. Acompanhemos as lembranças de Antônia⁵⁹:

“Me deu uma cadeira pra me sentar, eu fiquei... olha, aquela mulher chorou, e haja ela pegar um pouco de arroz pra dividir. As pessoas comendo na rua, dividindo arroz na rua (bate na mesa*). Eu digo só comigo, isso aí é fome, as pessoas comendo e dividindo arroz na rua, criança, criança, criança...

Quartinho que as pessoas pegaram da politicagem. O cara que era referendado pela CODEM dava terreno na beira do igarapé. O cara pegava, mas ele não ia querer morar lá, aí ou ele vendia ou então fazia quarto pra alugar. Ele construiu um monte de quarto. Eu digo só comigo, meu Deus ainda tem quarto alugado aqui nessa área tão precária. Eu disse:

- “Olha, eu tô aqui fazendo uma conversa, eu quero ver quem são as pessoas em maior vulnerabilidade, aquelas que não receberam o auxílio emergencial, eu tô fazendo um trabalho social, tô fazendo um levantamento”, eu não dizia que era cesta, só no final, que dependendo da situação, eu já dizia.

- “Ah, eu não recebi”. (lembra de outras visitas*)

- “Ah, eu pago aluguel”.

- “Eu trabalho em casa de família”, que foi o caso dessa senhora.

Eu disse: “O quê? Vocês pagam aluguel? Quanto é o aluguel?”

- “Duzentos e cinquenta.”

...

⁵⁹ Entrevista realizada em 17 de agosto de 2020 com Maria Antônia Soares Salgado no Novo Benguí (Parque União).

Antônia chegou na casa de mulheres heroicas que cuidavam de sete crianças (ou até mais). Cubículos divididos com a sorte e um prato de arroz. As imagens são fortes e fazem lembrar do Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus (2014), texto que rodou o mundo, e permitiu que uma catadora de lixo, negra, se tornasse uma célebre escritora brasileira, literatura de testemunho que atacava no *front* as malogradas experiências de subvida.

E isto era para responder porque a imagem do Tapanã fica conectada, nas mídias, como espectro de violência. A lembrança-revolta guarda neste lugar a contradição, a busca de respostas, os signos e símbolos da organização dos anos 1980 e 1990. Afinal, a vontade de todo aquele trabalho de Antônia e suas companheiras e companheiros, é para que essas cenas não se repetissem da forma tão voraz e tão multiplicada como insistem. Mas sua conclusão é pesarosa:

- “São mais de vinte anos cara, não mudou nada, sabe, historicamente...”

Então decidi que se havia vivido novamente faria as mesmas perguntas de antes. “Porquê que alguns tem comida e outros não tem? Porquê que alguns tem casa e outros não tem? Da onde você veio?” E descobriu que grande parte daquela população envolta em famélica distinção eram migrantes do Marajó, fugitivos seculares da fúria. Todos tentando fugir. Não sei se agora percebe porque fiz questão de comparar os fugitivos que antes pisavam no Tapanã com os fugitivos de hoje que continuam buscando refúgio dos centros ao Tapanã.

Ironia trágica, voltando para casa encontrei com um pedinte maltrapilho e delirante dentro do Jardim Europa. Assumi o posto da frente, começou a falar, por incrível que pareça confiante e estafado. Depois daquele primeiro contato em que toda a gente olha meio desconfiado, pude perceber que se tratava de um jovem, uns 25 anos, falando sobre o evangelho e lembrando que era do Marajó. “Sou de Anajás, no Marajó”. Mostrou uma camisa dada por sua avó com a imagem de nossa senhora de Nazaré, e falou da fome, da solidariedade e da vontade de trabalhar para conquistar...

3.12 – Mães e pais

Uma das mais fortes estratégias de composição do território é a perspectiva do cuidado que envolve as famílias do lugar. O cuidado trata de uma perspectiva de mudança social e coletiva da qual o conteúdo político é estritamente aliado. A figura da referência, como preferem chamar nossos memorialistas, está ligada com certo conteúdo de cuidado maternal e paternal, de responsabilidade pelo futuro, de dar conselhos, resolver conflitos, diminuir excessos da violência e aproveitar a potencialidade do trabalho.

Não esqueças que estamos falando sobre as memórias da ocupação aliadas ao estigma de violência propagado em diversos meios. Quando perguntei sobre este caso a João Radical, ele me respondeu lembrando dos grupos de dança e da rivalidade dentro do território.

...

João Radical⁶⁰:

Havia, havia, havia conflito sim, a primeira visão é a da marginalização, né. O preconceito...

- “Olha, uma invasão bem aqui, mas cheia de bandido”.

Era a primeira coisa, e realmente nós procurávamos os marginalizados, nós procurávamos os despossuídos, nós procurávamos os sem teto, quando a gente procurava era esses (...).

Vê bem, no Nahuel Moreno a gente fez um barracão, e os jovens... começou a nascer essa questão de fã clube de aparelhagens, cada bairro tinha um fã clube, o pessoal da galera do pote e num sei o que mais... lá no Nahuel Moreno os jovens vieram me pedir pra ensaiar dança na comunidade. Eu acho muito melhor o pessoal tá ensaiando dança lá do que tá assaltando, tá roubando.

Olha, três já morreram desse grupo. Três. Por morte violenta, um de tiro na testa, outro mataram lá pra Icoaraci crivado de bala, ele assaltava ônibus, e o outro morreu em Manaus, mataram a paulada, facada e tiro... e só tem um vivo desses aí, mas todos eles me obedeciam cegamente. Eu dizia:

- “Moleque, até dez e meia da noite, não pode passar disso aí...”.

Eu não ligava pra reclamação do povo aqui, entende? Os jovens pediram o barracão e a própria comunidade tinha o preconceito com o povo. E eles viam que aquele pessoal tava de cisma com eles, porque a visão da sociedade, como um todo, inclusive dos meios de comunicação, é uma visão preconceituosa a respeito das periferias.

- “O cara mora no Tapanã”

- “Me rouba logo!”

Entende? Mora no Tapanã – me rouba. Quer dizer, uma forma preconceituosa de se expressar a respeito de um bairro onde tem gente boa, tem gente que trabalha, tem gente que pensa como gente, tem poetas, tem escritores, sabe? É um desrespeito às periferias.

Então, havia nessa época a briga de gang. Gang da rua tal contra a gang da rua tal, um matava o outro. Vou te contar uma situação... eles brigavam com o pessoal do Parque União, e

⁶⁰ Entrevista realizada em 31 de julho de 2020 com João Gonçalves Pinheiro no Cabano.

os caras do Parque União eram afim de matar eles. Aí vieram provocar o pessoal lá do Nahuel Moreno.

Ia passando duas meninas eles roubaram o chapéu das meninas e correram lá pro lado do Parque União, eles tavam esperando que esses moleques que vieram me pedir o barracão fosse atrás deles. Só que tinha dois moleques que tavam jantando, bêbados, jantando num barzinho daquele... eles tomaram as dores das meninas e correram atrás deles... antes de chegar no Parque União um encontrou com o outro. O outro tava com uma faca, aí foram pra briga. Como ele tava bebendo, ele escorregou e caiu, o cara enfiou a faca nisso aqui dele... ele enfiou e ainda fez assim. Eu não vi, era noite, quem viu foi o vizinho que tava lá na frente. O cara morreu na hora... lá, na hora... e o outro tava de pé bebendo lá de cima, desceu e correu, quando ele correu o cara enfiou bem aqui, pegou no rim dele... morreram todos dois, era questão de briga de um contra o outro, eu chamei os caras:

- “Eu quero todo mundo aqui”, eu disse, “meu amigo, vocês tem desavença com o pessoal lá do Parque União...”

- “Não, porque esses caras...”

- “Quê que vocês acham que vai acontecer se vocês matarem o cara de lá? Ou se vocês aleijarem o cara de lá? Vocês quebrarem a cabeça do cara de lá? E se eles fizerem o mesmo com vocês?”

- “Não, porque...”

- “Olha, vou explicar só uma coisa. Isso que vocês tão fazendo é burrice, cara. É povo matando povo. É pobre matando pobre. Tu quebrar a cabeça do cara de lá, a mãe dele vai gastar o que não tem pra remendar. E assim mesmo vai ser com vocês, é prejuízo pra pobre. Vocês têm que tá unido. O teu inimigo não é o cara que mora lá, ele mora no mesmo bairro que tu mora. É discriminado, é considerado bandido como tu és. A gente tem que se unir”.

Eles me ouviam cara... me ouviam... mas infelizmente eles acabaram morrendo também. E muitos morreram ainda dessa desavença de rua contra rua. Muitos morreram assim. O Testa era um, morreu lá em Icoaraci, eu acho que foi grupo de extermínio que matou, policia ne, ele assaltava ônibus... era um cara que tinha um senso de trabalhar. O cara não sabia ler nem escrever, não fazia questão. Ausência do estado. Era um rapaz já dos seus dezesseis ou dezessete anos. Eu chamava ele:

- “Testa é o seguinte cara, minha luz tá apagando...”

Aí ele chegava lá:

- “Pow seu João, aqui não tá passando corrente.” Era um eletricista de primeira, entende?

O outro era o Bob. O Bob era brincalhão e tudo mais. Era parente do prefeito lá de... acho que de Abaeté. Ele morreu porque o cara passava pra provocar os outros ali, e deram um tiro na bunda do moleque. Ele vinha da festa muito doidão e foi lá comprar briga pelo moleque, o cara deu um tiro na testa dele, do Bob. O Outro viajou pra Manaus, mataram lá em Manaus. A gente vai contar quantos morreram aqui no Nahuel Moreno, é muita gente. É muita gente pra uma comunidade tão pequena, tantos jovens morreram de forma violenta. Isso me incomoda, te incomoda, incomoda a mãe, o pai, mas não incomoda o estado, não incomoda os ricos que estão lá...

É como a questão do Google, tu pesquisa Tapanã: aaah a violência! Por que ele tá associado a violência? Porque ele sofre violência. A violência maior é a falta de serviços... ninguém quer que o pobre tenha consciência do que falta, do que ele é despido... ele quer que o pobre seja visto sempre como marginal. Aliás nem como marginal, porque o marginal é quando a gente vive a margem. Quer que seja visto como bandido mesmo, o fato de ser pobre já é uma culpa, mas não é, é a ausência de direitos.

...

Uma tentativa de descortinar o território através dos seus imbricamentos reais. A potencialidade do trabalho pode dar diversas respostas, assim como a produção social de meios para “ganhar a vida”. Brevemente, faço parênteses com um conto de Machado de Assis (1992) chamado Pai contra Mãe, narrativa que expressa o conflito entre distintos grupos mergulhados na miséria, e que são produtos de um tempo histórico. Uma guerra para defender o próprio filho ou filha para fazer com que eles e elas possam ter acesso a experiência-base, viver. As possibilidades de trabalho convivem, no conto e nas famílias da ocupação, com as faltas constantes. Para dar cabo à necessidade utilizasse os meios disponíveis.

Na estrutura da sociedade que ergueu o Tapanã as figuras do pai e da mãe estão presentes e disputam o imaginário coletivo e a própria construção do bairro, João diz “eles me obedeciam cegamente”, o que distingue o caráter público e privado de família. E da mesma forma sua memória povoa o sentimento de comunhão, disciplina e respeito que tentava trazer aos meninos que dançavam no barracão. Aqueles que precisam de alento estão sobre condições de opressão.

Compartilho mais uma das memórias que povoam minhas visitas à família Muniz. No dia em que fui tirar foto de algumas ruas e ocupações, conversamos (eu, Marvin, Edson e Marília) sobre um menino que mora perto da casa deles. É acusado de loucura, some diversas vezes, tem mãe com três filhos, dois são do padrasto que não interage muito com ele. O relato da vida da criança acabou construindo uma reflexão sobre como somos produto do materialismo histórico das relações sociais, falamos também de como as pessoas nos vêm e como elas dizem

que nós somos. Será que o menino *é* realmente louco ou foi se tornando à medida que iam dizendo que ele *era*? Será que é possível ter força para negar tudo que os dedos apontam?

Esse quadro que pensa o indivíduo e sua força para superar seus traumas deve ser problematizado junto com a reflexão coletiva do próprio território. Por exemplo, como o Tapanã é visto pelo resto da cidade? Quais olhares transformam o Tapanã? Como bem lembrou Radical, “o cara mora no Tapanã – me rouba logo...” Essas semelhanças são experimentadas pela família Muniz. Várias vezes Marília, Marina e Marvin já haviam me reportado sobre o incomodo dessas brincadeiras quando diziam que moravam no Tapanã. Coisa que não impede de também se referirem a outros lugares da mesma forma, tamanha é a força do conteúdo estigmático sobre as periferias (principalmente as de ocupação). E lembremos, ou forcemos, o Tapanã é em grande medida fruto de ocupações, aliás continua em ocupação.

Nossa conversa continuou até chegarmos no caso do negro gato, um bom ladrão, ou melhor um ladrão educado que viveu no Tapanã anos atrás. Amigo de muita gente por ali, filho abandonado pela mãe, mas que ganhou várias outras, fazia questão de ter muitas. Apesar disso morava com uma velha que o odiava. Morreu jovem e quando do seu velório, um grande rebuliço tomou conta do Tapanã, Edson Muniz relata uma cena que, segundo ele, ficará cravada para sempre na memória:

- “Até minha morte nunca vou esquecer daquele dia... fico até emocionado quando lembro”.

Na tarde em que levaram o corpo do negro gato para cumprir o ritual fúnebre em sua casa, a velha que morava com ele escorraçou aqueles que haviam levado o defunto, dizendo que não o queria ali. Quando uma vizinha soube da presepada correu até a casa onde o morto estava sendo proibido de ser velado, e na frente da casa sentenciou: ele será enterrado com todas as honras, porque, Edson bate na mesa com vontade:

- “É meu filho!”, e é quando seus olhos ficam marejados.

Meu filho. A figura da mãe parece acolher os espoliados que findaram sua passagem sobre a história, aqueles que não tem direito nem ao ritual de luto. Ocupar a terra e construir a cidade é um trabalho para dar vida e história aos despossuídos e marginalizados, como nas palavras de Radical. O papel da mãe, interliga-se com a própria figura de dona Nazaré.

...

Dona Nazaré⁶¹:

Como foi que eu consegui?

⁶¹ Entrevista realizada em 14 de janeiro de 2020 com Maria de Nazaré Nascimento Favacho no Jardim Tapanã.

Assim, quando eu recebia compras, porque era muita compra, era muita coisa que vinha, vinha coisa de charque, eras... Ninguém levava, ninguém levava! Eu tinha vigia da noite, eu tinha de dia, eu tinha tudo.

Eu dava dois terrenos; porque era terra meu amigo! Até na Maré. Eu dava dois terrenos, um pra te morar e outro pra te vender... Quando ele queria os dois ficava com os dois, quando não, ele se desfazia. Mas eles não me enganavam, não me enganavam! Eu tinha aquela confiança, sabe, eles viam as porradas que eu fazia. Mano eu era muito da atrevida! Eu era conhecida do Hélio Gueiros como a Mulher Mão de Ferro. Eu fui. Eu não sei. Como eu te disse, eu não sei o dom, a coragem, a vontade, não sei...

Aí, sobrava muita compra, sabe o que era que eu fazia? Eu mandava comprar saquinho, botava e contava quantos alunos tinha. Pra cada um eu dava um pouco, e o resto que sobrava eu dividia entre a diretoria, dessa feita já tava chegando outra merenda. Então, não tinha necessidade... graças a Deus eu sempre tive, como pobre e tudo, trabalhei muito nessas terras, mas tudo que tu procurava, tu acredita? Eu tinha. Tudo, tudo, tudo, da fruta, batata, ariá, jurumum, melancia... tudo eu tinha. Então, eu não tinha necessidade. Meu marido trabalhava em horta, não tinha necessidade de eu ficar enganando os outros.

Aí, o exército mandou. Vinha alimento pros centros de responsabilidade. Chegou os soldados com os coisas de alimento. Eu tinha um carro som, a hora que eu quisesse mandava o homem anunciar. Me arrependi da brincadeira (risos), porque era muita gente, era muita gente. Atravessava gente do outro lado da maré pra pegar. Aí, não tinha onde levar, eles amarravam a camisa e faziam de sacola.

Briga, assalto, estupro, essas coisas que tinha dentro da área, as vezes tavam matando a pessoa sabe, iam me dizer, eu corria pra lá. Me jogavam em cima do ladrão e do assaltante, eu pedia:

- “Pelo Amor de Deus, Chama a Polícia, Chama a Polícia!”.

Polícia vinha eu livrava. Tinha homem que me chamava de mãe, sabe? Isso ficou, isso ficou, o respeito deles por mim, tô te dizendo, eras eu consegui...

Uma vez chegou um que disse:

- “Dona Nazaré é verdade que a senhora botou muita Matinta Perera pra correr?”

Eu digo: “mas quando menino, tu é doido é?”.

3.13 – O bilhete e a regularização

Tive mais uma oportunidade de acompanhar Edson até a casa da dona Nazaré. Muito gosto parece lhe causar poder remexer nos documentos e registros do passado. Inclusive, pude dizer a ela, como é bonito esse costume de nutrir o cuidado com os momentos de antes. Ela tem bastante coisa, fiquei pensando que seus documentos por si só já dariam um bom trabalho de resgate de memória. Parecia que estava esperando o momento de compartilhar aquelas coisas tão suas.

Incrível como todos os nossos ocupantes de terra, sempre denotam um semblante risonho quando relembram certas fugas, certos embates, certos enfrentamentos de guerra, e por vezes se completa com a verbalização dos seus atos, “a gente era muito doido (risos)”, eu gostava da “confusão”, essa atmosfera que quando recupera seus principais vestígios encontra a satisfação imensa por ter dividido a luta com quem precisava, “vinha e eu dava”, “a gente deu apoio pra tudo isso aqui”, “a gente foi lá e fez, com 20, fizemos com 20”.

Dona Nazaré estava muito mais forte e vigorosa, sua saúde, ainda que bem delimitada, parecia dar melhores saltos a contrastar com nosso primeiro encontro. Nosso reencontro, dessa vez, foi dentro de sua casa, uma casa bem modesta, aqueles que acompanham esse desenrolar, vão lembrar que o gosto de dona Nazaré é pelo trato com a terra, tem fortes lembranças do trabalho rural, e por isso aquele lugar lembra muito os assentamentos de camponeses. Poucos cômodos apesar do terreno grande, entramos pelo quintal, passando pela mesa onde nos encontramos da primeira vez, e já dentro da cozinha, as primeiras cordialidades. Cumprimentamos sua filha e uma outra pequena que ajuda dona Nazaré nos feitiços do cotidiano. A direita da cozinha já nos dava para sua sala, no meio havia uma mesa grande com umas dez cadeiras, percebi que isso denotava esse constante trânsito de muitas pessoas que reuniam, intercediam e conspiravam com a aquela senhora, tão parecida aquelas senhorinhas que vão às missas de domingo com seu vestidinho de bolinha azul.

Sentada estava rodeada de muitos papéis antigos, fotos, atas, etc. Um conteúdo extenso de suas memórias que envolviam a conquista das terras daquele bairro. Ficou muito contente de nos receber, com um belo sorriso pediu para que sentássemos e já começou a prosa sobre as fotos que estavam a nossa frente. Fui envolvido pela contação dos casos, e logo depois Edson pegou algumas fotos e começou a me mostrar.

Todas lembravam dona Nazaré uns 20 anos atrás. Trabalhadora rural, líder comunitária, comerciante de rosas e tucupi. As fotos nos demonstravam alguns momentos em que ela estava ou cercada de muita gente, ou então envolta em suas plantações de dar gosto. Faziam parte da vida daquela mulher, sua memória política, sua memória de trabalho e sua memória afetiva,

algumas das suas evocações materializadas em cores num papel já um pouco gasto pelo tempo, espécie de bolor que vai tomando conta da simpática primeira feição, essa ação tão odiada pelos amantes da juventude eterna, a etérea condição, o bruto desgaste do tempo e da atmosfera.

Nem preciso dizer, que já fiquei muito empolgado, afinal tinha muita vontade de poder acessar esse conteúdo, ainda que sempre fique um pouco desajeitado em pedir permissão para utilizar essas memórias tão confidenciais e particulares para um trabalho acadêmico.

Nazaré e Edson tomaram seus assentos nas asas da cegonha tempo, vôo rasante ao seu passado⁶². Ressoava na sala dois entendimentos: o deles, no caminho semelhante de ter participado “daqueles” instantes, e o meu que brincava de imaginar cada instante adormecido naquelas fotos, viajei para além-mar capturando os feitos e remendos de um outro tempo. Tempo febre, tempo esperança. Estavam sentados um de frente para o outro, seus olhares distinguiam cada palavra, cada som reverberava peculiaridades: personalidades, aproveitadores, disputas, a formação, companheiras e companheiros que se foram, festas e partilhas, assembleias, mutirões e multidões – as decisões coletivas. A hora certa, a hora que fosse, o enfrentamento, o desejo desenfreado e a glória da conquista. Tempo cosmopolitano, campo e cidade, menina e mulher. O espírito cabano, diria até a ressurreição da memória.

Aterrissaram em um plano que lembrava o caso de um campo foi doado a dona Nazaré por Avelino Pontes, disse que o terreno pertencia a CIAPESCA. Relembra que tentou montar uma escola e espaço de lazer para as crianças, as dificuldades de estrutura no local eram maiores que na associação onde funcionava em anexo um espaço para a realização das atividades formativas da infância naquela parte do complexo do Tapanã. Decidiram que voltariam para associação e o campo ficaria como espaço coletivo de lazer. Só a parte do terreno onde funcionava a secretaria é que foi doado a um morador. Comentaram sobre as certezas e as aparências do lugar. Lembraram que nesses tempos de eleição sempre surgem muitas promessas e propostas para mudar o espaço, construir e garantir estrutura, e por aquela ocasião (alguns dias atrás) surgiu uma promessa de construir nesse campo uma creche, coisa que não foi muito bem apreciada já que por mais que se queira muito uma creche, o local não lhes parece o mais adequado, uma área de esporte e lazer também é muito importante, concordavam ambos com esta ideia.

Depois de ter ouvido essas histórias e ter compartilhado aquelas imagens dos anos 1990, Edson pediu licença para tirar uma foto onde aparecia um apreciado companheiro de luta do partido, Valdir Ganzer, que em alguma oportunidade havia visitado o Tapanã. Imagino que

⁶² Leão (1999).

propositadamente ele tenha pedido para bater a foto, essa foi minha impressão, o estratagema serviu para que eu tivesse coragem de também pedir para registrar.

Foi nesse momento que dona Nazaré começou a relembrar uma de suas notas de memória favoritas sobre a conquista de terra no Tapanã. Aconteceu por ocasião da visita do presidente Sarney ao Pará, acompanhado do seu então Ministro do Desenvolvimento Agrário e da Previdência Social, Jader Barbalho. Foi um rebuliço, se juntou um cordão imenso de pessoas para saudar a vinda do ilustríssimo presidente da república às terras de Belém do Pará.

Avisaram a vinda do chefe de estado a dona Nazaré, que de pronto, corajosa como só ela, decidiu escrever um bilhete e entregar nas mãos do próprio, aliás fazia questão de deixar nas mãos do líder da nação. Quando chegou no lugar onde apareceria o presidente Sarney ficou esperando algum tempo com seu humilde papel, o bilhete em riste.

- “Égua, acho que ele não vem mais”. Relembrava e seu pensamento girava enquanto a multidão se apertava pra ver a passagem do presidente que demorava um bocado.

- “Eu pensei que ele ia passar perto de todo mundo, tocando a mão da gente”, continuou risonha.

Demora, demora, espera mais um pouco, insistente. Quando de repente apareceu o ministro e ex governador Jader Barbalho, logo depois o presidente Sarney. Se apertando entre a multidão, dona Nazaré fez de um tudo pra chamar a atenção e entregar o seu bilhete ao presidente. Conseguiu!

E ainda teve um pouco de tempo para explicar que brigava para regularizar sua terra no Tapanã. Alguns meses depois recebe uma carta onde se pode ler esse pequeno trecho:

“Tendo em vista a sua correspondência enviada ao Excelentíssimo Sr. Presidente da República, a data de 23 de novembro de 1987, na qual V. Sa. solicita solução para o problema da terra que lhe pertence, foi-nos remetido o citado expediente, a fim de que, contactando com V. Sa. possamos auxiliá-la na resolução da questão”⁶³.

Assina o documento Márcia Regina Belém Pereira da Procuradoria Geral do Estado. No final do documento pede-se que dona Nazaré compareça ao prédio da Procuradoria o mais breve possível munida de “todos os documentos que possuir relativos a terra em questão”. Ela ri sobre isso, pensa no processo que envolve a decisão e regularização das terras em Belém. De quem é a terra? O debate envolve um dos caracteres mais revolucionários da história humana, o uso e posse da terra, um dos maiores conflitos do Brasil agrário e colonial. Ela ocupava uma terra pelo direito comum ao bem público e ao trabalho produtivo, naturalmente, lutava e buscava a

⁶³ Acervo pessoal de Dona Nazaré.

regularização, inclusive documental pelo uso produtivo que havia dado a um lugar onde antes havia só floresta. Mas não tinha documentos escritos, só tinha provas do seu trabalho. Ela sorriu brevemente e disse, olha, foi muita luta.

Figura 20 – Dona Nazaré ao redor das suas plantações de rosas.



Foto de acervo pessoal de dona Nazaré, reproduzida por Lenon Victor Xavier Brasil no dia 13 de outubro de 2020.

Figura 21 – Dona Nazaré, referência de liderança no Tapanã.

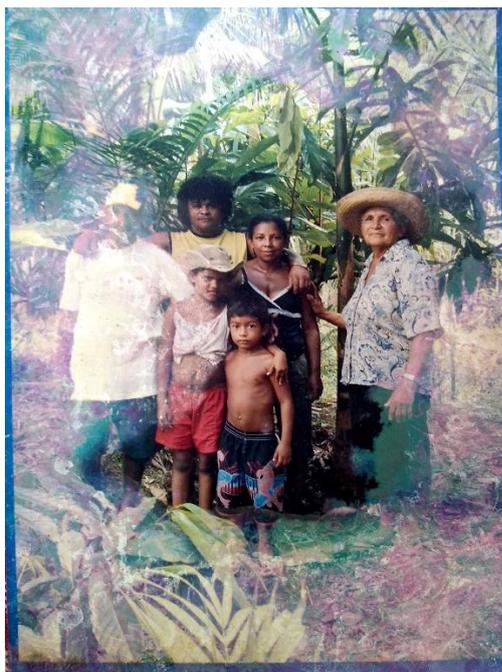


Foto de acervo pessoal de dona Nazaré, reproduzida por Lenon Victor Xavier Brasil no dia 13 de outubro de 2020.

3.14 – Transitando III – O Urubu

Aicué curí uiocó, paraná-assú sui, peruaiana, quirimbaua piri pessuí⁶⁴ (BRÁZ, 1999).

Antônio desfiava as estórias. Falou da pena que se desprende da asa do uruburei e que dá felicidade (JURANDIR, 2004, p. 346).

Leskov (2014), no conto A Alexandrita, fala que as forças das pedras já não têm mais nada o que nos dizer. Vários espíritos que povoavam o nosso mundo já deixaram essa órbita e se escondem nas discrepâncias do entretempo. Ailton Krenak também discute o papel da experiência para a valorização de um outro conceito de natureza e humanidade que supõe, principalmente, o deslocamento do ser humano como centro da origem da vida, segundo ele os seres humanos se acharam no direito de consumir e ocupar todos os minúsculos recantos do mundo, como se tudo ao redor estivesse à disposição. Para sobreviver, Krenak conta que respira “a memória profunda da terra” (KRENAK, 2019, p. 14) contida na resistência dos povos e também no cosmo que respira e alimenta os saberes: “tudo o que chamam de natureza é uma experiência que não vejo ser valorizada por muita gente que vive na cidade. Já vi pessoas ridicularizando: ‘ele conversa com árvores, abraça árvores, conversa com o rio, contempla a montanha’, como se isso fosse uma espécie de alienação. Essa é a minha experiência de vida. Se é alienação, sou um alienado” (KRENAK, 2020, p. 10 e 11).

Comungo destes pensamentos para discutir o desenraizamento provocado pelo choque cultural de uma economia de livre mercado. Galeano (1979) demonstrou este baque em um dos seus mais belos livros “As Veias Abertas da América Latina”, e que, *por supuesto*, gerou muita polêmica pelo modo poético com que tratou a história da *Latinoamérica*. No capítulo intitulado *História da Morte Prematura*, nosso autor informa alguns dados sobre a entrada de capitais europeus (principalmente ingleses) que inundaram o mundo comercial da América Latina e destruíram, no século XIX, a perspectiva de uma indústria doméstica:

O comercio livre enriquecia os portos que viviam da exportação e aumentava em muito o nível de esbanjamento das oligarquias, ansiosas por desfrutar de todo o luxo que o mundo oferecia, porem arruinava as incipientes manufaturas locais e frustrava a expansão do mercado interno (GALEANO, 1979, p. 191).

Com a entrada de capitais vemos à porta inúmera quantidade de mercadorias manufaturadas, seguindo seu rumo, convidados de honra do capitalismo: a cultura industrial, o

⁶⁴ “Vai aparecer do rio maior, o maior e mais poderoso inimigo de vocês”.

consumo de massa e a urbanização aos moldes ocidentais. Tudo que está na nossa frente passa a ser racionalizado segundo uma ordem maior de utilidade (ir)racional e de desejo compulsivo de *ter*. A América entrou em mais uma fase de choque com suas principais raízes.

...

Nas visitas ao Tapanã, de ônibus, passando rápido por vários pontos, as vezes é difícil distinguir os detalhes da paisagem. Mas, numa manhã de sol ameno, distraído, uma imagem me pegou de cheio, e se fixou na minha memória por algum tempo, até que eu pudesse escrever sobre ela e desde então torná-la livre. Em meio a escombros de uma antiga industria na Rodovia Arthur Bernardes, no topo de uma das torres, provavelmente o pilar de um salão grande, vi de relance um guerreiro dos tempos. Estava com asas abertas e um profundo olhar sobre a Baía do Guajará.

Um Urubu, “alguém que recolhe os despojos da cidade para os quais ninguém volta os olhos e o vento dispersa” (BOSI, 2013, p. 29). Aquele pássaro que se alimenta de restos e carniças, mas não só. O Urubu também é prenuncio de tempestade, de toró. São capazes de voar em bando, levando mensagens de chuva forte, anunciando a vinda das águas grandes. O urubu é um pássaro típico das periferias de Belém, convive muito de perto com os moradores da cidade, ainda que rejeitado por muito, é parte crucial e constante da paisagem. A negação dele, do pássaro preto que lembra pobreza, diz muito sobre como enxergamos o fenômeno que está ao nosso redor. Quem sabe se a negação dele não significa a nossa própria negação.

Alguns inocentes poderiam dizer que é muito comum ver um Urubu com asas abertas donde o vento surge com força. Naquele momento não me pareceu nada comum. Pelo contrário, tenho certeza, ele se preparava para uma guerra. Aquelas de quando o colonizador pisa nessas terras pela primeira vez, falando e impondo novas línguas. Estava a espera do novo combate contra o passado encruado. Aquele pássaro surgira para se manter em guarda, quem sabe veio sondar a esperança de que o grito de *Liberté, Egalité, Fraternité* já tenha feito algum sentido para o desenvolvimento social da Amazônia. Talvez vislumbrava o recado da ode burguesa. Liberdade para vender e comprar - inclusive a si mesmo, igualdade entre todos e mais igualdade entre poucos, fraternidade entre os possuidores de coisas.

A imagem durou uns 3 segundos, na minha mente ainda ficou um ou dois dias inteiros. Mas depois, tomou seu rumo e se foi. Aquele Urubu olhava para as águas turvas do Guajará e lembrava dos destroços, dos rostos com expressão apática e da mensagem enviada por Tupana: “o maior e mais poderoso inimigo de vocês...”. O Urubu se tornou um símbolo, talvez um aviso, de que novamente as terras do além-mar estavam em intensa disputa contra o colonialismo e seu extermínio de massa.

Figura 22 – Urubu, pássaro presente no cotidiano das periferias belenenses.



Fonte disponível em: <https://animais.culturamix.com/informacoes/aves/porque-os-urubus-voam-tao-alto>

...

Qual susto me tomou quando por pura curiosidade estava pesquisando algumas referências sobre “O tempo vivo da memória” (BOSI, 2013), e acabei encontrando profunda consistência e similitudes ao combate do Urubu. Não posso lhes dizer ao certo os caminhos, mas fui atraído para uma página na internet que mostrava um quadro de Max Ernst que retrata um sintoma da catástrofe fascista.

Disque *The Fireside Angel* é uma das mais fortes pinturas políticas de Ernst e que retrata, segundo o próprio pintor, o momento em que as forças republicanas estavam perdendo o combate para os conservadores fascistas na Espanha do final dos anos 1930. Para ele era um prenúncio de voracidade: “um monstro terrível que bota abaixo e destrói tudo o que vê em seu caminho. Foi esta a impressão que tive, à época, sobre o que iria acontecer no mundo, e eu estava certo”.

Palavras arrastadas e trazidas pelo grande *The Fireside Angel* não distinguem as mudanças civilizatórias dos tempos modernos, das quais a Europa, no século XIX, tanto se convencia de que levava ao mundo.

- “Burn it all! All for sale!⁶⁵”, repetia e repetia o “monstro terrível” que havia absorvido todo o ímpeto da frustração moderna.

⁶⁵ Uma tradução livre seria: *Queime Tudo! Tudo está à venda!*.

Seus comandos financeirizados, ardentemente venerados, cingem a célula *madre* das fissuras temporais; mais adiante constroí um grande muro paradigmático para a frieza dos pobres bárbaros *deusitos*: foi depois de quando assombrou o mundo lançando duas bombas atômicas – é possível autoexterminar-se Dr. Fantástico⁶⁶?!

Figura 23 – The Fireside Angel, Max Ernst.



Fonte disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/328973947759061656/>

....

No dia sete de outubro de 2018, a noite, depois da apuração do primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras, havia tido um encontro com uma força semelhante a que senti quando vi o Urubu. Fui tomado por uma sensação inominável.

- “Nunca senti uma coisa dessa, é como se uma longa tempestade se aproximasse”, disse a uma amiga.

Naquela noite de céu invisível, só conseguia ver o nosso pássaro preto ao encontro dos escombros de mil sociedades alucinantes, dessas que aportam máquinas e ideias ao longo da Amazônia.

No dia 28 de outubro, segundo turno das eleições. Estava na casa do meu irmão, antes mesmo da apuração já tínhamos certeza do resultado. Bebíamos para esquecer. Como podia ser? Já era noite quando um grito ensandecido de prazer veio de umas da vizinhas. Lembro bem da sua deixa:

⁶⁶ Referência ao longa metragem dirigido por Stanley Kubrick, lançado em 1964. O filme também chamado Dr. Fantástico (Dr. Strangelove na versão em inglês) relata as tensões de uma possível terceira guerra mundial.

- “Agora é a nossa vez, agora é a vez dos empresários...”.

E comemoravam sua vitória. Aquela gente culta e muito sabida decidiu que para saudar a vinda dos escombros deveriam ouvir a saudosa e boa Música Popular Brasileira. E passaram a escutar uma sequência inteira de Gonzaguinha.

Quem me dirá onde está
 Aquele moço fulano de tal
 (Filho, marido, irmão, namorado que não voltou mais)
 Insiste os anúncios nas folhas
 Dos nossos jornais
 Achados perdidos, morridos
 Saudades demais
 Mas eu pergunto e a resposta
 É que ninguém sabe
 Ninguém nunca viu
 Só sei que não sei
 Quão sumido ele foi
 Sei é que ele sumiu
 E quem souber algo
 Acerca do seu paradeiro
 Beco das liberdades
 Estreita e esquecida
 Uma pequena marginal
 Dessa imensa Avenida Brasil.⁶⁷

Parece até mentira, né? O assassinato da memória. Como bem se sabe Gonzaguinha era muito conhecido pelas suas visitas ao DOPS, seu pai Luís Gonzaga dizia que ele fazia música de comunista. Eu não sabia se havíamos chegado ao cume da ignorância ou do escárnio.

...

De alguma forma o passado pode nublar-se em sonho, e 100 milhões de mortos abarrotam as prateleiras do comércio em livros, best-sellers, filmes e narrativas de grandiosidade. Passei a enxergar no urubu solitário a visita daqueles combatentes dos moinhos de vento na Arthur Bernardes, seringueiros, negros e índios fugidos, construtores da cidade, soldados da Amazônia. Onde será que o urubu mora? Ou será que se esconde e quando vêm nunca diz ao certo o que viu? Enigmático, atordoado que esteve nas trilhas e rotas de fuga. Temporadas inteiras envolto no mistério das noites de “lua sonâmbula” (MENEZES, 1953).

Como deve se comportar alguém que carrega consigo a mais horripilante mensagem? “Vai aparecer do rio maior, o maior e mais poderoso inimigo de vocês”. Eis que numa daquelas casualidades em que grandes eventos se conectam, o grande passaro negro (uru-bu) reaparece. Reaparece na sombra intensa de passos ruidosos contradizendo a verdade oficial, espreitando todas as contigências sem aparente resposta, trazendo a mensagem das vertigens profundas.

⁶⁷ GONZAGUINHA. Achados e Perdidos. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gonzaguinha/463843/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Thompson (1992) é um grande defensor das inúmeras formas em que o trabalho com a memória pode ser realizado, instiga que podemos compreender através desta substância social os sentidos mais íntimos do público e do privado na sua imensa diversidade. Inclusive abre a possibilidade para a escrita e sistematização da História da Família. Conjuntamente a pesquisa de mestrado, coletando memórias sobre a constituição do bairro Tapanã, realizei alguns retornos de memória com mulheres da minha família, moradoras do bairro da Matinha nos anos 1970 e início dos anos 1980, remanejadas para o conjunto Promorar quando da macrodrenagem da bacia do una e consequente abertura de estradas.

O principal sobre isso é que tendo testado sobre o retorno de memória sobre a vida na baixada, recuperei as experiências de pessoas muito importantes que passaram pela minha família e que já não estão nesse plano. Inclusive, os textos que se referem a um menino jovem e a uma mãe (dona menina) tratam-se de escritos provenientes dessas conversas e exercícios com minha família. Recuperação de experiências guardadas carinhosamente, retratos de momentos com meu tio e minha avó que já faleceram, e também com aqueles que foram compadres e vizinhos nas labutas diárias e que tomaram seus rumos na vida.

De certa forma me apeguei às cenas da cidade, com marcas íntimas do conjunto onde moro ou dos lugares onde mais frequento. Quando eu tinha uns 12 anos, de noite, era comum ir visitar a casa do meu tio com minha avó. Fica nas proximidades da nossa casa, no mesmo conjunto. Quando se mudaram da Matinha, da tão falada três de maio pro Promorar, se dividiram em duas casas, correspondia ao número de famílias dentro de um núcleo familiar. Meu tio foi morar há umas 7 ruas depois. Quase todas as noites minha vó fazia questão de visitá-lo. Nunca fez segredo do apreço que tinha pelo primogênito. Todos os outros filhos, 1 filho e 2 filhas, não implicavam ciúme nesse gostar sobremedida, também davam grande importância na figura patriarcal que o irmão tinha assumido. “Ele ajudou a criar a gente, é como se fosse um pai”, diversas e diversas vezes minha infância teve contato com relatos dessa natureza. Diversas vezes acompanhei minha avó nessas visitas noturnas.

Ela tomava um café e se tivesse alguma janta apetitava um bocado. Conversávamos sobre presepadas e afins, e ela sempre preocupada em saber como ele estava, e como andavam as coisas nas casas, a educação dos filhos, as despesas, se a comida estava farta. As vezes nem demorava muito, como se tivesse que bater o ponto ou como se a visita na casa do filho reanima-

se o fôlego pro dia seguinte. A volta, caminhada lenta pela Avenida Oeste, era recheada com a presença de um vento gostoso que fazia minha vó corar.

- “Ventinho bom, assim que eu queria que fosse dentro de casa”.

Ecléa (2012) relata uma bela passagem sobre as pedras em frente ao teatro municipal que reavivaram sua infância, e fala dessa capacidade latente de lugares de memória numa cidade. Esse mesmo vento é transportador de memória, consegue fincar espaço, tirar do esconderijo esse sentimento de outrora. Certo dia fui no mercadinho e o caminho é o mesmo, a mesma rua que dá para casa do meu falecido tio. A chuva daquele dia trouxe quase o mesmo ventinho, aliado com a brisa do mar da baía do Guajará e um afago de memória da minha falecida vó. Do meu quarto quase não consigo senti-lo, me peguei proferindo a mesma reclamação: “dentro de casa é abafado que dói”. Descobri que os esconderijos das minhas experiências estão vivos com ela, mais do que poderia concluir uma análise rápida e vulgar. Será que consegui fazer compreender o quanto o passado mora em ti?

O mesmo ou semelhante sentia nos olhares dos memorialistas quando lembraram das ocupações e dos pontos de memória, para dona Nazaré a relação visceral com a Associação dos Moradores lugar que fincou seu nome fundo naquela terra. Para João Radical as ruas que cortou e deu nome na ocupação Nahuel Moreno. Antônia Salgado suspirou um sorriso franco quando falou da Unidade de Saúde do Tapanã. O sentido é de ter cuidado ao máximo que pode de um filho-subúrbio, um rebento coletivo. A criação de uma cidade saída dos cueiros e que decide correr mundo, vagomundo, nas esteiras da realidade complexa do mundo moderno no século XXI.

No fundo a relação visceral com o território é tamanha que mesmo na intenção de mudar-se, de vender a casa para ir morar em um lugar pretensamente mais calmo, a aliança com as memórias do passado integra o pertencimento no mundo, a própria justificativa do devir e da existência. Quando perguntei ao Edson Muniz se ele ainda estava pensando em sair do Tapanã para ir morar em Cotijuba, onde a filha foi trabalhar e construir família, senti quase como se tivesse o ofendendo. Paradoxal, lembrás que diversas vezes os vi e ouvi falando do desejo de mudar. Parece quando a gente fala da nossa família, e só a gente tem o direito de escrachar os mal feitos. Edson me olhou e disse: “eu? eu mesmo não.”

...

As experiências com a memória não possuem um código de execução para que se possa alcançar certos pontos de destino, retornos do passado. Vale lembrar a ideia dos profissionais do teatro, acessar certas emoções e momentos pode trazer à tona traumas escondidos ou sistematicamente trancafiados. O pesquisador ou grupo de pesquisadores, deve ter, consoante

ao debate de saúde, a compreensão do momento, do lugar e das relações dos seus entrevistados, de outra forma, tendo saído da sua entrevista, feliz de ter colhido material que lhe garantirá boas análises, terá deixado feridas abertas e sementes mal cuidadas.

Por isso o retorno da memória, sistemático, grupal, autóctone, provocado por toda uma comunidade, deve necessariamente, estar aliado com um grupo variado de profissionais: geógrafos, psicólogos, historiadores, médicos, sociólogos. As memórias bem tratadas são ponto de saúde irrevogável, do qual não podemos negligenciar. Estou convencido de que em cada posto de saúde deve haver essa gama de profissionais, entendendo os aspectos da saúde do corpo e da mente ligados à memória. Economizaríamos em químicos, resolveríamos conflitos de famílias e ainda garantiríamos um sentido de pertença que está na base do respeito democrático do qual, tenho certeza, é uma das vias para a superação da violência. Sem trabalhar a memória, que é trabalhar o sentido do trabalho nas comunidades, bairros e famílias, não será possível superar os traumas coletivos deixados por séculos de exploração.

Estive afeito a uma ideia singular. A vontade de contar as memórias a partir de contos foi um desafio que impus a mim, talvez como vontade individual de aliançar à pesquisa um estudo literário que tenho feito com tanto gosto, crente da sua importância para o entendimento do passado. E escrevi, também, com vontade de atingir efeitos terapêuticos: ajudar a comedir os fantasmas causados pela sociedade que fez para si um bezerro de ouro e o cultivava com grotesca sedução.

Quase sempre que lia ou trabalhava com memórias, escrevendo, imaginando, criando, me emocionava bastante, interligava-se nas minhas experiências um processo voluptuoso: trabalho passado transfigurado ontologicamente no presente, reconhecimento de opressões, unidade de classe, tarefa histórica. Os movimentos sociais chamam esse processo de Mística. O processo de pesquisa e escrita da memória revigora intensamente a mística, é místico.

A pesquisa abriu possibilidade de casar os estudos da monografia com a dissertação, análises em que a economia política estava combinada com os aspectos das memórias de uma metrópole na Amazônia. Insisti na lembrança, e por isso acusei diversas vezes as rodovias Augusto Montenegro e Arthur Bernardes, elas não transportam só mercadorias e pessoas, transportam possibilidades, valorização e degradação. Não à toa algumas indústrias foram financiadas para, além de produzir, controlar os usos do solo e das águas, tão fundamentais para a dinâmica econômica de uma cidade ribeirinha como é Belém. Portanto, para posteriores estudos, com possibilidade de submissão de proposta de tese para um curso de doutoramento em Economia Política ou em História Social, pretendo estudar a História da Rodovia Arthur

Bernardes, e a sua importância para a formação dos bairros nos redores, o que inclui continuar estudando o Tapanã.

Para findar. Havia colocado uma reflexão no texto apresentado à qualificação que retirei posteriormente por falta de conclusão e de entendimento sobre a perda da narrativa. Havia dito que as brincadeiras estão sumindo... Será? Ou estão em transformação?

A arte de narrar aproxima-se do seu fim porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Mas este é um processo que vem de longe. E nada seria mais tolo do que ver nele um ‘sintoma de decadência’, e muito menos de uma decadência ‘moderna’. Ele é muito mais um sintoma das forças produtivas seculares, históricas, que expulsam gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo, conferindo, ao mesmo tempo, uma nova beleza ao que está desaparecendo (BENJAMIN, 2012^a, p. 217).

Achei essas palavras assim reunidas tão fortes que já pensei até em gravá-las na memória, arranha-las no céu da consciência. Epitáfio da comédia humana: foi resultado (sintoma) das forças produtivas seculares. Tanta impressão me causou que decidi incluir a citação no final, mesmo que esteja em dissonância com os bons modos das considerações finais em trabalhos acadêmicos. Juro-lhe, ainda tentei desdizer essa lógica, mas o senso das ondas lentas de Braudel fez recuar o instinto imediatista e arrebataram minhas argumentações. Preferi, por hora, acompanhar o desenrolar dos efeitos da perda da narrativa na formação do gênero humano. Só poderia dizer, com sabor das palavras de Brecht: aos que virão depois de mim, cuidado.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABELÉM, Auriléa G. **Urbanização e remoção: por que e para quem?**. 2. ed. Belém: NAEA, 2018.
- AMADO, Janaína. **O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral**. História, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995a.
- _____. **Região, Sertão e Nação**. Revista Estudos Históricos, v. 8, n. 15, Rio de Janeiro, 1995b. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1990>. Acesso em: 14 ago 2020.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 10 ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- Associação Comunitária Maria de Nazaré. **Caderno de Atas**. Acervo pessoal, Belém, 1990.
- ASSIS, Machado de. **Pai Contra Mãe**. In: *Obra Completa*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1992.
- BALZAC, Honoré de. **A Comédia Humana – Ilusões Perdidas**. Tradução de Gomes da Silveira e Vidal de Oliveira. Porto Alegre: Globo, v. VII, 1954.
- BELÉM. **Anuário Estatístico de Belém 2012**. Disponível em: www.belem.pa.gov.br/transparencia/wp-content/uploads/2017/06/2_01_Demografia.pdf
- BELTRÃO, Jane Felipe; LACERDA, Paula Mendes (Org.). **Amazônias em Tempos Contemporâneos: entre diversidades e adversidades**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2017.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012a. (Obras Escolhidas v.1)
- _____. **Rua de mão única**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012b. (Obras Escolhidas v.2)
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 17. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. **O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social**. 3. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Tradução: David Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRAGA, Elizabeth dos Santos. **O Trabalho com Literatura: Memórias e histórias**. Em: *Cadernos Cedes*, ano XX, nº 50, abril, 2000, p. 84-102. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n50/a07v2050.pdf>.
- BRÁZ, França de Oliveira (Baré). **Nós não éramos índios**. In: *Povos indígenas do Brasil*, 1999.

Disponível em:
 pib.socioambiental.org/pt/%22N%C3%B3s_n%C3%A3o_eramos_%C3%ADndios%22.

CÂNDIDO, Antônio. **O Direito à literatura**. In: Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARMONA, Karen Monteiro; MATTA, Milton Antonio da Silva; CAVALCANTE, Itabaraci Nazareno; ASSIS, Fernando Pina; CRISTO, Luiz Carlos Ferreira de; VASCONCELOS, Yuri Bahia de. **Ocupação Urbana da Bacia do Mata Fome**, Belém-Pa e sua relação com a qualidade das águas superficiais e subterrâneas. XVI Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas e XVII Encontro Nacional de Perfuradores de Poços, São Luís, 2010. Disponível em: <https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/view/23124>.

CASTRO, Lara. **Lugares de Memória dos Trabalhadores**: Hospedaria Tapanã, Belém (Pa). Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho, 2020. Disponível em: <https://lehmt.org/2020/07/30/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-44-hospedaria-tapana-belem-pa-lara-de-castro/>

COMISSÃO DOS BAIRROS DE BELÉM. **O oprimido está cada vez mais consciente e organizado**. 1980. Disponível em:
www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PICBBPA011979000.pdf

CRUZ, Ernesto. **História de Belém**. Belém: Ed. da UFPA, 1973. 2. v. (Coleção amazônica. série José Veríssimo).

ENGELS, Friedrich. **A Situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1985 (Coleção polêmicas do nosso tempo).

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GALEANO, Eduardo H. **As Veias Abertas da América Latina**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GEERTZ, C. **O Mundo em Pedacos**: cultura e política no fim do século. In: Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro – RJ - Editora Zahar, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- _____. **O Queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Fausto: uma tragédia.** 6 ed. bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2016.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. **História científica, história contemporânea e história cotidiana.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 13-38, 2004.
- GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **O Posseiro da fronteira: camponato e sindicalismo no sudeste paraense.** Belém: NAEA, 2001.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará.** Belém: Ed. da UFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.
- _____. **Chove nos Campos de Cachoeira.** 3ª ed. Belém, Pa: Cultural CEJUP, 1991.
- _____. **Três casas e um rio.** Belém: CEJUP, 1994.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- _____. **O Amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LEAL, Aluizio. **Sinopse histórica da Amazônia.** In: TRINDADE, José R.; MARQUES, Gilberto (orgs.) Revista de Estudos Paraenses, edição especial – IDESP. Belém, 2010.
- LEÃO, Roberto Queiroz de. **Maguary: vôo ao seu passado.** Ananindeua, 1999.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1990. (Coleção repertórios).
- LENIN, Vladimir Ilitch. **O Imperialismo: fase superior do capitalismo.** 5 ed. São Paulo: Global, 1989.
- LESKOV, Nikolai. **A Fraude e outras histórias.** 2. Ed., São Paulo: Editora 34, 2014
- LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre Literatura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MARTINS, José de Souza. **O tempo da fronteira: Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira.** In: Tempo Social, Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86141/88825>.
- _____. **Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo:** São

- Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. In: A Revolução antes da Revolução, vol. II. Coleção Assim Lutam os Povos, São Paulo, Expressão Popular, 2008.
- _____. **O capital**: crítica da Economia Política. 27 ed. Livro I, Vol. I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- _____. **Para a crítica da Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982 (Os Economistas).
- MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **Manifesto do Partido Comunista**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MEDEIROS, Maria Lúcia. **Velas. Por quem?**. (Belém): Cultural CEJUP, 1990.
- MELLO, Thiago de. **Melhores poemas Thiago de Mello**. São Paulo: Global, 2009.
- MENEZES, Bruno de. **Lua sonâmbula**: poemas. Belém: Falangola, 1953.
- MENDONÇA, Valmiki. **Tapanã**: a hospedaria do diabo. Prefácio por Gilberto Freyre. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1983.
- MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**. 1 ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará**. Belém: Amazônia, 2005.
- _____. **Verde Vagomundo**. 3ª ed. Belém, Pa: Cultural CEJUP, 1991.
- MOURÃO, Leila. **O conflito fundiário em Belém (1960-1980)**: a luta pela terra de morar ou de especular. 1987. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 1987.
- _____. **Memórias da Indústria Paraense**. XII Congresso Brasileiro de História Econômica, 28 a 30 de agosto, Niterói, 2017. Disponível em: <http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/10%20Mem%C3%B3rias%20da%20ind%C3%BAstria%20Paraense.pdf>
- MUNIZ, João de Palma. **Patrimônio dos Conselhos Municipais do Estado do Pará**. Lisboa, Paris, 1904.
- ORWELL, George. **A Revolução dos bichos**. Paraná: UENP, 2015.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. **A Cultura, as cidades e os rios na Amazônia**. Revista Ciência e Cultura, vol. 58, n. 3, São Paulo, 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000300013.
- PENTEADO, Antônio R. **Belém do Pará**: estudo de geografia urbana. Belém: UFPa - Imprensa Universitária, 1968. 2.v.

- PETIT, Pere. **Reflexões sobre as “rodas de conversa” como fonte para o estudo dos movimentos sociais**. Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2012. Disponível em: <<http://www.encontro2012.historiaoral.org.br>>. Acesso em: 28 de junho de 2019.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- PLATÃO; NUNES, Benedito; PINHEIRO, Victor Sales (org.). **O Banquete**. 4. ed., rev. e bilíngue. Belém: EDUFPA, 2018.
- PORTELLI, Alessandro. **Entrevista com Alessandro Portelli**. Revista Historiar, Universidade Estadual Vale do Acaraú, v.4, n.4, 2011. Disponível em: http://www.uvanet.br/hist/janjun2011/alessandro_portelli.pdf.
- _____. **O que faz a história oral diferente**. Revista Projeto História. São Paulo, v. 14, 1997.
- RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2007.
- ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era**. In: Amado, Janaína; Ferreira, Marieta (Orgs). Usos & abusos da História Oral. 8. Ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.
- SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SANTOS, Emmanuel Raimundo Costa. **História da Cidade de Belém: intervenções urbanísticas e produção do espaço da orla fluvial**. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 24 a 30 de julho, São Luís, 2016. Disponível em: http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467578458_ARQUIVO_Historia_Cidade_Belem_ENG2016.pdf
- SCHAFF, Adam. **História e verdade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe, História e Memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura**. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: UNICAMP, 2003a.
- _____. **O testemunho: entre a ficção e o “real”**. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: UNICAMP, 2003b.
- _____. **Reflexões sobre a Memória, a História e o Esquecimento**. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: UNICAMP, 2003c.
- SILVA, Maria do Socorro Rocha. **Medo na cidade: um estudo de caso do bairro da Terra Firme**

em Belém/PA. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Belém, 2011.

SOUZA, João Carlos de. **Na Luta por Habitação**: a construção de novos valores. São Paulo: Educ, 1995.

TAVARES, Luiz Demetrio Juvenal. **Serões da mãe preta**: contos populares para crianças. Pará: Typhographia de Alfredo Silva, 1896. Disponível em: <http://fcp.pa.gov.br/acervodigital/seroesdamaepreta/seroesdamaepreta/assets/basic-html/page-1.html#>

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul Richard. **A Voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TIERRA, Pedro. **Poemas do Povo da Noite**. 3. Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2010.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **Formação metropolitana de Belém (1960 - 1997)**. Belém, Pa: Paka-Tatu, 2016.

TROCATE, Charles. **1993**. Marabá: Editorial Iguana, 2015.

VALLADARES, Lícia do Prado. **Passa-se uma casa**: análise de remoção de favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Trad. Maria Encarnación Moya. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

ENTREVISTAS

ALVES, Sheila. Entrevista realizada em 06 de agosto de 2019, ex-moradora da 3 de Maio, remanejada para o conjunto habitacional da COHAB Promorar em 1984, em Val-De-Cães

FAVACHO, Maria de Nazaré Nascimento. Entrevista realizada em 14 de janeiro de 2020, moradora da área de ocupação Jardim Tapanã.

MUNIZ, Marlúcia. Entrevista realizada em 7 de agosto de 2019, moradora de área de ocupação Parque Modelo.

PINHEIRO, João Gonçalves. Entrevista realizada em 31 de julho de 2020, morador da área de ocupação Cabanos.

SALGADO, Maria Antônia Soares. Entrevista realizada em 17 de agosto de 2020, moradora da área de ocupação Novo Benguí.